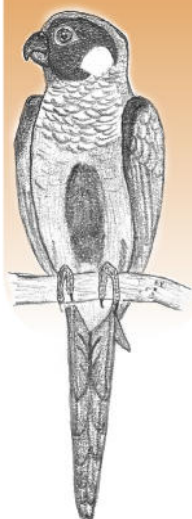


**PLANO DE AÇÃO NACIONAL PARA A
CONSERVAÇÃO DAS AVES
DA CAATINGA**

1ª EDIÇÃO

Série Espécies Ameaçadas nº32



PLANO DE AÇÃO NACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DAS AVES DA CAATINGA

1ª edição

Série Espécies Ameaçadas nº 32



2018

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidente
MICHEL TEMER

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE

Ministro
EDSON GONÇALVES DUARTE

Secretário Executivo
ROMEU MENDES DO CARMO

Secretário de Biodiversidade
JOSÉ PEDRO DE OLIVEIRA COSTA

Diretor do Departamento de Conservação e Manejo de Espécies
UGO EICHLER VERCILLO

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Presidente
PAULO HENRIQUE MAROSTEGAN E CARNEIRO

Diretor de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade
MARCELO MARCELINO DE OLIVEIRA

Coordenadora Geral de Estratégias para Conservação
ROSANA JUNQUEIRA SUBIRÁ

Coordenadora de Identificação e Planejamento de Ações para Conservação
CAREN CRISTINA DALMOLIN

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade
Coordenação Geral de Manejo para Conservação
EQSW 103/104 - Centro Administrativo Setor Sudoeste - Bloco D - 1º andar
CEP 70670-350 - Brasília/DF - Tel: 61 3341-9055 - Fax: 61 3341-9068

www.icmbio.gov.br



PLANO DE AÇÃO NACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DAS AVES DAS DA CAATINGA

1ª edição

Série Espécies Ameaçadas nº 32

ORGANIZADORES

Diego Mendes
Antonio Eduardo Araujo Barbosa
Andressa Bárbara Scabin
Antônio Emanuel Barreto Alves de Sousa

AUTORES DOS TEXTOS

Caio Graco Machado
Helder Farias Pereira de Araujo
Rômulo Romeu Nóbrega Alves
Fábio de Paiva Nunes
Ilyene Tenório Lopes
Diego Mendes

BRASÍLIA, 2018

PLANO DE AÇÃO NACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DAS AVES DA CAATINGA

ORGANIZADORES

Diego Mendes
Antonio Eduardo Araújo Barbosa
Andressa Bárbara Scabin
Antônio Emanuel Barreto Alves de Sousa

MAPAS

Marício Cavalcante dos Santos
Roberta Lucena

APOIO

Projetos PROBIO e PROBIO II/MMA

REVISÃO TÉCNICA

João Luiz Xavier do Nascimento
Fátima Pires de Almeida Oliveira

AUTORES DAS FICHAS DAS ESPÉCIES

AUTORES DOS TEXTOS

Caio Graco Machado
Helder Farias Pereira de Araújo
Rômulo Romeu Nóbrega Alves
Diego Mendes

AUTORES DO TEXTO

O periquito-cara-suja (*Pyrhura griseipectus*)
Fábio de Paiva Nunes
Ilyene Tenório Lopes

ILUSTRAÇÃO DA CAPA E VINHETA

Fabricio Mendes
Santos D'Angelo Neto

EDIÇÃO GRÁFICA

Alan Victor do Nascimento

Alan Loures-Ribeiro
Andrei Langeloh Roos
Caio Graco Machado
Diego Mendes
Edson Ribeiro Luiz
Elivan Arantes de Sousa
Erich Mariano
Francisco N. Sagot-Martin
Helder Farias P. de Araújo
João Luiz Xavier do Nascimento
Juan Ruiz-Esparza
Lemuel Oliveira Leite
Luís Fábio Silveira
Marcos Pérsio Dantas Santos
Mauro Guimarães Diniz
Rachel Lyra Neves
Rômulo Ribon
Severino Mendes de Azevedo Junior
Sônia Aline Roda
Wallace Tellino Junior
Weber Andrade de Girão e Silva

APOIO

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento/PNUD e Projeto PROBIO II/MMA

Plano de ação nacional para a conservação das aves da Caatinga/ Caio Graco Machado, *et al.*... [et al.]; organizadores, Diego Mendes, Antonio Eduardo Araújo Barbosa, Andressa Bárbara Scabin & Antônio Emanuel B. Alves de Sousa – Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio, 2018.

136 p.: il. Color.; 29,7 cm. (Plano de ação nacional para a conservação das aves da Caatinga)

Conteúdo: Caio Graco Machado - Helder Farias P. Araújo - Rômulo Romeu Nóbrega Alves - Fábio de Paiva Nunes - Ilyene Tenório Lopes - Diego Mendes - Alan Loures Ribeiro - Andrei Langeloh Roos - Edson Ribeiro Luiz - Elivan Arantes de Sousa - Erich Mariano - Francisco N. Sagot-Martin - João Luiz Xavier do Nascimento - Juan Ruiz-Esparza - Lemuel Oliveira Leite - Luís Fábio Silveira - Marcos Pérsio Dantas Santos - Mauro Guimarães Diniz - Rachel Lyra Neves - Rômulo Ribon - Severino Mendes de Azevedo Junior - Sônia Aline Roda - Wallace Tellino Junior - Weber Andrade de Girão e Silva.

ISBN: 978-85-61842-78-9

1. Preservação, espécies. 2. Aves, ameaçadas. 3. Conservação, espécie. I. Título. II. Coleção. III. Série.

CDD - 591.68

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade
Coordenação Geral de Manejo para Conservação
EQSW 103/104 - Centro Administrativo Setor Sudoeste - Bloco D - 1º andar
CEP 70670-350 - Brasília/DF - Tel: 61 3341-9055 - Fax: 61 3341-9068
<http://www.icmbio.gov.br>



APRESENTAÇÃO

Mosaico de paisagem, alta biodiversidade, diversificada em manifestação cultural e endêmica do Brasil, a Caatinga é um dos ecossistemas mais ameaçados do mundo. Estima-se que desde o início da colonização, no Bioma até os dias atuais, entre 68% e 80% da cobertura vegetal original foi modificada, principalmente em função de queimadas e a retirada de madeira para uso como lenha e carvão. Atualmente, estes insumos correspondem a 30% da matriz energética usada nas indústrias da região e constitui a principal ameaça à biodiversidade deste Bioma. As grandes indústrias, siderúrgicas, os polos gesso e cerâmico, são os maiores responsáveis pelo fomento à fragmentação e redução da qualidade dos habitats, e constituem o principal fator de pressão que incide sobre a fauna ameaçada de extinção.

Com o propósito de minimizar estas e outras ameaças, o ICMBio vem estabelecendo redes de parcerias, criando sinergias e maximizando esforços para implementação de medidas de proteção e conservação do Bioma e de suas espécies ameaçadas, na forma de um dos seus instrumentos de conservação: os Planos de Ação Nacional para Conservação da Biodiversidade e do Patrimônio Espeleológico - os PANs.

Na Caatinga, os PANs já elaborados abrangem desde ambientes como as áreas cársticas da Bacia do Rio São Francisco até organismos animais e vegetais, entre os quais destacam-se vertebrados carismáticos como a ararinha-azul, a arara-azul-de-lear, o soldadinho-do-araripe, o tatu-bola, as onças parda e pintada, além de primatas, cervídeos, pequenos felinos e grupos de vegetais como cactáceas e sempre-vivas.

O Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Caatinga – PAN Aves da Caatinga vem se somar a essa estratégia. Entretanto, a sua atuação direciona esforços também para algumas espécies que são tipicamente da Floresta Atlântica, mas que apresentam ocorrência para a os Brejos de Altitude Nordestinos, áreas de enclaves de Mata Atlântica em plena região semi-árida cercada por vegetação de caatinga, que abriga um grande número de espécies endêmicas. Além disso, o PAN Aves da Caatinga, enfoca o periquito-cara-suja, espécie cuja conservação é prioridade para as comunidades locais.

Este PAN consolida-se, portanto, como uma grande rede de trabalho, sob a coordenação do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação das Aves Silvestres, CEMAVE/ICMBio, em parceria com 18 instituições líderes. Essa rede fará toda a diferença, sobretudo por mobilizar a atuação de parceiros em escala local. Os esforços certamente culminarão na mudança e na melhoria do estado de conservação e, conseqüentemente, na redução do risco de extinção das 34 espécies, foco do PAN.

RÔMULO JOSÉ FERNANDES BARRETO MELLO (*in memoriam*)
Presidente do Instituto Chico Mendes de
Conservação da Biodiversidade



CONSERVAÇÃO DAS AVES DA CAATINGA

A Caatinga é um bioma exclusivamente brasileiro e ainda pouco conhecido, o qual proporciona ao país diversidade cultural, florística e faunística de valor singular.

No tocante à diversidade de aves existente neste bioma são relacionadas 511 espécies, das quais 23 são endêmicas e 33 estão classificadas sob algum grau de ameaça. O desmatamento, a captura e a caça estão entre as principais causas de redução das populações de aves e o cenário que se vislumbra para proteção e conservação dos recursos naturais da Caatinga não é nada promissor em se mantendo o formato atual de utilização. Por isso, é um dever constitucional, tanto do Poder Público, como da sociedade em geral, defender e preservar este bioma.

O CEMAVE - Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres, unidade descentralizada do ICMBio, tem como missão subsidiar a conservação das aves silvestres brasileiras e dos ambientes dos quais dependem. O Centro engloba entre suas atribuições elaborar Planos de Ação Nacional (PANs) para a conservação das espécies ameaçadas de extinção e migratórias, implantar ações voltadas à conservação das aves silvestres brasileiras e o seu monitoramento.

Três espécies de aves ameaçadas da Caatinga (o soldadinho-do-araripe, a ararinha-azul e a arara-azul-de-lear) foram inicialmente objeto de planos de ação específicos e, dando continuidade a esse processo, em fevereiro de 2011 foi elaborado, com a colaboração de 18 instituições, o Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Caatinga, inicialmente incluindo 15 outras espécies. Posteriormente foram incluídas também 18 táxons ameaçados com ocorrência em Brejos de Altitude Nordestinos no bioma Caatinga, totalizando 34 táxons contemplados neste Plano.

A construção de forma participativa e democrática deste Plano de Ação teve como objetivo unir esforços a fim de reduzir a perda e alteração de hábitat, a pressão de caça e o tráfico, e manter ou incrementar as populações das espécies-alvo do plano ao longo das áreas de distribuição. A sua implementação, resultados e ajustes necessários serão monitorados pelo Grupo de Assessoramento Técnico.

Desta forma, acreditamos que este PAN, se constitua em uma ferramenta efetiva para a conservação desta avifauna e consequentemente dos seus recursos naturais, e cujos resultados só serão alcançados mediante a união de esforços de todos os envolvidos.

JOÃO LUIZ XAVIER DO NASCIMENTO

ICMBio/CEMAVE



SUMÁRIO

Apresentação.....	5
Conservação das aves da Caatinga.....	6
Lista de siglas e abreviaturas.....	8
Lista de figuras.....	9
Lista de tabelas.....	14

PARTE I - CONTEXTUALIZAÇÃO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. AMEAÇAS.....	18
3. ESPÉCIES.....	23
3.1 Ficha Técnica das Espécies Ameaçadas e Mapa de registros.....	23
4. O PERIQUITO-CARA-SUJA (<i>Pyrrhura griseipectus</i>).....	91
4.1 Descrição do periquito-cara-suja.....	91
4.2 Valoração.....	92
4.3 Histórico.....	93
4.4 Distribuição Atual.....	93
4.5 Avaliação do habitat e dos recursos.....	95
4.6 Ameaças.....	99
4.7 Conservação e manejo.....	103

PARTE II - PLANO PARA CONSERVAÇÃO

1. HISTÓRICO.....	107
2. OFICINA DE PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO.....	108
3. OBJETIVOS E METAS DO PAN AVES AMEAÇADAS DA CAATINGA.....	111
4. MATRIZ DE PLANEJAMENTO.....	113
REFERÊNCIAS.....	124



LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AL	Alagoas	spp	Espécies
APA	Área de Proteção Ambiental	SUDEMA	Superintendência de Administração do Meio Ambiente
BA	Bahia	UC	Unidade de Conservação
CE	Ceará	UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
ESEC	Estação Ecológica	UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
FLONA	Floresta Nacional	UFAL	Universidade Federal de Alagoas
MA	Maranhão	UFBA	Universidade Federal da Bahia
MG	Minas Gerais	UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
PARNA	Parque Nacional	UFPA	Universidade Federal do Pará
PB	Paraíba	UFPB	Universidade Federal da Paraíba
PE	Pernambuco	UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
PI	Piauí	UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
REBIO	Reserva Biológica	UFS	Universidade Federal de Sergipe
REVIS	Refúgio de Vida Silvestre	UFV	Universidade Federal de Viçosa
RN	Rio Grande do Norte	UNIMONTES	Universidade Estadual de Montes Claros
RPPN	Reserva Particular do Patrimônio Natural	USP	Universidade de São Paulo
SAPJaíba	Sistema de Áreas Protegidas da Região do Jaíba	VU	Vulnerável
SAVE	Sociedade para a Conservação das Aves do Brasil		
SE	Sergipe		
SEMA	Secretaria Estadual do Meio Ambiente		
SEMA/BA	Secretaria do Meio Ambiente do Governo do Estado da Bahia		
SEMACE	Secretaria do Meio Ambiente do Governo do Estado do Ceará		
SICAF	Sistema de Cadastro, Arrecadação e Fiscalização		



LISTA DE FIGURAS

- Figura 01.** Boqueirão da Onça (Baia Formosa/BA) Foto: André Pessoa.
- Figura 02.** Incêndio na Serra da Capivara/PI. Foto: André Pessoa.
- Figura 03.** Gerador de energia eólica Foto: Sídio Jr.
- Figura 04.** *Crypturellus noctivagus zabele* (zabelê). Foto: Marcos Massarioli.
- Figura 05.** Registros de ocorrência de *Crypturellus noctivagus zabele* (zabelê).
- Figura 06.** *Penelope jacucaca* (jacucaca) Foto: Moss.
- Figura 07.** Registros de ocorrência de *Penelope jacucaca* (jacucaca).
- Figura 08.** *Odontophorus capueira plumbeicollis* (uru) Foto: Ciro Albano.
- Figura 09.** Registros de ocorrência de *Odontophorus capueira plumbeicollis* (uru).
- Figura 10.** *Leptodon forbesi* (gavião-de-pescoço-branco). Foto: Diego Mendes.
- Figura 11.** Registros de ocorrência de *Leptodon forbesi* (gavião-de-pescoço-branco).
- Figura 12.** *Neomorphus geoffroyi geoffroyi* (jacu-estalo).
- Figura 13.** Registros de ocorrência de *Neomorphus geoffroyi geoffroyi* (jacu-estalo).
- Figura 14.** *Augastes lumachella* (beija-flor-de-gravata-vermelha) Foto: Ciro Albano.
- Figura 15.** Registros de ocorrência de *Augastes lumachella* (beija-flor-de-gravata-vermelha).
- Figura 16.** *Thalurania watertonii* (beija-flor-de-costas-violetas). Foto: Ciro Albano.
- Figura 17.** Registros de ocorrência de *Thalurania watertonii* (beija-flor-de-costas-violetas).
- Figura 18.** *Selenidera gouldii baturitensis* (saripoca-de-gould). Foto: Ciro Albano.
- Figura 19.** Registros de ocorrência de *Selenidera gouldii baturitensis* (saripoca-de-gould).
- Figura 20.** *Pyrrhura griseipectus* (periquito-cara-suja) Foto: Ciro Albano.
- Figura 21.** Registros de ocorrência de *Pyrrhura griseipectus* (periquito-cara-suja).
- Figura 22.** *Terenura sicki* (zidedê-do-nordeste). Foto: Ciro Albano.
- Figura 23.** Registros de ocorrência de *Terenura sicki* (zidedê-do-nordeste).
- Figura 24.** *Formicivora iheringi* (formigueiro-do-nordeste) Foto: Ciro Albano.
- Figura 25.** Registros de ocorrência de *Formicivora iheringi* (formigueiro-do-nordeste).
- Figura 26.** *Formicivora grantsauí* (papa-formiga-do-sincorá) Foto: Ciro Albano.



- Figura 27.** Registros de ocorrência de *Formicivora grantsaui* (papa-formiga-do-sincorá).
- Figura 28.** *Thamnophilus caerulescens cearensis* (choca-da-mata-de-baturité). Foto: Ciro Albano.
- Figura 29.** Registros de ocorrência de *Thamnophilus caerulescens cearensis* (choca-da-mata-de-baturité).
- Figura 30.** *Thamnophilus caerulescens pernambucensis* (choca-da-mata-do-nordeste). Foto: Sérgio Leal.
- Figura 31.** Registros de ocorrência de *Thamnophilus caerulescens pernambucensis* (choca-da-mata-do-nordeste).
- Figura 32.** *Myrmeciza ruficauda* (formigueiro-de-cauda-ruiva). Foto:
- Figura 33.** Registros de ocorrência de *Myrmeciza ruficauda* (formigueiro-de-cauda-ruiva).
- Figura 34.** *Pyriglena pernambucensis* (papa-taoca-de-pernambuco). Foto:
- Figura 35.** Registros de ocorrência de *Pyriglena pernambucensis* (papa-taoca-de-pernambuco).
- Figura 36.** *Rhopornis ardesiacus* (gravatazeiro) Foto: Ciro Albano.
- Figura 37.** Registros de ocorrência de *Rhopornis ardesiacus* (gravatazeiro).
- Figura 38.** *Conopophaga lineata cearae* (cuspidor-do-nordeste). Foto: Ciro Albano.
- Figura 39.** Registros de ocorrência de *Conopophaga lineata cearae* (cuspidor-do-nordeste).
- Figura 40.** *Conopophaga melanops nigrifrons* (chupa-dente-de-máscara-preta). Foto: Cristine Prates.
- Figura 41.** Registros de ocorrência de *Conopophaga melanops nigrifrons* (cuspidor-do-nordeste).
- Figura 42.** *Scytalopus diamantinensis* (tapaculo-da-chapada-diamantina) Foto: Ciro Albano.
- Figura 43.** Registros de ocorrência de *Scytalopus diamantinensis* (tapaculo-da-chapada-diamantina).
- Figura 44.** *Sclerurus cearensis* (vira-folhas-cearense) Foto: Ciro Albano.
- Figura 45.** Registros de ocorrência de *Sclerurus cearensis* (vira-folhas-cearense).
- Figura 46.** *Xiphorhynchus atlanticus* (arapaçu-rajado-do-nordeste). Foto: Ciro Albano.
- Figura 47.** Registros de ocorrência de *Xiphorhynchus atlanticus* (arapaçu-rajado-do-nordeste).
- Figura 48.** *Xiphorhynchus guttatus gracilirostris* (arapaçu-de-garganta-amarela). Foto:



Cristine Prates.

- Figura 49.** Registros de ocorrência de *Xiphorhynchus guttatus gracilirostris* (arapaçu-de-garganta-amarela).
- Figura 50.** *Lepidocolaptes wagleri* (arapaçu-de-wagler) Foto: Ciro Albano.
- Figura 51.** Registros de ocorrência de *Lepidocolaptes wagleri* (arapaçu-de-wagler).
- Figura 52.** *Xiphocolaptes falcirostris* (arapaçu-do-nordeste) Foto: Ciro Albano.
- Figura 53.** Registros de ocorrência de *Xiphocolaptes falcirostris* (arapaçu-do-nordeste).
- Figura 54.** *Xenops minutus alagoanus* (bico-virado-liso). Foto: Ciro Albano.
- Figura 55.** Registros de ocorrência de *Xenops minutus alagoanus* (bico-virado-liso).
- Figura 56.** *Synallaxis infuscata* (tatac). Foto: Stephen John Jones.
- Figura 57.** Registros de ocorrência de *Synallaxis infuscata* (tatac).
- Figura 58.** *Platyrrinchus mystaceus niveigularis* (patinho-do-nordeste). Foto: Rafael Torres.
- Figura 59.** Registros de ocorrência de *Platyrrinchus mystaceus niveigularis* (patinho-do-nordeste).
- Figura 60.** *Phylloscartes beckeri* (borboletinha-baiana) Foto: Ciro Albano.
- Figura 61.** Registros de ocorrência de *Phylloscartes beckeri* (borboletinha-baiana).
- Figura 62.** *Phylloscartes roquettei* (cara-dourada) Foto: Quental.
- Figura 63.** Registros de ocorrência de *Phylloscartes roquettei* (cara-dourada).
- Figura 64.** *Hemitriccus mirandae* (maria-do-nordeste) Foto: J. Augusto Alves.
- Figura 65.** Registros de ocorrência de *Hemitriccus mirandae* (maria-do-nordeste).
- Figura 66.** *Tangara fastuosa* (pintor-verdadeiro). Foto: Ciro Albano.
- Figura 67.** Registros de ocorrência de *Tangara fastuosa* (pintor-verdadeiro).
- Figura 68.** *Tangara cyanocephala cearensis* (pintor-da-serra-de-baturité). Foto: Cristine Prates.
- Figura 69.** Registros de ocorrência de *Tangara cyanocephala cearensis* (pintor-da-serra-de-baturité).
- Figura 70.** *Sporagra yarrellii* (pintassilgo-do-nordeste) Foto: Ciro Albano.
- Figura 71.** Registros de ocorrência de *Sporagra yarrellii* (pintassilgo-do-nordeste).
- Figura 72.** *Pyrrhura griseipectus* (periquito-cara-suja). Foto: Fabio Nunes.
- Figura 73.** Periquitos "anaca" e "iribaja". Imagem retirada de Marcgrave 1942.
- Figura 74.** Ilustração apontando as diferenças morfológicas entre *Pyrrhura pfrimeri*, *P.*



leucotis e *P. griseipectus*. Fonte: Bretten, 2011.

- Figura 75.** Mapa demonstrativo da área atual de ocorrência da espécie utilizando os registros dos últimos 20 anos.
- Figura 76.** (A) Serra Azul, em Ibaretama, Ceará; (B) Periquito-cara-suja em cavidades rochosas da Serra Azul. Foto: Fábio Nunes.
- Figura 77.** Foto (A): Quixadá-CE, a mancha verde em pleno período de estiagem aponta a ocorrência da mata seca circundante dos monólitos. Foto: Mateusz Styczynski; (B): Serra de Baturité – CE. Fotos: Fábio Nunes.
- Figura 78.** Periquitos-cara-suja se alimentando: fruto de bromélias (esquerda), açaí (meio) e ciriguela (direita) são parte da dieta desta espécie na serra de Baturité. Fotos: Fábio Nunes.
- Figura 79.** Ninhos naturais e áreas de dormitório de Periquitos-cara-suja. Fotos: Fábio Nunes.
- Figura 80.** Foto acima: Cópula de periquitos-cara-suja. Foto: Fábio Nunes. Foto abaixo: periquitos-cara-suja em período reprodutivo: Ninho natural com adulto fora e jovens colocando a cabeça fora do ninho. Foto: Ciro Albano.
- Figura 81.** Platô da serra do Martins, que outrora abrigava uma vegetação de brejo de altitude (que ultrapassa os 700m de altitude). Foto: Fábio Nunes.
- Figura 82.** Vista da serra do Ipu, um brejo de altitude que hoje está recoberto por vegetação xérica e enfrenta problemas de abastecimento de água. Foto: Fábio Nunes.
- Figura 83.** (A) Condomínio de luxo em Guaramiranga, responsável por um desmatamento raso de quase 20 hectares de mata primária (Reata Arquitetura e Engenharia, 2014). (B) Queimada para pastagem e bananicultura; (C) Desmatamentos para construções.
- Figura 84.** Oco de periquitos-cara-suja violado por traficantes, que capturaram todo o bando durante a noite. Foto: Ileyne Lopes.
- Figura 85.** Ninho natural de periquitos-cara-suja aberto em sua base possibilitando o acesso aos filhotes. Traficantes colocam plástico para aguardar o tamanho ideal para poder capturar filhotes. Fotos: Fábio Nunes.
- Figura 86.** Feira da Parangaba, em Fortaleza-CE, comércio ilegal de aves. Foto: Marcio Holanda.
- Figura 87.** Periquito-cara-suja vendido em feiras livres. Foto: Fábio Nunes.
- Figura 88.** Periquitos-cara-suja em caixas-ninho na serra de Baturité. Fotos: Fábio Nunes.
- Figura 89.** Participantes da oficina de elaboração do Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Ameaçadas da Caatinga.



Figura 90. Quadro de ameaças construído durante a oficina participativa de elaboração do PAN Aves Ameaçadas da Caatinga.



LISTA DE TABELAS

- Tabela 01.** Apreensões de pintassilgos no Brasil entre 2006 e 2010. Fonte: Sistema de Cadastro, Arrecadação e Fiscalização – **SICAFI / IBAMA**.
- Tabela 02.** Apreensões de animais silvestres no Brasil entre 2006 e 2010. Fonte: Sistema de Cadastro, Arrecadação e Fiscalização – **SICAFI / IBAMA**.
- Tabela 03.** Espécies-alvo do Plano de Ação Nacional Aves Ameaçadas da Caatinga (MMA, 2014). Categorias: VU- Vulnerável; EN- Em Perigo; CR – Criticamente em erigo; NT – Quase Ameaçada.
- Tabela 04.** Áreas onde foram realizadas expedições de busca por *Pyrrhura griseipectus* (Nunes *et al.* 2015).
- Tabela 05.** Plantas que fazem parte da dieta de *Pyrrhura griseipectus* na Serra de Baturité
- Tabela 06.** Participantes da oficina de planejamento do Plano de Ação Nacional Aves Ameaçadas da Caatinga.
- Tabela 07.** Facilitadores da oficina de planejamento do Plano de Ação Nacional Aves Ameaçadas da Caatinga.
- Tabela 08.** Metas do Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Ameaçadas da Caatinga.



PARTE I

CONTEXTUALIZAÇÃO

1 - INTRODUÇÃO

A caatinga abrange uma área de cerca de 735.000 km² localizada entre as latitudes 2°54'S e 17°21'S. Esta região compreende a maior parte do Nordeste brasileiro, estendendo-se

até uma faixa no vale seco da região média do rio Jequitinhonha, no nordeste do estado de Minas Gerais. Sua vegetação é caracterizada por formações com componentes arbóreos e arbustivos, que apresentam, em geral, espinhos, folhas pequenas e outras adaptações para evitar a perda de água e/ou retê-la em seus tecidos (PRADO 2003, LEAL *et al.* 2005).

Fotos: André Pessoa



Figura 01. Boqueirão da Onça (Campo Formoso/BA).



A média pluviométrica anual varia de 240 a 1.500 mm, com 50% da região recebendo menos que 750 mm e em algumas áreas centrais, menos que 500 mm (SAMPAIO 1995, PRADO 2003, LEAL *et al.* 2005). A maior parte da precipitação (50 - 70%) concentra-se em três meses consecutivos; contudo é a ausência de chuvas no restante do ano, determinando a estação seca, que caracteriza a região (NIMER 1972).

PRADO & GIBBS (1993) caracterizaram as caatingas do nordeste brasileiro como uma das maiores áreas de Florestas Neotropicais Estacionais Secas (FNES) da América do Sul, em conjunto com duas áreas definidas pelo núcleo Misiones, que abrange a confluência dos Rios Paraguai e Paraná, e a depressão do Rio Uruguai, em Misiones (Argentina) e Santa Catarina (Brasil) e núcleo Piedmont, que se estende de Santa Cruz de La Sierra na Bolívia a Tucumán e serras ao noroeste da Argentina, além de regiões das costas caribenhas da Colômbia e Venezuela. Outras regiões com áreas extensas de FNES estão na costa do Equador adjacente ao norte do Peru, no Brasil Central no Mato Grosso e no Cerrado em áreas de solos férteis (RATTER *et al.* 1978). Áreas menores e mais isoladas ocorrem nos vales secos nos Andes no norte da Bolívia, Peru, sul do Equador e Colômbia. As FNES ocorrem ainda na América Central e na Flórida (PENNINGTON *et al.* 2006).

De acordo com as revisões de MONNEY e colaboradores (1995) e PENNINGTON e colaboradores (2006), as FNES são ecossistemas essencialmente dominados por árvores, com copa contínua ou quase contínua e, na superfície do solo, as ervas são esparsas. Segundo GENTRY (1995) e GRAHAM e DILCHER (1995), essas florestas secas ocorrem onde a precipitação é menor que 1600 mm/ano, com um período de no mínimo cinco a seis meses recebendo menos que 100 mm. RODAL e colaboradores (2008) demonstraram que, no Nordeste do Brasil, as florestas estacionais estão localizadas em áreas onde o regime máximo de precipitação é 1000 mm e, por pelo menos oito meses do ano, recebem menos 100 mm.

A diversidade, a riqueza de espécies e

o número de endemismos da caatinga foram, por muito tempo, considerados baixos (e.g. VANZOLINI *et al.* 1980, ANDRADE-LIMA 1981, PRANCE 1987). Pesquisas recentes relatam números muito superiores aos estudos anteriores e acabaram com o “mito” da baixa biodiversidade na região da caatinga (LEAL *et al.* 2003, SILVA *et al.* 2004, LEAL *et al.* 2005). No entanto, acredita-se que ainda pode haver um aumento no número de espécies conhecidas, visto que cerca de 40% da região nunca foi estudada e 80% do que já foi amostrado apresenta um esforço pouco representativo (TABARELLI & VICENTE 2004).

SILVA e seus colaboradores (2003) citam 510 espécies de aves que habitam a região da caatinga. Nesse total, foram incluídas também as espécies registradas apenas nos enclaves que ocorrem no domínio da caatinga; essa inclusão foi feita por entenderem que não há razão biogeográfica para tratar tais enclaves como não pertencentes à região na qual estão inseridos (AB' SABER 1970, AB' SABER 1977). Além disso, é citado a importância desses enclaves na manutenção de um número representativo de espécies e em processos ecológicos regionais, tais como migrações intra-regionais durante o período de estiagem (MARES *et al.* 1985, CEBALLOS 1995). Em uma recente revisão sobre a caatinga ALBUQUERQUE e colaboradores (2012) atualizam o número de espécies de aves em 511 espécies.

A caatinga tem sido apontada como uma importante área de endemismo para as aves sul-americanas (MULLER 1973, CRACRAFT 1985, HAFFER 1985, RIZZINI 1997), porém aspectos relacionados a distribuição, evolução e ecologia da avifauna da região são pouco conhecidos (SILVA *et al.* 2003), refletindo, consequentemente, na política e ações de conservação. Alguns pesquisadores buscaram determinar o número de espécies de aves endêmicas da caatinga: CRACRAFT (1985) e STOTZ e colaboradores (1996) listaram 20 táxons endêmicos e HAFFER (1985) apontou 10. A diferença observada nessas indicações se refere à delimitação da região propriamente dita. Olmos e seus colaboradores (2005a) asseguram que 23



espécies podem ser caracterizadas como endêmicas da caatinga, considerando as matas secas e outras formações decíduas, como as florestas estacionais das áreas de contato. Desses táxons, destacam-se os gêneros de aves endêmicos da caatinga: *Cyanopsitta*, *Anopetia*, *Gyalophylax*, *Megaxenops* e *Rhopornis*.

Boa parte das aves que ocorrem no semiárido brasileiro interagem ou são utilizadas pelas populações humanas locais. Na região, é muito comum a captura desses animais para criação em gaiolas (SICK 1997; ALVES *et al.* 2010; ALVES *et al.* 2012a), para fins de alimentação, entre outras formas de usos (ALVES *et al.* 2009; BEZERRA *et al.* 2012). Adicionalmente, também estão interligadas a manifestações de natureza artística, como a música, literatura, poesia e dança. A caça de aves silvestres na caatinga tem importantes implicações para conservação, o que é evidenciado pelo fato de que algumas espécies de importância cinegética, comumente usadas pelas populações humanas locais, constam em listas de animais ameaçados (ROCHA *et al.* 2006; SILVEIRA & STRAUBE 2008; ALVES *et al.* 2009; FERNANDES-FERREIRA *et al.* 2010), e tais usos representam uma das principais ameaças à diversidade avifaunística local (OLMOS 2005a; ALVES *et al.* 2012a; FERNANDES-FERREIRA *et al.* 2012).

Esse documento trata do Plano de Ação Nacional para a Conservação das Aves ameaçadas de Extinção na Caatinga. Embora, em termos biogeográficos, ocorram no domínio da caatinga: diferentes biomas, como as “ilhas” de Floresta Estacional Semidecidual Montana (brejos de altitude) e Savana, por exemplo, o governo do Brasil considera essa região semi-árida como um dos biomas brasileiros (BIOMAS 2010). Portanto, foram incluídas também neste plano de ação espécies com ocorrência nos Brejos de Altitude Nordeste que ocorrem no domínio do Bioma Caatinga. Como o presente documento aborda iniciativas operacionais com participação governamental, consequentemente vinculado a procedimentos legislativos, trataremos aqui a caatinga como um bioma brasileiro, grafado como Caatinga.

2 - AMEAÇAS

A Caatinga é o bioma brasileiro com a maior escassez de conhecimento sobre a sua biodiversidade, incluindo a avifauna; nele, ainda é reduzido o número de estudos e ações voltados para a conservação de seus ambientes e sua biota (ALBUQUERQUE *et al.* 2012). Essa falta de conhecimento, aliada ao histórico baixo índice de desenvolvimento econômico e social, faz com que a Caatinga venha sofrendo intenso processo de degradação ambiental, decorrente do uso insustentável de seus recursos naturais (LEAL *et al.* 2003).

São diversas as ameaças à avifauna da Caatinga, sendo que muitas delas podem ser consideradas restritas a uma determinada espécie ou localidade como, por exemplo, o impacto causado por atividades de extração mineral ou o turismo desordenado. No entanto, se reconhece que algumas são comuns a praticamente todo este bioma, sendo suas consequências profundamente impactantes nas comunidades de aves dos diversos ambientes que compõem a Caatinga. Estas ameaças, consideradas então como principais, são a perda de habitat, ocasionada, sobretudo, por desmatamentos, e captura de aves, seja ela para uso como alimento, animais de criação, ou ainda visando o comércio ilegal (ALBUQUERQUE *et al.* 2012; ALVES *et al.* 2012a).

O desmatamento de áreas florestadas pode ser parcial ou total, afetando toda a comunidade de aves e causando seu empobrecimento. O desmatamento parcial é aquele em que ocorre apenas o corte seletivo de determinadas espécies vegetais como, por exemplo, as árvores utilizadas para abastecer carvoarias ilegais; o desmatamento total comumente é feito com uso de queimadas e está principalmente ligado à pecuária – normalmente extensiva, de baixo retorno econômico – e às práticas agrícolas, as quais atualmente incluem a agricultura mecanizada.

No desmatamento, os estragos causados pelo uso indiscriminado e descontrolado do fogo talvez sejam os mais impactantes. Os danos são incalculáveis devido à destruição das florestas e perda da biodiversidade, ao empobrecimento e perda dos solos, e levando



ao assoreamento dos rios. As queimadas contribuem, ainda, para a alteração do microclima local, criando condições favoráveis

para futuros incêndios, o que gera ciclo vicioso de desertificação e ressecamento regional (SALAZAR *et al.* 2007; LIMA *et al.* 2011; MMA 2011)..

Foto: André Pessoa



Figura 02. Incêndio na Serra da Capivara/PI.

Sobre a avifauna, os danos das queimadas são também visíveis. Algumas espécies de aves, sobretudo em ambientes de cerrado, toleram o fogo ou conseguem recolonizar a área rapidamente após as queimadas, mas nem todas as espécies têm essa capacidade (CAVALCANTI 1988). A perda sistemática de ovos e jovens devido ao fogo pode afetar a estrutura da população de aves, sendo que algumas espécies desaparecem e outras se tornam mais vulneráveis aos predadores.

Queimadas também ocasionam a quebra das interações entre aves e plantas, retardando e diminuindo frutificação e floração de plantas em áreas queimadas, afetando diretamente as populações de aves polinizadoras e frugívoras (LOISELLE & BLAKE 1992, ABREU 2000), que por sua vez são imprescindíveis para a reprodução das plantas que consomem. Além disso, as áreas desflorestadas podem funcionar como barreira de dispersão para muitas espécies de

aves florestais que só vivem nas sombras dos sub-bosques (CARVALHAES & MACHADO, 2008).

A agricultura mecanizada, como o cultivo de frutos no vale do Rio São Francisco ou ainda as culturas de soja e algodão no oeste baiano, é um tipo de atividade relativamente nova que ocasiona não apenas a perda de habitat, devido à remoção da vegetação nativa da área onde está instalada, mas também altera profundamente grande área de seu entorno, através de alterações de cursos d'água visando à irrigação das terras cultivadas e pelo intenso uso de agrotóxicos, que são incorporados nas cadeias tróficas, quer seja através do forrageio direto de plantas envenenadas ou dos consumidores primários e secundários, como também pela contaminação de mananciais de água.

São comuns discursos que apontam a região do semiárido brasileiro como "vocacionada" aos projetos para obtenção de



energia “limpa”, como a energia eólica. Neste contexto, projetos que visam à geração desse tipo de energia devem ser cuidadosamente estudados, pois densos parques eólicos podem constituir uma grande ameaça para aves, sobretudo para as espécies migratórias.

Foto: Sídio Jr



Figura 03. Gerador de energia eólica.

A caça é a segunda grande ameaça que atinge diretamente as aves na Caatinga. A caça de aves é comum e difundida em todo o bioma, quer seja por questões culturais como econômicas. Encontrar crianças, jovens e adultos caçando com estilingue (ou bodoque) e muitas vezes com uso de armas de fogo, é muito comum em qualquer região da Caatinga e muitas vezes a caça é praticada como “esporte”, pelo simples prazer de caçar (CARVALHAES & MACHADO 2008; ALVES *et al.* 2009; BARBOSA *et al.* 2011; FERNANDES-FERREIRA *et al.* 2012).

Quanto às questões econômicas, aves são utilizadas como fonte de alimento barato e rico em proteínas por diversas populações humanas. No entanto, muitas vezes o uso dos animais abatidos deixa de ser limitado ao núcleo familiar ou de pequenos agrupamentos humanos e ganha espaço para ser vendido

em grandes quantidades no comércio popular como, por exemplo, a pomba-de-bando (também conhecida como ribaça ou avoante), *Zenaidaauriculata*, espécie gregária e migratória no Nordeste, cujos indivíduos são abatidos aos milhares, quando os bandos chegam às diversas localidades, e são vendidos nas feiras livres.

Segundo OLMOS e colaboradores (2005a), a caça, tanto para obtenção de proteína, como para abastecer o comércio, praticamente extinguiu espécies como a zabelê (*Crypturellus noctivagus zabele* Spix, 1825) e arara-azul-de-lear (*Anodorhynchus leari* BONAPARTE, 1856), ou até mesmo reduziu as populações regionais de aves normalmente abundantes.

A importância do uso de aves pela população da região do semiárido nordestino vem sendo evidenciada em trabalhos recentes (ALVES *et al.* 2009; ALVES *et al.* 2010; BARBOSA *et al.* 2011; BEZERRA *et al.* 2012; ALVES *et al.* 2012a; FERNANDES-FERREIRA *et al.* 2012). Entre outras formas de uso, as aves, ou até mesmo ovos, são capturados para criação, sobretudo pássaros de gaiola. Essa prática, arraigada culturalmente, é comum não apenas em pequenas cidades ou vilarejos do interior, mas também em grandes centros urbanos.

Os pintassilgos já são considerados raros na natureza não só para “passarinheiros” (comerciantes legais ou não de passeriformes), como afirma ROCHA *et al.* (2006), mas também por pesquisadores como PEREIRA & BRITO (2005) que, apesar da alta demanda, observaram uma oferta pouco numerosa do *Sporagra yarrellii* em feiras livres da Região Metropolitana do Recife. Em Fortaleza, essa espécie é comercializada a um preço elevado, sendo escassos nos mercados e vendidos apenas por encomenda (COSTA 2005).

Segundo PAGANO e colaboradores (2009), foram depositados no Centro de Triagem do IBAMA/PB um total de 17 indivíduos de *S. yarrellii* entre agosto de 2006 e julho de 2007. De acordo com dados do Sistema de Cadastro, Arrecadação e Fiscalização – SICAFI/IBAMA, entre os anos de 2006 e 2010, foram realizadas 2.445 apreensões de pintassilgos



(Tabela 1), o equivalente a 3,6% das apreensões de fauna realizadas pelo IBAMA neste período. Entre esses, muitos com a denominação de pintassilva - vernáculo utilizado na região Nordeste, que corresponde à espécie *Sporagra yarrellii*. Considerando o número total das

apreensões de fauna realizadas pelo IBAMA a cada ano desse período, observa-se que quanto maior o número de apreensões, maior é o número de indivíduos da espécie apreendido em situação irregular (Tabela 2).

Tabela 01. Apreensões de pintassilgos no Brasil entre 2006 e 2010. Fonte: Sistema de Cadastro, Arrecadação e Fiscalização – SICAFI / IBAMA.

Estados	2006	2007	2008	2009	2010
Bahia	05	24	32	19	52
Ceará	01	01	16	05	03
Distrito Federal	07	08	10	04	04
Espírito Santo			03		01
Goiás		05	06	13	06
Maranhão		01	01	02	
Minas Gerais	331	373	471	18	05
Mato Grosso do Sul	03				
Mato Grosso	01	03	06		
Pará					01
Paraíba		23	15	17	05
Pernambuco		02	04	03	11
Piauí		01	04	04	09
Paraná	15	09		02	26
Rio de Janeiro		329	03	02	02
Rio Grande do Norte	01	01			
Rondônia	01		01		
Rio Grande do Sul	19	29	26	60	37
Santa Catarina	29	12	14	08	27
Sergipe					01
São Paulo	16	32	106	62	20
Total		02	02		

Tabela 02. Apreensões de animais silvestres no Brasil entre 2006 e 2010. Fonte: Sistema de Cadastro, Arrecadação e Fiscalização – SICAFI / IBAMA.

Ano	Descrição do Termo de Apreensão e Depósito / IBAMA		
	Apresenta a apreensão de qualquer espécie da fauna	Apresenta os vernáculos Pintassilgo e/ou Pintassilva	%
2006	4.785	186	3,89
2007	7.900	313	3,97
2008	9.199	390	4,24
2009	4.450	109	2,45
2010	3.853	91	2,36

Certamente, a cultura de criar aves em gaiolas, aliada às questões econômicas, propicia a coleta de aves que são traficadas ilegalmente, destinadas tanto para outras

regiões do país como para o comércio internacional. O tráfico de animais é a terceira maior atividade comercial ilegal do mundo, estando atrás apenas do tráfico de



armas e drogas; estima-se que essa atividade movimentada cerca de 10 a 20 bilhões de dólares por ano no mundo e o Brasil participa com de 5 a 10% deste montante (RENTAS 2001).

Psitacídeos e emberezídeos são os grupos mais visados para o tráfico, tanto pela plumagem quanto pela vocalização. Espécies como o azulão (*Cyanoloxia brissonii*), o curió (*Sporophila angolensis*) e várias espécies de papa-capim (do gênero *Sporophila*) muitas vezes são mais comumente observadas nas gaiolas exibidas em casas e estabelecimentos comerciais do que na natureza. Provavelmente, o exemplo mais emblemático do impacto ocasionado pelo tráfico ilegal nas populações de aves silvestres seja a ararinha-azul

(*Cyanopsitta spixi*), endêmica da região de Curaçá, na Bahia, considerada extinta na natureza desde o ano de 2000.

A avifauna da Caatinga não é um elemento isolado, mas sim uma das inúmeras partes que compõem este suscetível e diverso mosaico biológico que se interrelaciona com o ser humano e com o ambiente. Deste modo, este Plano de Ação Nacional para a Conservação das Espécies de Aves Ameaçadas da Caatinga deve ser um marco na conservação da avifauna deste bioma, estabelecendo ações prioritárias para os diversos setores da sociedade, visando minimizar, até a sua completa erradicação, as ameaças às comunidades de aves da Caatinga.

Tabela 03. Espécies-alvo do PAN Aves da Caatinga. Categorias: VU- Vulnerável; EN- Em Perigo; CR – Criticamente Em Perigo; NT – Quase Ameaçada (MMA, 2014).

Nome científico	Nome Popular	Categorias de Ameaça	
		Portaria MMA nº 444/2014	IUCN
<i>Crypturellus noctivagus zabele</i>	zabelê	VU	
<i>Penelope jacucaca</i>	jacucaca	VU	VU
<i>Odontophorus capueira plumbeicollis</i>	uru	CR	
<i>Leptodon forbesi</i>	gavião-de-pescoço-branco	EN	CR
<i>Neomorphus geoffroyi geoffroyi</i>	jacu-estalo	CR	
<i>Augastes lumachella</i>	beija-flor-de-gravata-vermelha	EN	NT
<i>Thalurania watertonii</i>	beija-flor-de-costas-violetas	EN	NT
<i>Selenidera gouldii baturitensis</i>	saripoca-de-gould	EN	
<i>Pyrrhura griseipectus</i>	periquito-cara-suja	EN	CR
<i>Terenura sicki</i>	zidedê-do-nordeste	CR	EN
<i>Formicivora iheringi</i>	formigueiro-do-nordeste	NT	NT
<i>Formicivora grantsaui</i>	papa-formiga-do-sincorá	EN	NT
<i>Thamnophilus caerulescens cearensis</i>	choca-da-mata-de-baturité	VU	
<i>Thamnophilus caerulescens pernambucensis</i>	choca-da-mata-do-nordeste	VU	
<i>Myrmoderus ruficaudus</i>	formigueiro-de-cauda-ruiva	EN	
<i>Pyriglena pernambucensis</i>	papa-taoca-de-pernambuco	VU	
<i>Rhopornis ardesiacus</i>	gravatazeiro	EN	EN
<i>Conopophaga lineata cearae</i>	cuspidor-do-nordeste	EN	
<i>Conopophaga melanops nigrifrons</i>	chupa-dente-de-máscara-preta	VU	
<i>Scytalopus diamantinensis</i>	tapaculo-da-chapada-diamantina	EN	NT
<i>Sclerurus cearensis</i>	vira-folha-cearense	VU	
<i>Xiphorhynchus atlanticus</i>	arapaçu-rajado-do-nordeste	VU	
<i>Xiphorhynchus guttatus gracilirostris</i>	arapaçu-de-garganta-amarela	EN	
<i>Lepidocolaptes wagleri</i>	arapaçu-escamado-de-wagler	EN	
<i>Xiphocolaptes falcirostris</i>	arapaçu-do-nordeste	VU	VU
<i>Xenops minutus alagoanus</i>	bico-virado-liso	VU	
<i>Synallaxis infusata</i>	tatac	EN	EN
<i>Platyrinchus mystaceus niveigularis</i>	patinho-do-nordeste	VU	
<i>Phylloscartes beckeri</i>	borboletinha-baiana	EN	EN
<i>Phylloscartes roquettei</i>	cara-dourada	EN	EN
<i>Hemitriccus mirandae</i>	maria-do-nordeste	VU	VU
<i>Tangara fastuosa</i>	pintor-verdadeiro	VU	VU
<i>Tangara cyanocephala cearensis</i>	pintor-da-serra-de-baturité	VU	
<i>Sporagra yarrellii</i>	pitassilgo-do-nordeste	VU	VU



3. AS ESPÉCIES

3.1 Ficha Técnica das Espécies Ameaçadas e Mapa de registros

Crypturellus noctivagus zabele (Spix, 1825) - VU

Foto: Marcos Massarioli



Figura 04. *Crypturellus noctivagus zabele* (zabelê).

Endêmica do Brasil

Ordem: Tinamiformes

Família: Tinamidae

Nomes comuns:

- Jaó-do-sul, jaó, zabelê (português)
- Yellow-legged Tinamou (inglês)
- Tinamú Patigualdo (espanhol)

Sinonímia(s):

- *Pezus zabele*

Notas taxonômicas:

Duas subespécies são reconhecidas para *Crypturellus noctivagus*, sendo que há uma possível área de contato de *C. n. zabele* com a forma nominal.

Distribuição Geográfica

Crypturellus n. zabele é endêmico da Caatinga, ocorrendo nos estados do PI, CE, PE, BA, MG (Oficina de Avaliação do Estado de Conservação das Aves da Caatinga) e PB (ALMEIDA & TEIXEIRA 2010). O limite norte de *C. n. noctivagus* ainda não está definido e pode haver uma área de contato entre as duas subespécies (Memória da Oficina de Avaliação do Estado de Conservação das Aves da Caatinga).

Habitat, ecologia e história natural

Habita matas secas e abertas; na Bahia, penetra em matas úmidas. Vive no solo e alimenta-se de sementes, brotos, outros materiais vegetais e insetos, especialmente besouros e formigas. Reproduz-se durante a estação chuvosa, sendo o macho responsável pela incubação e cuidado com a prole (CABOT 1992, SICK 1997). O tempo geracional da espécie é de 6,8 anos (BIRDLIFE INTERNATIONAL 2012A).

População

Tamanho populacional desconhecido; relativamente comum nas áreas mais preservadas dos Parques Nacionais da Serra das Confusões e da Serra da Capivara, no Piauí (Memória da Oficina de Avaliação do Estado de Conservação das Aves da Caatinga).

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

BA: ESEC Raso da Catarina, FLONA Contendas do Sincorá, PARNA da Chapada Diamantina.
PI: PARNA da Serra das Confusões e PARNA da Serra da Capivara.
CE: APA da Chapada do Araripe.
PB: REBIO Guaribas.
PE: PARNA do Catimbau.

Sudeste

MG: PARNA Cavernas do Peruaçu.

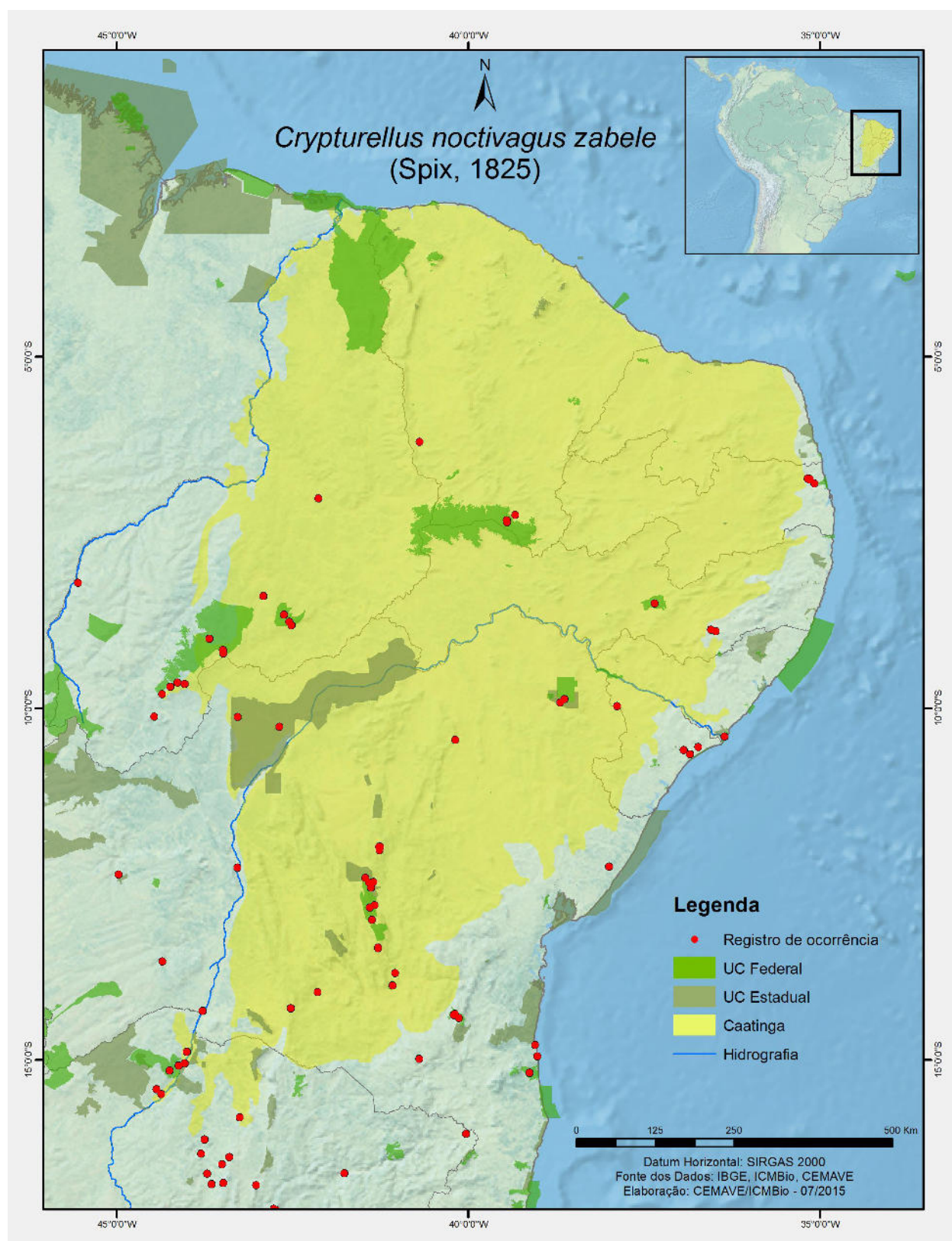


Figura 05. Registros de ocorrência de *Crypturellus noctivagus zabele* (zabelê).



Penelope jacucaca Spix, 1825 - VU

Foto: Moss



Figura 06. *Penelope jacucaca* (jacucaca).

Endêmica do Brasil

Ordem: Galliformes

Família: Cracidae

Nomes comuns:

- Jacucaca
- Jacu-da-testa-branca
- Jacu-goela (português)
- White-browed Guan (inglês)
- Pava Yacucaca (espanhol)

Distribuição Geográfica

Tem registros para os estados do PI, CE, PB, PE, AL, BA (GRANTSAU 2010), RN (SILVA *et al.* 2012), SE (SOUSA 2009), MA e MG (SILVEIRA 2008).

Habitat, ecologia e história natural

É encontrada na caatinga arbórea e nas matas secas, preferindo as porções mais úmidas da vegetação. Alimenta-se de frutos e flores. Ocorre sozinho, aos pares ou em pequenos grupos, que se deslocam rapidamente pelo solo ou pelas árvores. Tolerante a algum tipo de perturbação em seu ambiente, mas é bastante impactada pela caça (SILVEIRA 2008A). Embora sua biologia reprodutiva na natureza não seja conhecida, filhotes têm sido obtidos com certa facilidade em cativeiro (SILVEIRA 2008A).

População

Relativamente comum nas áreas mais preservadas dos Parques Nacionais da Serra das Confusões e Capivara, no Piauí. A população está dispersa pela grande extensão de ocorrência e isolada em muitas localidades. A espécie está extinta em boa parte de sua distribuição original, sem registros recentes para Alagoas e Paraíba e para a faixa leste de Pernambuco (SILVEIRA 2008A, SILVEIRA *et al.* 2008). Em muitas áreas as populações parecem pequenas, sendo registrados poucos exemplares por localidade (Oficina de Avaliação do Estado de Conservação das Aves da Caatinga).

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

BA: ESEC Raso da Catarina, PARNA da Chapada Diamantina e FLONA Contendas do Sincorá.

CE: APA da Serra da Aratanha, APA da Serra do Baturité, FLONA do Araripe, APA da Chapada do Araripe.

PE: FLONA de Negreiros, PARNA do Catimbau, REBIO de Serra Negra, RPPN Maurício Dantas.

PI: PARNA Sete Cidades, PARNA da Serra das Confusões, PARNA da Serra da Capivara, APA das Nascentes do Rio Parnaíba.

PB: RPPN Fazenda Almas.

SE: PARNA da Serra de Itabaiana.

Sudeste

MG: Parque Estadual da Mata Seca.

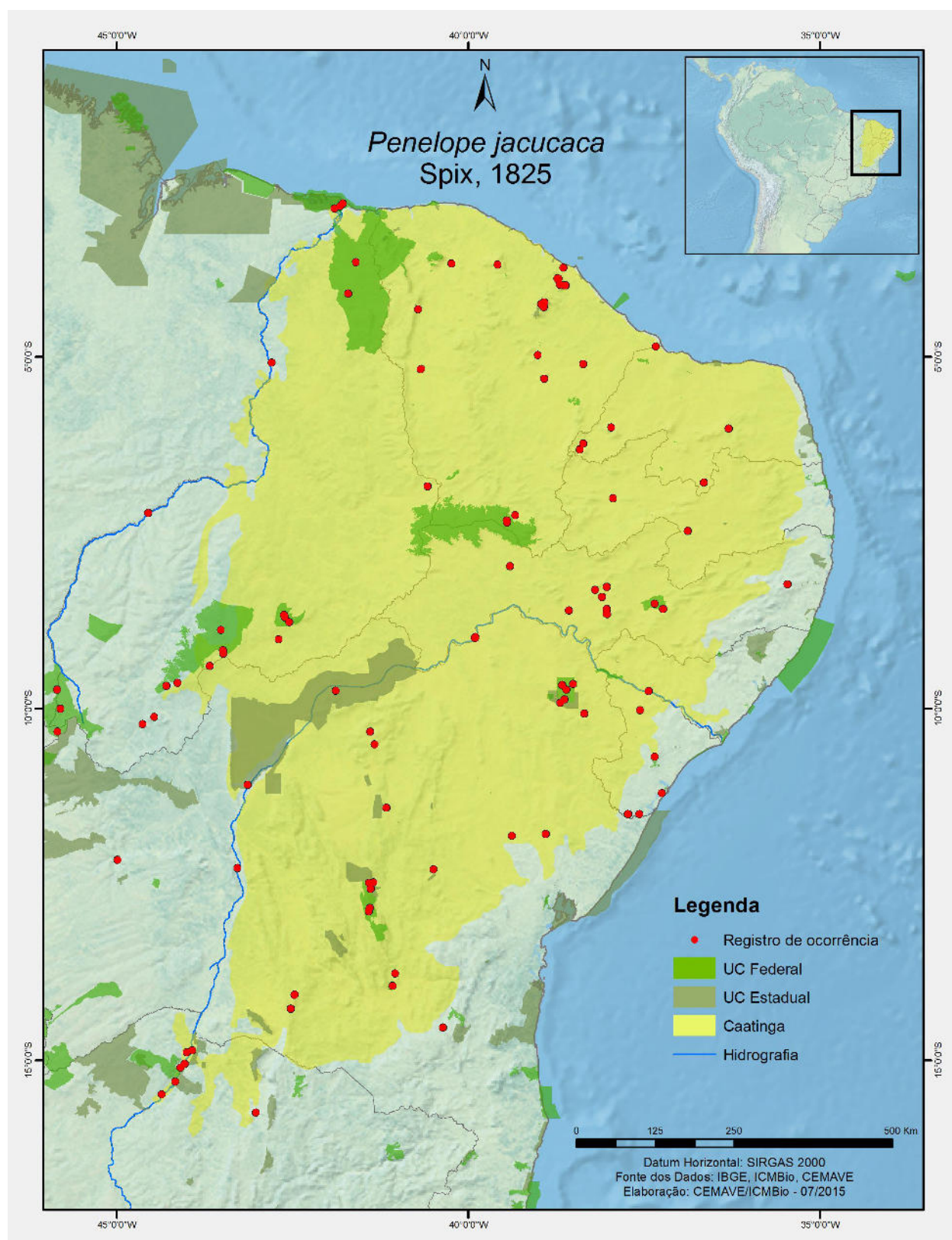


Figura 07. Registros de ocorrência de *Penelope jacucaca* (jacucaca).



Foto: Ciro Albano



Figura 08. *Odontophorus capueira plumbeicollis* (uru).

Endêmica do Brasil

Ordem: Galliformes

Família: Odontophoridae

Nomes comuns:

- uru (português)
- Spot-winged Wood-quail (inglês)
- Corcovado Urú (espanhol)

Sinonímia(s):

- *Odontophorus plumbeicollis*

Distribuição Geográfica

Táxon endêmico do Nordeste, ocorrendo originalmente nos estados do CE, PB, PE e AL (ALBANO & GIRÃO 2008), mas com registro atual apenas no CE e PB.

Habitat, ecologia e história natural

Ocorre em floresta atlântica de baixada, incluindo matas secundárias (CARROLL 1994), desde que em bom estado de conservação (RODA 2008); ocupa o chão da floresta; alimenta-se de frutos; nidifica no solo (CARROLL 1994).

População

Essa subespécie é considerada a mais pressionada dentro do táxon (CARROLL 1994). Embora sua área de distribuição seja amplamente amostrada por diversos ornitólogos e o táxon seja facilmente registrado pela vocalização, os registros recentes são escassos e concentram-se quase que exclusivamente na Serra de Baturité, havendo um único registro recente fora dela (PB).

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

AL: REBIO da Pedra Talhada (RODA 2008).

PB: REBIO Guaribas (ALMEIDA & TEIXEIRA 2010).

PE: RPPN Frei Caneca (RODA 2008).

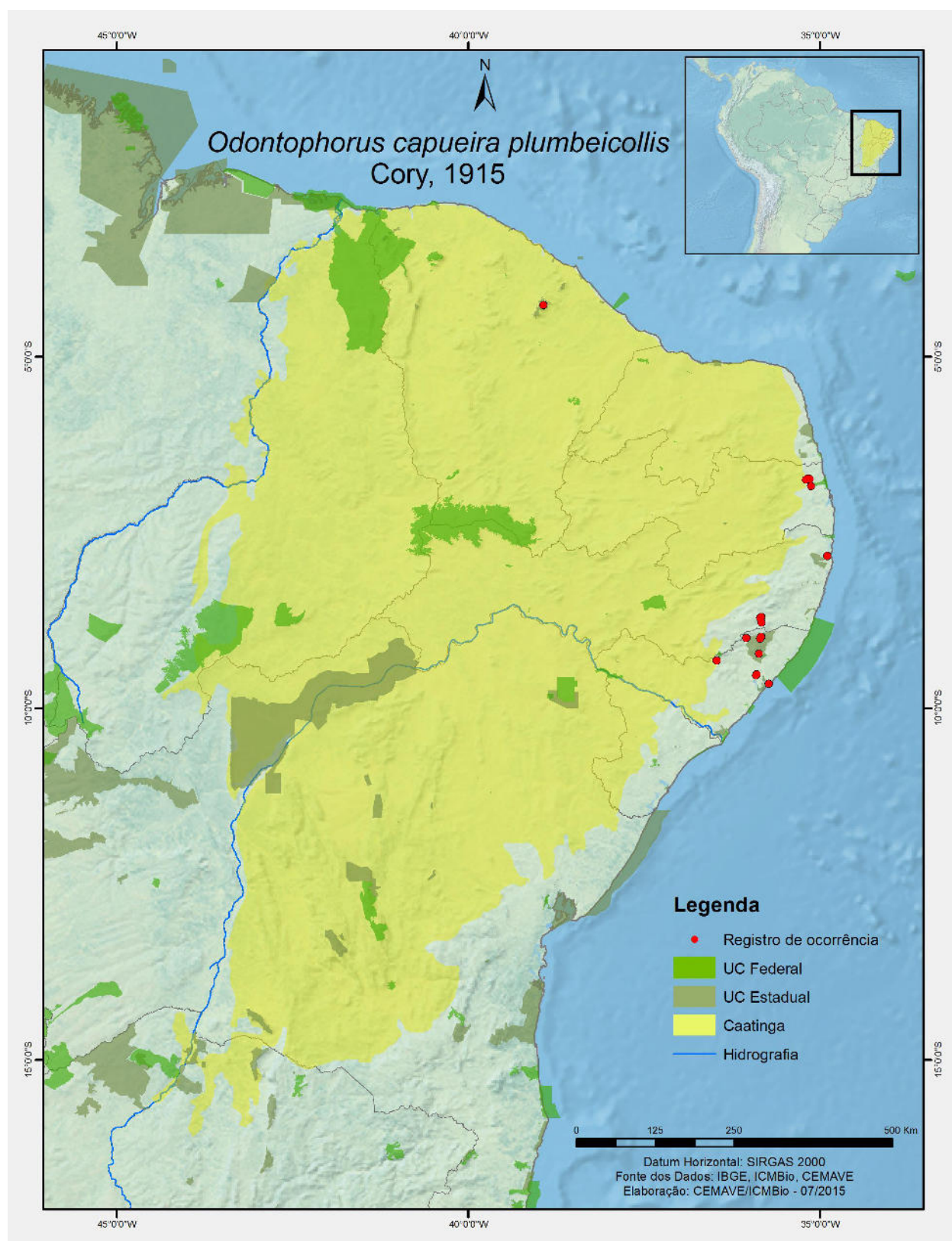


Figura 09. Registros de ocorrência de *Odontophorus capueira plumbeicollis* (uru).



Foto: Diego Mendes



Figura 10. *Leptodon forbesi* (gavião-de-pescoço-branco).

Endêmica do Brasil

Ordem: Accipitriformes **Família:** Accipitridae

Nomes comuns:

- gavião-de-pescoço-branco (português)
- White-collared Kite (inglês)
- Milano Acollarado (espanhol)

Sinonímia(s):

- *Odontriorchis forbesii*

Distribuição Geográfica

Nordeste do Brasil, em AL e PE (GRANTSAU 2010). Registros fotográficos na PB, AL e SE. Segundo RODA & PEREIRA (2006), a extensão de ocorrência de *L. forbesi* é de 6.356,7 km².

Habitat, ecologia e história natural

Praticamente não há informações sobre a biologia da espécie; sabe-se apenas que habita a floresta atlântica costeira (THIOLLAY 1994) e áreas de brejos de altitude na Paraíba, município de Areia.

População

Localmente, não é rara, mas possui distribuição muito limitada (THIOLLAY 1994). Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos, que sugerem que a população total de *L. forbesi* pode ser menor que 2.500 indivíduos maduros, sendo que entre 95 e 100% dos indivíduos estão em uma única subpopulação.

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

PB: Jardim Botânico de João Pessoa (LIMA 2014) e Parque Estadual da Mata do Pau Ferro.

AL: ESEC de Murici (RODA & PEREIRA 2006).

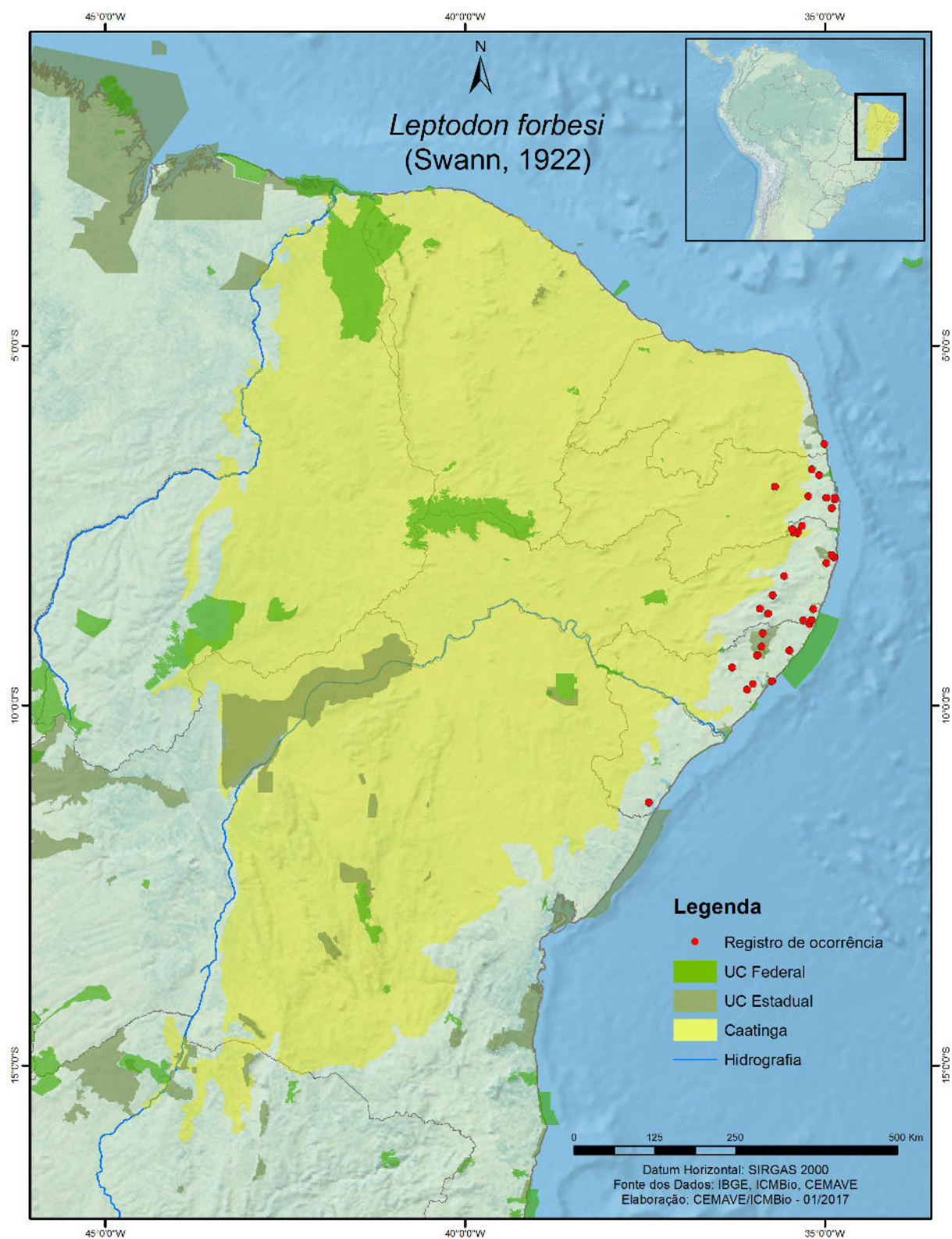


Figura 11. Registros de ocorrência de *Leptodon forbesi* (gavião-de-pescoço-branco).



Imagem retirada de Sick 1997.



Endêmica do Brasil

Ordem: Cuculiformes

Família: Cuculidae

Nomes comuns:

- jacu-estalo (português)
- Scaled Ground-cuckoo (inglês)
- Cuco-hormiguero Ventrirrufo (espanhol)

Figura 12. *Neomorphus g. geoffroyi* (jacu-estalo).

Distribuição Geográfica

É endêmico do leste do Brasil e ocorria originalmente na BA, mas aparentemente não há registros recentes dessa subespécie. É possível que exemplares registrados na região do Boqueirão da Onça/BA (Roos *et al.* 2012) pertençam a este táxon, mas essa hipótese requer confirmação.

Habitat, ecologia e história natural

Apesar de ser essencialmente terrícola, empoleira regularmente para descansar, arrumar a plumagem e dormir (SICK 1997). Alimenta-se de grandes insetos, escorpiões, centopéias, aranhas, pequenos sapos, lagartos e ocasionalmente sementes e frutos (PAYNE 1997). É dependente de ambientes florestais requerendo amplas áreas intactas para sobreviver (PAYNE 1997).

População

A área de distribuição original da espécie é bastante amostrada por ornitólogos, mas os registros atuais são inexistentes. Mesmo considerando que a espécie apresenta hábitos muito discretos, seria esperado um maior número de registros. Assim sendo, estima-se que a população dessa subespécie seja menor que 50 indivíduos maduros, havendo a possibilidade de estar extinta. O único registro recente de *N. geoffroyi* próximo à área de distribuição de *N. g. geoffroyi* é duvidoso quanto à identidade da subespécie (Oficina de Avaliação do Estado de Conservação das Aves da Caatinga).

Presença em Unidades de Conservação

Não são conhecidos registros deste táxon para unidades de conservação. Há proposta de criação de UC na região de Boqueirão da Onça no município de Sento Sé (BA).

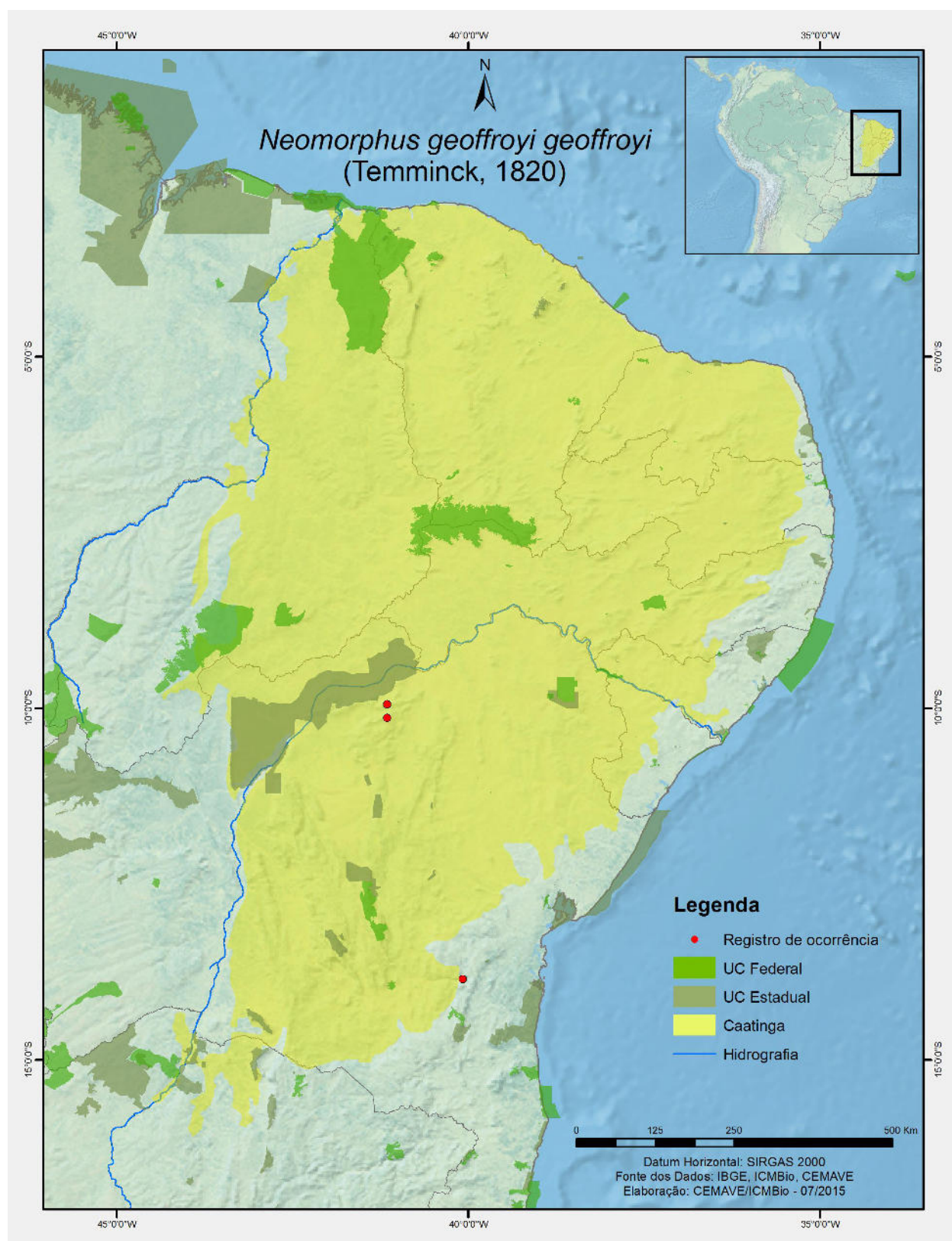


Figura 13. Registros de ocorrência de *Neomorphus geoffroyi geoffroyi* (jacu-estalo).



Foto: Ciro Albano



Figura 14. *Augastes lumachella* (beija-flor-de-gravata-vermelha).

Endêmica do Brasil

Ordem: Apodiformes

Família: Trochilidae

Nomes comuns:

- Beija-flor-de-gravata-vermelha (português)
- Hooded Visorbearer (inglês)
- Colibrí Lumaquela (espanhol)

Sinonímia(s):

- *Ornismya lumachella*
- *Augastes lumachellus*

Distribuição Geográfica

Endêmica da Caatinga, com ocorrência para Bahia, em apenas duas localizações: Chapada Diamantina, onde é restrita a ilhas de campos rupestres acima de 950m de altitude, e Boqueirão do Onça, encontrada acima de 750m de altitude, no município de Sento Sé (BA), apresenta a distribuição da espécie mais a norte da Cadeia do Espinhaço (RUSCHI 1963, GRANTSAU 1967, SICK 1997, ALMEIDA & RAPOSO 1999, PARRINI *et al.* 1999, CARVALHAES 2001, CARVALHAES & MACHADO 2008, VASCONCELOS 2008, VASCONCELOS *et al.* 2008, SOUZA *et al.* 2009).

Habitat, ecologia e história natural

Ocupa campos rupestres e caatinga arbórea arbustiva, em altitudes que variam de 750 a 1600m. Existem poucos estudos sobre a história natural dessa espécie. Constroem seus ninhos utilizando cerdas de cactáceas, apoiadas em forquilhas de arbustos baixos, a cerca de 1m do solo (MACHADO *et al.* 2003). É territorialista, sendo que machos e fêmeas estabelecem, separadamente, áreas de alimentação, as quais defendem através de vocalizações e agressões físicas. Capturam insetos em torno de pequenos arbustos (ALMEIDA & RAPOSO 1999) e, sobretudo, néctar de flores. Há registros de 27 espécies de plantas cujas flores são exploradas por *A. lumachella* (RUSCHI 1962, ALMEIDA & RAPOSO 1999, ROMÃO 2002, MACHADO *et al.* 2007, COELHO 2008, SANTANA 2010).

População

Espécie considerada relativamente comum em sua área de ocorrência (STOTZ *et al.* 1996, ALMEIDA & RAPOSO 1999).

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

BA: Parque Nacional da Chapada Diamantina, Parque Estadual do Morro do Chapéu, Parque Municipal de Mucugê.

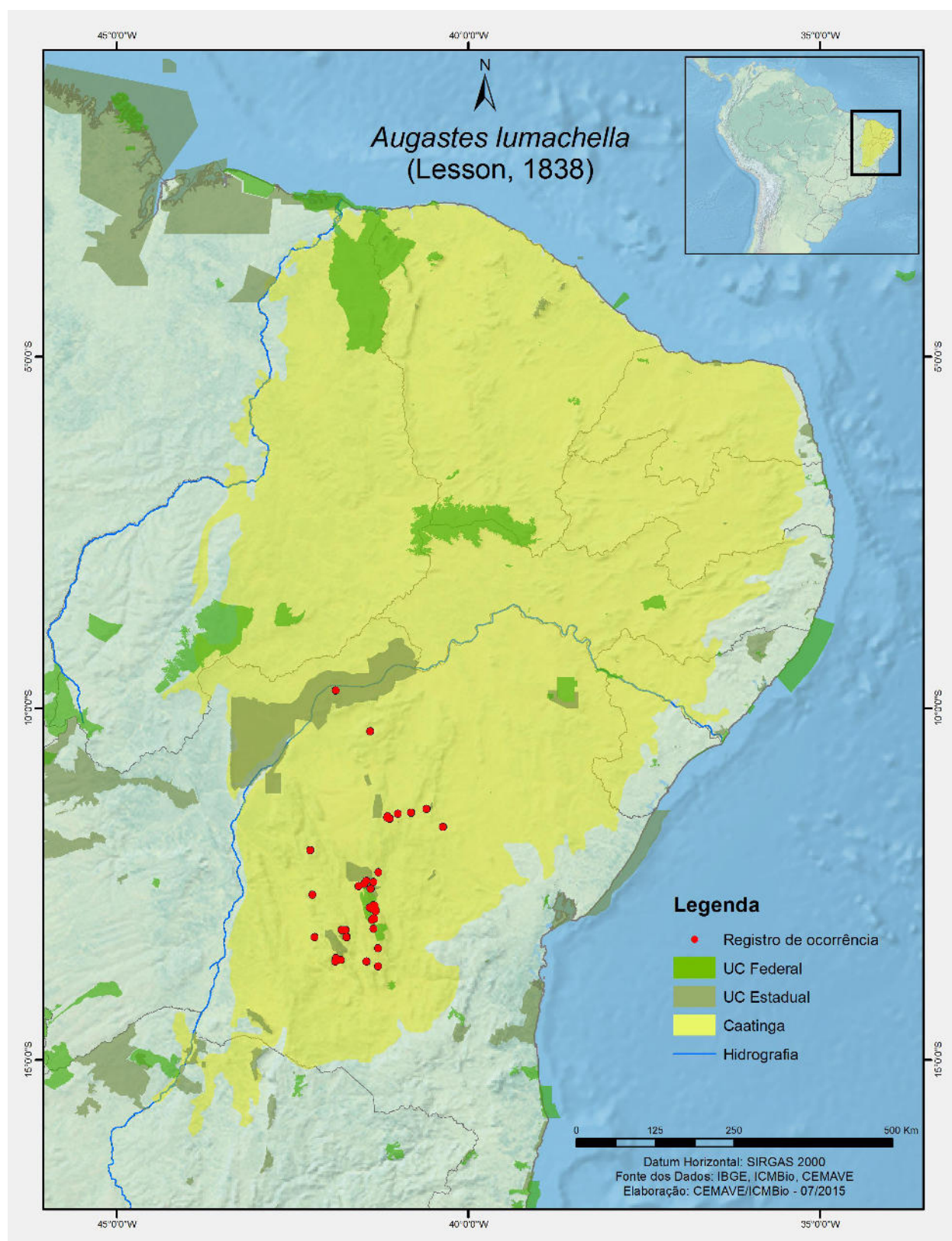


Figura 15. Registro de ocorrência de *Augastes lumachella* (beija-flor-de-gravata-vermelha).



Thalurania watertonii (Bourcier, 1847) - EN

Foto: Ciro Albano



Figura 16. *Thalurania watertonii* (beija-flor-de-costas-violetas).

Endêmica do Brasil

Ordem: Apodiformes **Família:** Trochilidae

Nomes comuns:

- beija-flor-de-costas-violetas (português)
- Long-tailed Woodnymph (inglês)
- Zafiro Colilargo (espanhol)

Sinonímia(s):

- *Trochilus watertonii*

Distribuição Geográfica

Há dúvidas sobre a exatidão da localidade-tipo. A espécie foi descrita como proveniente da Guiana com registros também para o Pará. No entanto, pesquisadores a consideram como de ocorrência apenas na Mata Atlântica (RODA 2008).

Registrado para os estados de PE, AL, SE e BA (GRANTSAU 2010). Em SE, AL e PE, foi registrada em 33 localidades (RODA 2008). Em Alagoas existe diversos registros fotográficos no Wikiaves no município de Quebrangulo. Os registros históricos para a região do recôncavo baiano podem ser originários do intenso tráfico de aves para ornamentação de roupas e adereços (RODA 2008).

Habitat, ecologia e história natural

Habita florestas úmidas costeiras (SCHUCHMANN 1999); ocorre em altitudes entre 5 e 980m (RODA 2008). Forrageia nos níveis baixo e médio da vegetação, geralmente em suas bordas. Alimenta-se de néctar de flores de lianas, cactos, epífitas, arbustos e árvores. Captura insetos no ar.

População

É raro em matas urbanas, no entanto é abundante em várias grotas úmidas e densamente sombreadas de florestas tardias na Serra do Mascarenhas, em São Vicente Ferrer, Pernambuco (RODA 2008).

Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos, de modo que estes podem afirmar, com certa segurança, que a população total de *T. watertonii* é menor que 2.500 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 250 deles em cada subpopulação. Além disso, há fragmentação severa da população e declínio populacional continuado devido à perda de qualidade de habitat e de área de ocupação (Oficina de Avaliação do Estado de Conservação das Aves da Caatinga).

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

AL: ESEC de Murici (VASQUES 2009), REBIO Pedra Talhada (RODA 2008).

BA: PARNA Monte Pascoal (SCHUCHMANN 1999), PARNA da Serra das Lontras (SILVEIRA *et al.* 2005).

PE: ESEC do Tapacurá (TELINO-JÚNIOR 2005), ESEC de Gurjaú, Parque Municipal Vasconcelos Sobrinho (ou Brejo dos Cavalos); REBIO de Saltinho e RPPN Frei Caneca (RODA 2008), Parque Estadual Dois Irmãos (SIQUEIRA-FILHO & MACHADO 2001).

SE: PARNA Serra de Itabaiana (SOUSA 2009), REBIO de Itabaiana (RODA 2008).

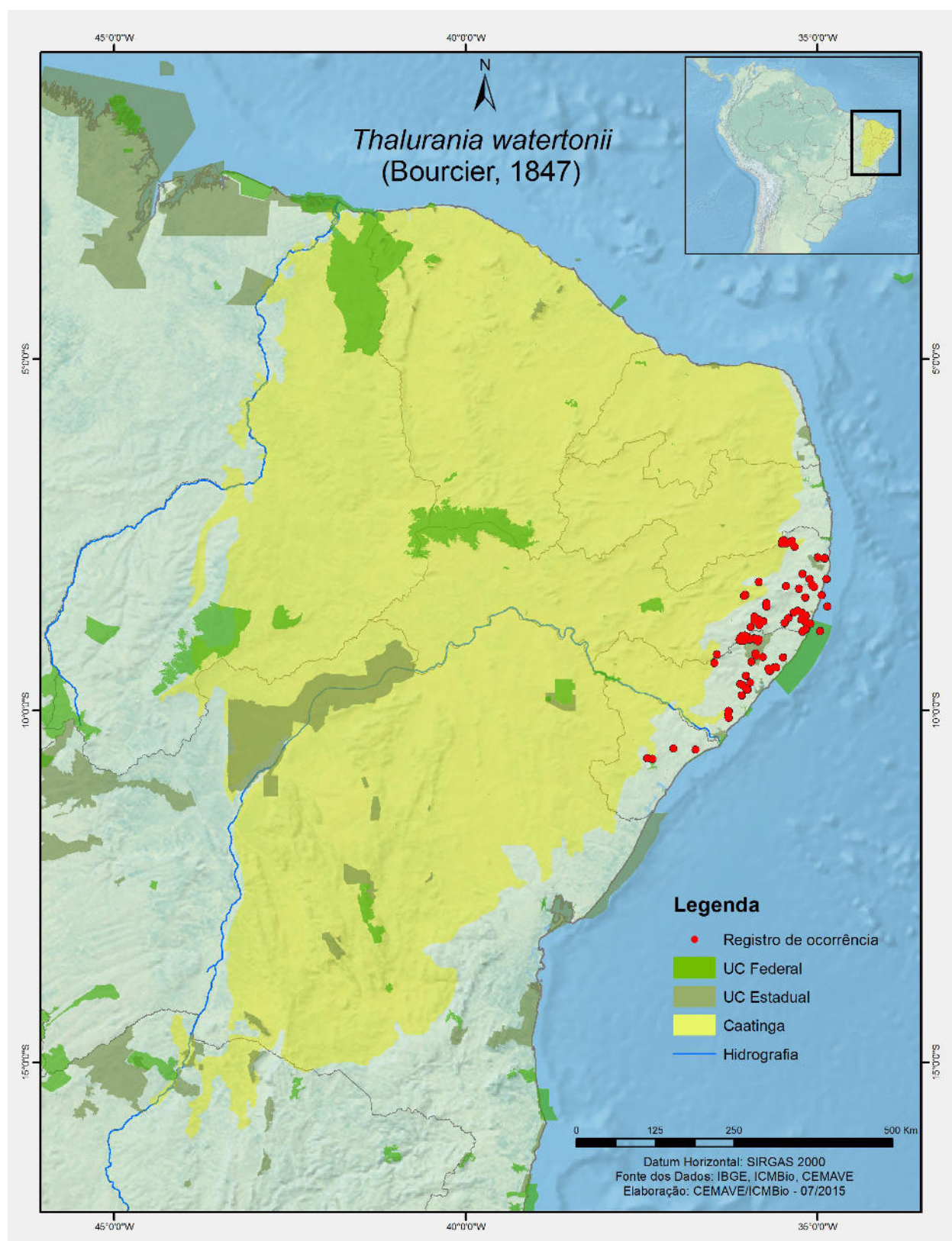


Figura 17. *Thalurania watertonii* (beija-flor-de-costas-violetas).



Foto: Ciro Albano



Figura18. *Selenidera gouldii baturitensis* (saripoca-de-gould).

Endêmica do Brasil

Ordem: Piciformes

Família: Ramphastidae

Nomes comuns:

- saripoca-de-gould (português)
- Gould's Toucanet (inglês)
- Tucanete de Gould (espanhol)

Distribuição Geográfica

Nordeste do Brasil, havendo registros apenas no estado do Ceará (ALBANO & GIRÃO 2008).

Habitat, ecologia e história natural

Ocorre nas florestas úmidas da Serra de Baturité, acima dos 600m de altitude, sendo dependente deste habitat (W. GIRÃO - observação pessoal).

População

Sua área de distribuição é muito bem amostrada por inúmeros ornitólogos. A espécie é conspícua, sendo facilmente registrada quando presente. Assim sendo, é possível afirmar, com certa segurança, que a população total de *P. g. baturitensis* é menor que 2.500 indivíduos maduros e que todos estão contidos na mesma população, uma vez que o táxon é restrito à Serra de Baturité.

Presença em Unidades de Conservação

Não há registro do táxon para nenhuma Unidade de Conservação brasileira.

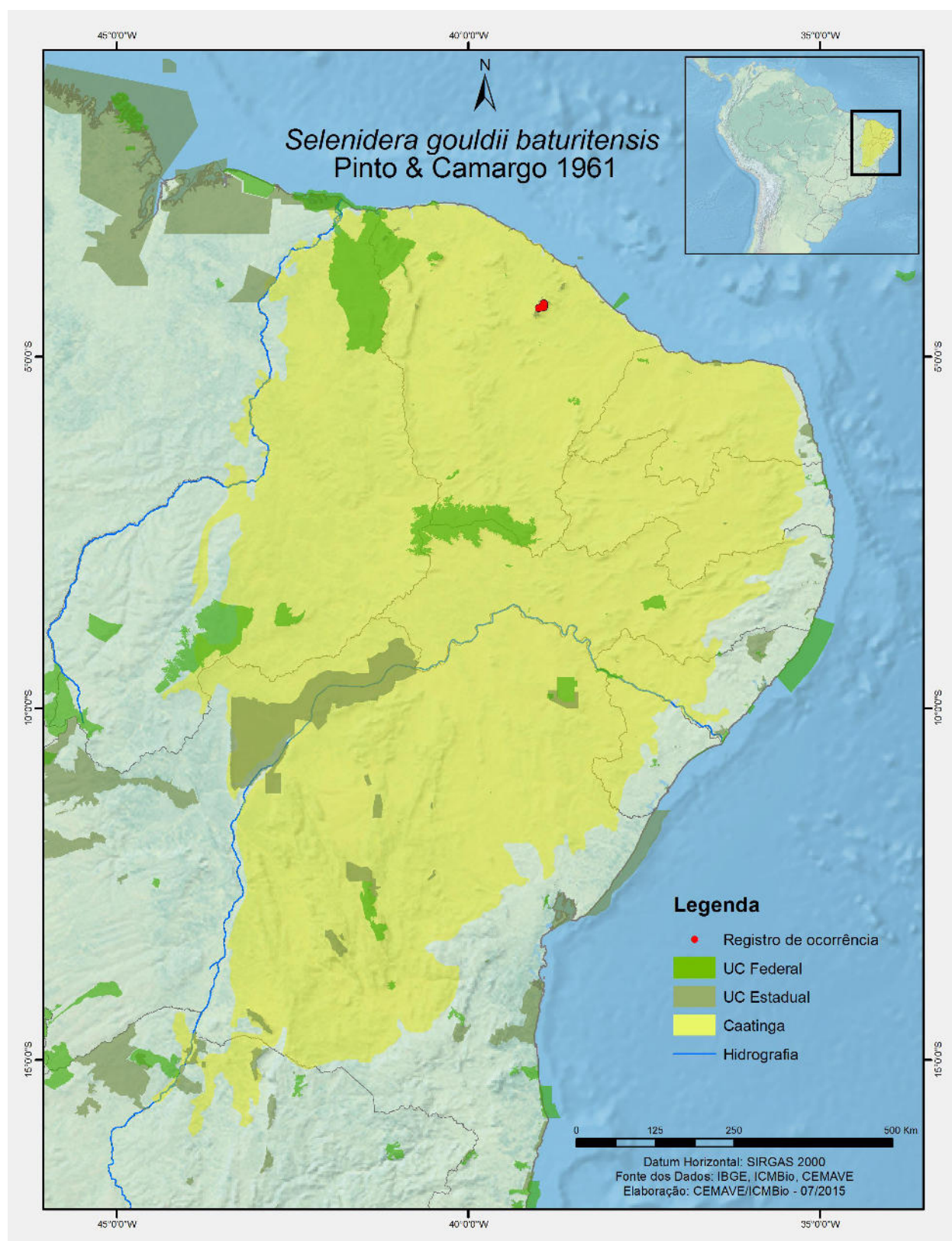


Figura 19. Registros de ocorrência de *Selenidera gouldii baturitensis* (saripoca-de-gould).



Pyrrhura griseipectus (Salvadori, 1900) - EN

Foto: Cristine Prates



Figura 20. *Pyrrhura griseipectus* (periquito-cara-suja).

Endêmica do Brasil

Ordem: Psittaciformes

Família: Psittacidae

Nomes comuns:

- Tiriba-de-peito-cinza
- Periquito-cara-suja
- Cara-suja (português)
- Gray-breasted Parakeet (inglês)

Sinonímia(s):

- *Pyrrhura anaca*
- *Pyrrhura leucotis griseipectus*

Distribuição Geográfica

Endêmica do Brasil, com registros válidos apenas para CE e PE (F. NUNES – comunicação pessoal). Registrada com base em evidências materiais na serra de Baturité (área proposta como sua localidade tipo) (PINTO 1938), Quixadá e Ipu/CE. Coletada em Serra Negra/PE, entre os municípios de Tacaratu, Floresta e Inajá (GIRÃO *et al.* 2010). Há ainda registros para o Ceará baseados em indícios: Tianguá, Serras da Aratanha (entre os municípios de Pacatuba e Maranguape), Céu (Santa Quitéria/Canindé), Machado (Itatira), Maranguape (Maranguape/Caucaia) e Matas (Monsenhor Tabosa) (W.A. GIRÃO - observação pessoal). Existem relatos históricos de ocorrência para Murici e Pedra Talhada (AL), porém sem existência de documentação destes (GIRÃO & ALBANO 2008). Na Paraíba, há cerca de 60 anos, foi considerada comum, entretanto direcionando para a condição de raríssima (ZENAIDE 1953).

Habitat, ecologia e história natural

Ocupa floresta decídua e clareiras adjacentes com árvores esparsas (COLLAR 1997). Forma bandos fora do período reprodutivo. TEIXEIRA (1995) observou nidificação em oco de Ingá, na serra de Baturité. Em Quixadá, utiliza cavidades rochosas, onde possivelmente se reproduz (GIRÃO *et al.* 2010). A dieta de *P. griseipectus* inclui larvas de insetos e vegetação pioneira como Ingá (OTOCH 1986), *Croton*, *Byrsonima* e *Syzygium* (TEIXEIRA 1995). Também consome banana, milho, feijão (OTOCH 1986) e nêspera (TEIXEIRA 1995). Uma pesquisa, permitiu o levantamento de outras 15 espécies consumidas por *P. griseipectus*, incluindo a comprovação da dispersão de uma delas, com viabilidade de recrutamento. No mesmo estudo foram encontrados nove ninhos em cavidades de três outras espécies vegetais além das duas conhecidas. Uma espécie de árvore pioneira foi preferida para nidificação, possivelmente por permanecer viva quando perfurada por larvas de coleópteros e por ter suas flores e frutos consumidos pela ave.

População

Desde a redescoberta da população de Quixadá (GIRÃO *et al.* 2010), com a compreensão de que poderia habitar encostas de inselbergues, o habitat potencial da ave foi ampliado, gerando a necessidade de buscas de eventuais subpopulações desconhecidas. No entanto, suspeita-se que existam cerca de 250 indivíduos maduros. Devido à distribuição disjunta, é possível que uma rede de metapopulações tenha se desestruturado, acarretando extinções locais e fragmentação severa da população.

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

CE: APA Estadual da Serra de Baturité, Monumento Natural Monólitos de Quixadá.

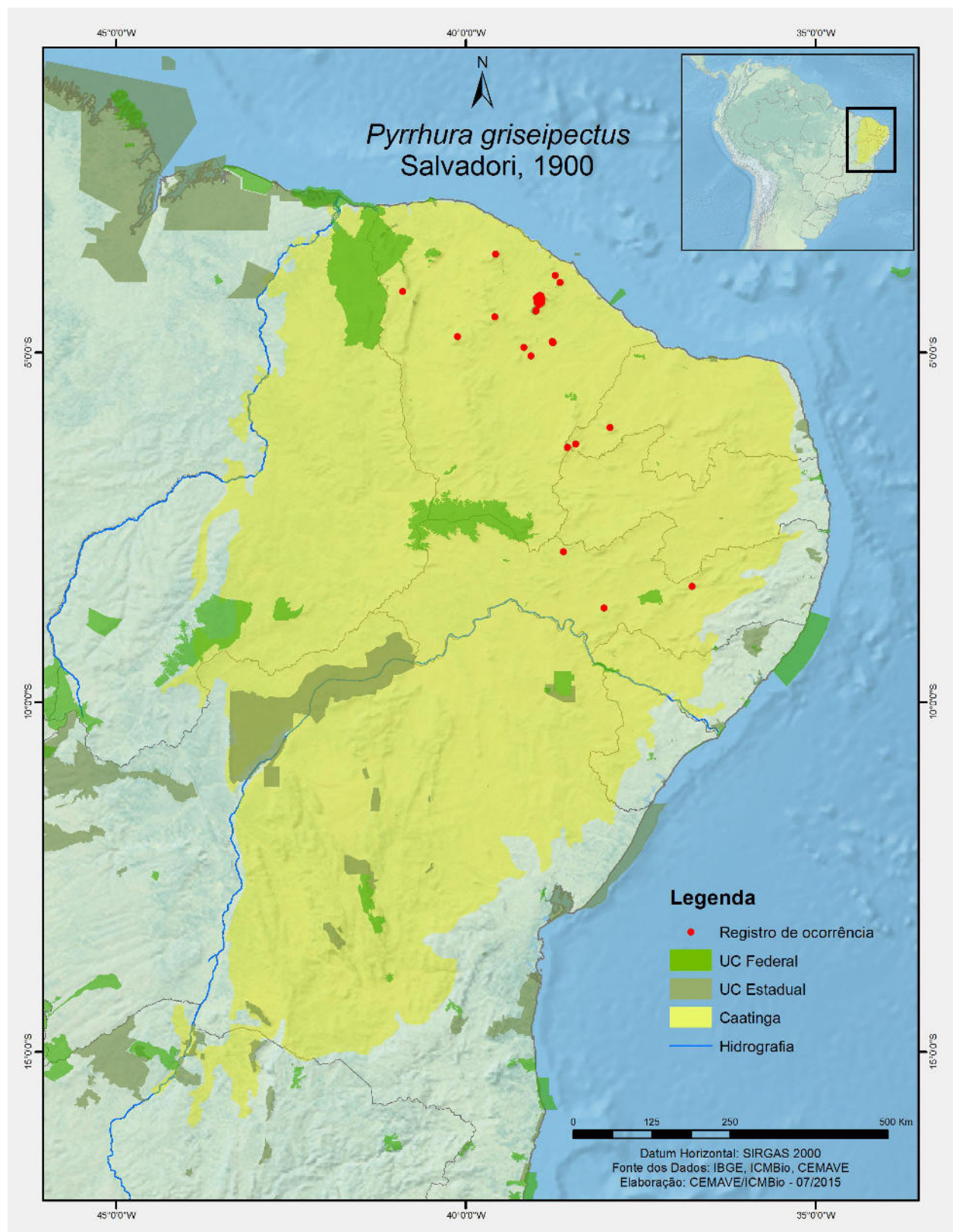


Figura 21. Registros de ocorrência de *Pyrrhura griseipectus* (periquito-cara-suja).



Terenura sicki (Teixeira & Gonzaga, 1983) - CR

Foto: Ciro Albano



Figura 22. *Terenura sicki* (zidedê-do-nordeste).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes **Família:** Thamnophilidae

Nomes comuns:

- zidedê-do-nordeste (português)
- Orange-bellied Antwren (inglês)
- Tiluchí de Sick (espanhol)

Distribuição Geográfica

Ocorre no leste de PE e de AL (GRANTSAU 2010). Registrada para apenas dez localidades, em 14 fragmentos florestais (RODA *et al.* 2011). Apresenta registro na REBIO Pedra Talhada, município de Quebrangulo, Alagoas (ALBANO 2008). A área total ocupada pela espécie é estimada em apenas 120km² (ZIMMER & ISLER 2003).

Habitat, ecologia e história natural

Habita floresta perenifólia (ZIMMER & ISLER 2003), em altitudes que variam de 300 a 700m (RODA *et al.* 2011), embora haja registros a menos de 100m de altitude (ALBANO 2009). Raramente visto em vegetação secundária (RODA *et al.* 2011).

Ocupa os estratos mais altos da mata, geralmente de 7 a 20m de altura (ocasionalmente mais abaixo), onde busca pequenos artrópodes em cipós e bromélias, examinando o limbo das folhas. Acompanham bandos mistos com frequência, exceto no período reprodutivo. De difícil visualização, mas fácil de ser localizada pelo canto (TEIXEIRA 1987, ZIMMER & ISLER 2003, RODA *et al.* 2011).

Aparentemente, reproduz-se de outubro a março, como a maior parte das aves da região (TEIXEIRA 1987). A espécie é residente e parece não tolerar alterações de habitat, desaparecendo de áreas degradadas (ZIMMER & ISLER 2003).

População

ZIMMER & ISLER (2003) consideram que as populações estão supostamente em declínio devido à destruição de habitat. RODA *et al.* (2011) afirmam que a espécie parece ser abundante em algumas localidades de registro.

SCHNELL *et al.* (2013) considera que esta espécie possui população severamente fragmentada.

No município de Jaqueira (PE), parece ser bastante comum na RPPN Frei Caneca. No mesmo estado, é considerada comum nos Engenhos Coímbra e Água Azul, bem como na Mata do Estado (ALBANO 2009).

Na Esec de Murici (AL), era considerada de comum a razoavelmente comum (ZIMMER & ISLER 2003). No entanto, em 10 excursões feitas ao local entre os meses de novembro de 2006 e janeiro de 2009, apenas um par foi registrado por visita, ocorrendo sempre na mesma área, tratando-se, provavelmente, dos mesmos indivíduos (ALBANO 2009).

Não há avistamentos recentes da espécie em Novo Lino/PE (RODA 2008).

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

AL: REBIO de Pedra Talhada (RODA 2005; ALBANO 2008)), ESEC de Murici (RODA 2008).

PE: RPPN Frei Caneca (RODA *et al.* 2011).

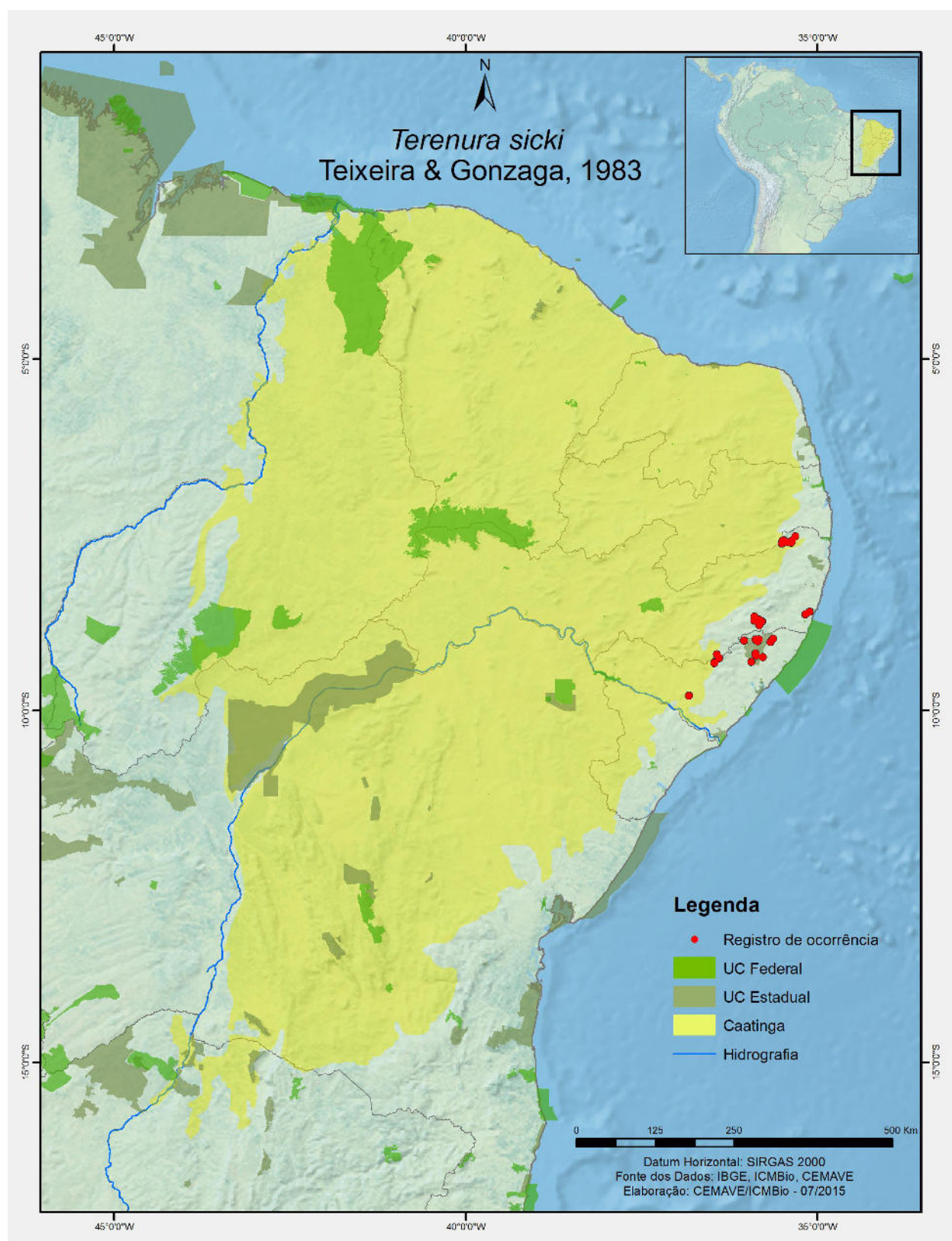


Figura 23. Registros de ocorrência de *Terenura sicki* (zidedê-do-nordeste).



Formicivora iheringi (Hellmayr, 1909) - NT

Foto: Ciro Albano



Figura 24: *Formicivora iheringi* (formigueiro-do-nordeste).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes **Família:** Thamnophilidae

Nomes comuns:

- Papa-formiga-do-sincorá (português)
- Sincora Antwren (inglês)
- Hormiguerito de Sincorá (espanhol)

Distribuição Geográfica

Endêmica da Caatinga, ocorrendo apenas entre BA e MG (SICK 1997, D'ANGELO-NETO 2001).

Habitat, ecologia e história natural

Habita matas de cipó; alimenta-se de invertebrados; segue formigas de correição e participa de bandos mistos; desloca-se aos pares e reproduz entre setembro e dezembro na Chapada São Domingos (L. CARRARA - comunicação pessoal). Aparentemente, é razoavelmente tolerante a certo grau de alteração do habitat, chegando a ocupar pequenos fragmentos florestais.

População

População não estimada, porém, em amostragens recentes, verificou-se que a espécie é localmente abundante em algumas áreas (BIRDLIFE INTERNATIONAL 2012b).

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

BA: PARNA da Chapada Diamantina, PARNA de Boa Nova e REVIS de Boa Nova.

Sudeste

MG: ESEC de Acauã.

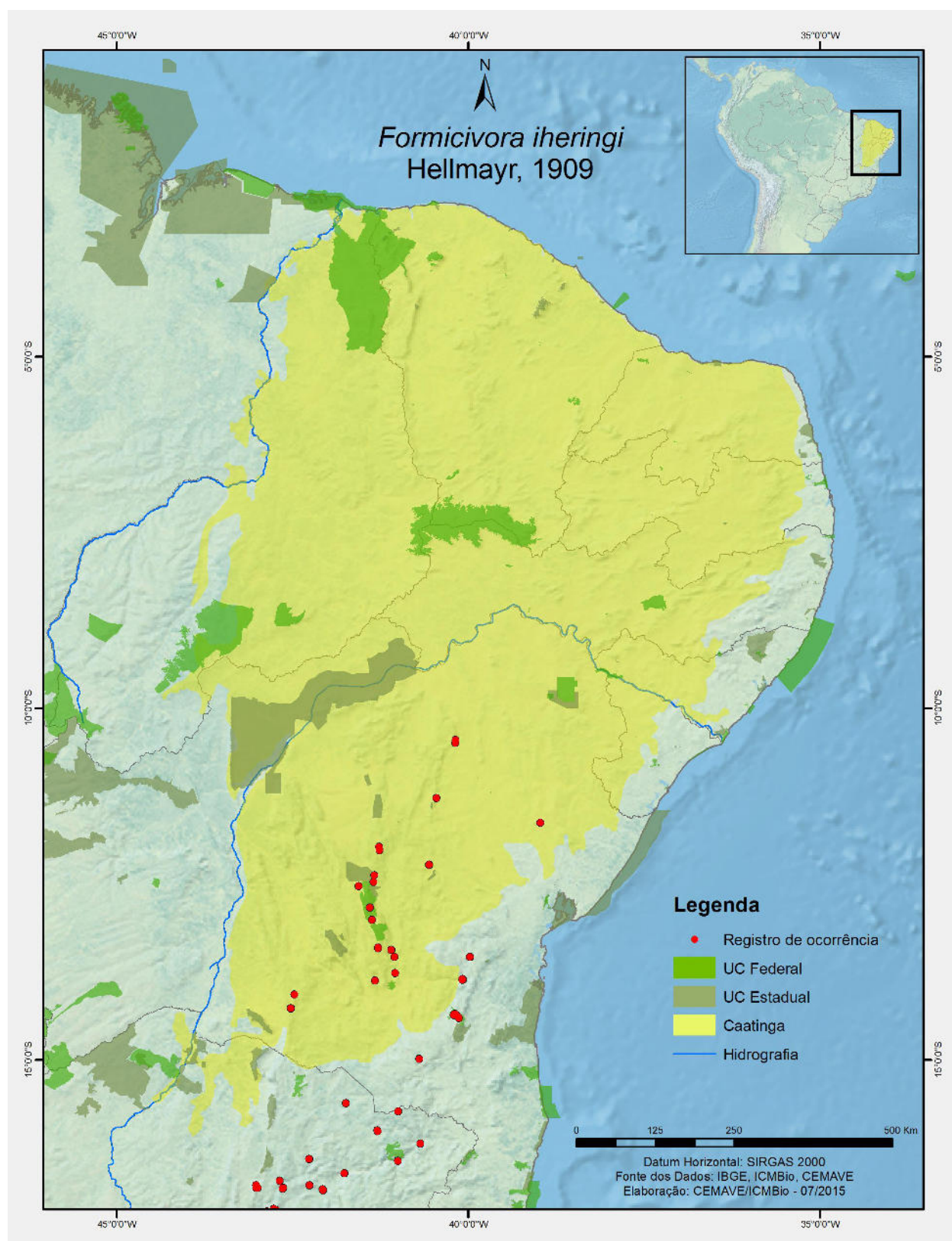


Figura 25. Registros de ocorrência de *Formicivora iheringi* (formigueiro-do-nordeste).



Foto: Ciro Albano



Figura 26. *Formicivora grantsaui* (papa-formiga-do-sincorá).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes **Família:** Thamnophilidae

Nomes comuns:

- Formigueiro-do-nordeste (português)
- Narrow-billed Antwren (inglês)
- Hormiguerito Picofino (espanhol)

Distribuição Geográfica

Ocorre apenas na Serra de Sincorá - BA, entre 850 e 1100 metros de altitude (GONZAGA *et al.* 2007, VASCONCELOS *et al.* 2008). Os registros desta espécie limitam-se aos municípios de Mucugê, Andaraí, Lençóis e Palmeiras (GONZAGA *et al.* 2007).

Habitat, ecologia e história natural

Habita campos rupestres (GONZAGA *et al.* 2007, VASCONCELOS *et al.* 2008). De biologia ainda pouco conhecida; alimenta-se de insetos que captura no estrato herbáceo ou no sub-bosque até próximo ao solo, em pequenos territórios defendidos por casais (GONZAGA *et al.* 2007).

População

Não há estudos sobre tamanho e dinâmica das populações.

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

BA: PARNA da Chapada Diamantina e Parque Municipal de Mucugê.

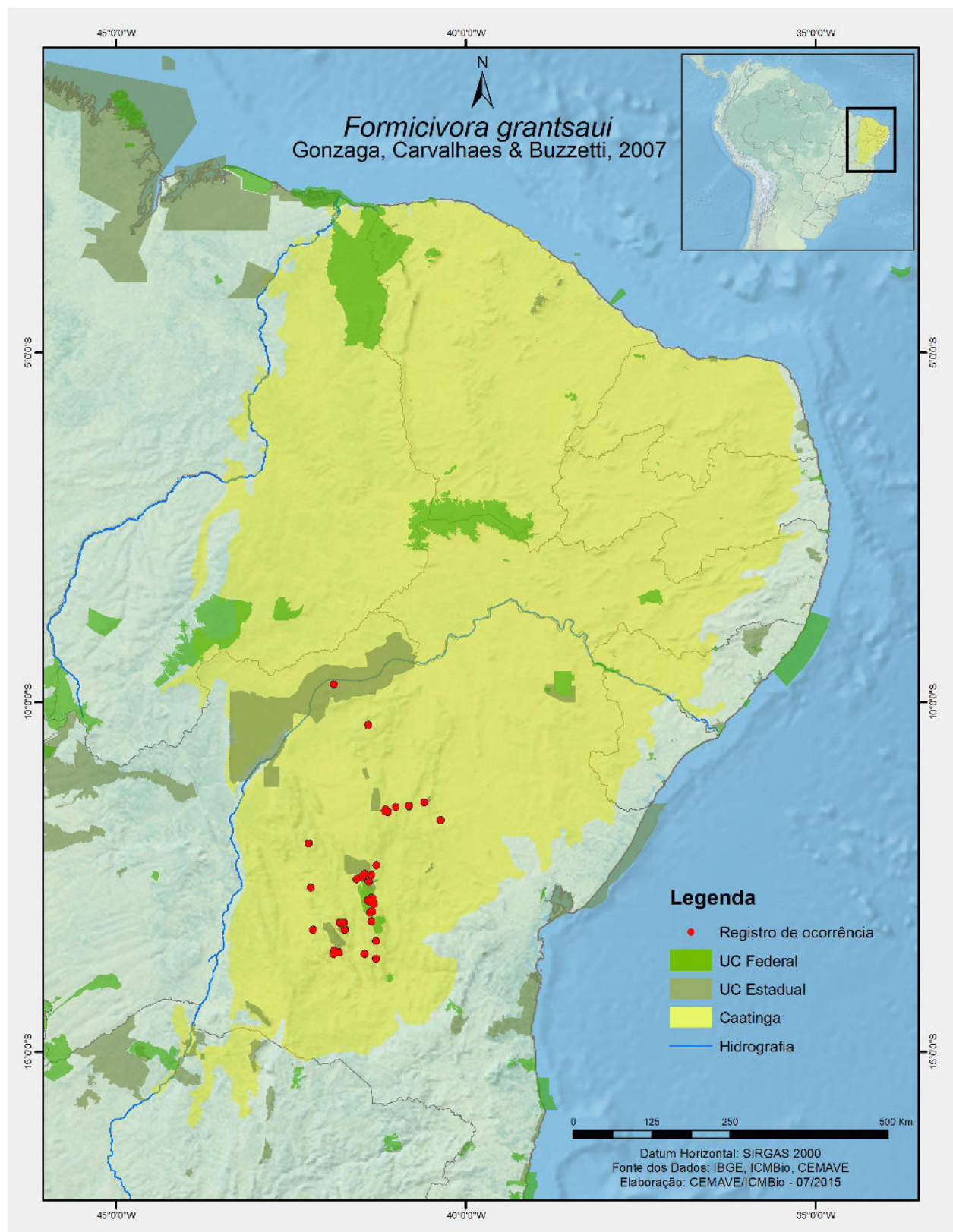


Figura 27: Registros de ocorrência de *Formicivora grantsaui* (papa-formiga-do-sincorá).



Foto: Ciro Albano



Figura 28. *Thamnophilus caerulescens cearensis* (cho-ca-da-mata-de-baturité).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes **Família:** Thamnophilidae

Nomes comuns:

- Choca-da-mata (português)
- Variable Antshrike (inglês)
- Batará Variable (espanhol)

Sinonímia(s):

- *Erionotus cearensis*

Distribuição Geográfica

Ocorre apenas no Ceará, nas serras de Baturité e Ibiapaba. A área de ocupação foi estimada a partir dos remanescentes de mata existentes na área de distribuição de *T. c. cearensis*, sendo calculada em cerca de 300km².

Habitat, ecologia e história natural

Ocorre em florestas úmidas, inclusive em áreas em regeneração (ALBANO & GIRÃO 2008). Ocupa bordas de mata, pequenos fragmentos e áreas levemente alteradas, mas depende da existência da floresta para sobreviver.

População

Considerado comum na Serra de Baturité/CE, onde foram registrados 62,5 e 75 indivíduos/100 horas de observação, em duas localidades distintas (ALBANO & GIRÃO 2008). Entretanto, a população é severamente fragmentada devido à perda de habitat.

Presença em Unidades de Conservação

Não há registro do táxon em Unidades de Conservação brasileiras.

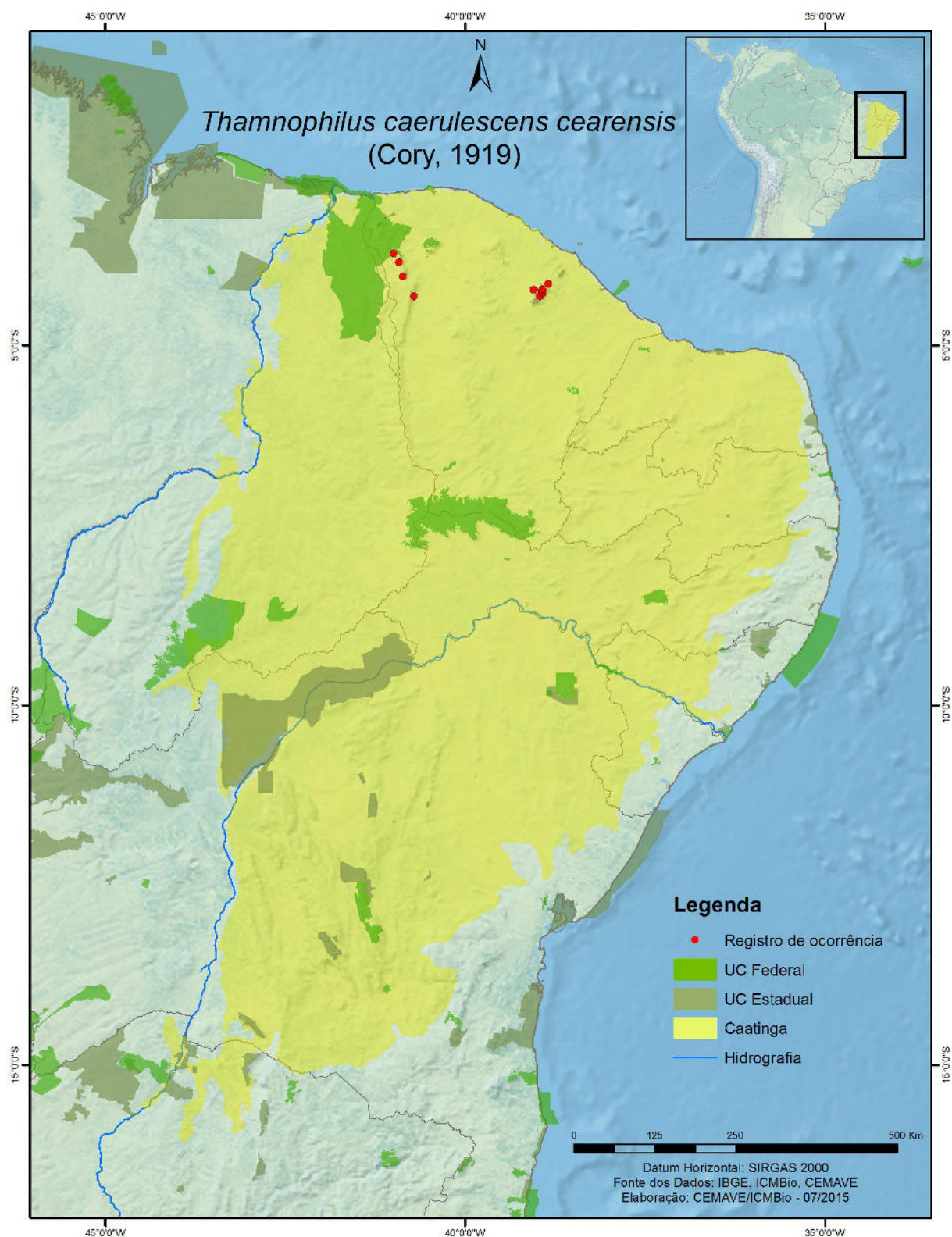


Figura 29. Registros de ocorrência de *Thamnophilus caeruleus cearensis* (choca-da-mata-de-baturité).



Thamnophilus caerulescens pernambucensis (Naumburg, 1937) - VU

Foto: Sérgio Leal



Figura 30. *Thamnophilus caerulescens pernambucensis* (choca-da-mata-do-nordeste).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

Nomes comuns:

- Choca-da-mata
- Choca-da-mata-do-nordeste (português)
- Variable Antshrike (inglês)
- Batará Variable (espanhol)

Distribuição Geográfica

Táxon restrito ao Centro de Endemismo Pernambuco. Encontrado em 64 localidades de Alagoas e Pernambuco (RODA 2008). Atualmente, os remanescentes de floresta nessa área somam cerca de 2200km², mas tendo em vista a dependência de *T. c. pernambucensis* de capoeiras associadas a florestas, nem todos os remanescentes florestais apresentam habitat adequado à sua sobrevivência.

Habitat, ecologia e história natural

Ocorre em pequenos capoeirões no meio dos canaviais em localidades com altitudes entre 1 e 1.067m. Encontrado em grupos de até oito indivíduos, formados na maioria por fêmeas e indivíduos jovens. Análises de gônadas e placas de incubação em algumas fêmeas indicam que podem reproduzir-se tanto nos períodos secos como nas épocas chuvosas (RODA 2008).

População

Comum e abundante em várias localidades de Pernambuco (RODA 2008). Entretanto, a população é severamente fragmentada.

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

AL: ESEC de Murici e REBIO Pedra Talhada (RODA 2008).

PE: APA de Guadalupe (RODRIGUES *et al.* 2007), ESEC de Gurjaú, ESEC do Tapacurá, Parque Dois Irmãos, Parque Municipal Vasconcelos Sobrinho (ou Brejo dos Cavalos), REBIO de Saltinho, Reserva Ecológica de Caetés, Reserva Ecológica Mata do Engenho Uchoa, RPPN Bitury, RPPN Carnijó, RPPN Frei Caneca (RODA 2008), Refúgio Ecológico Charles Darwin (MAGALHÃES 2007).

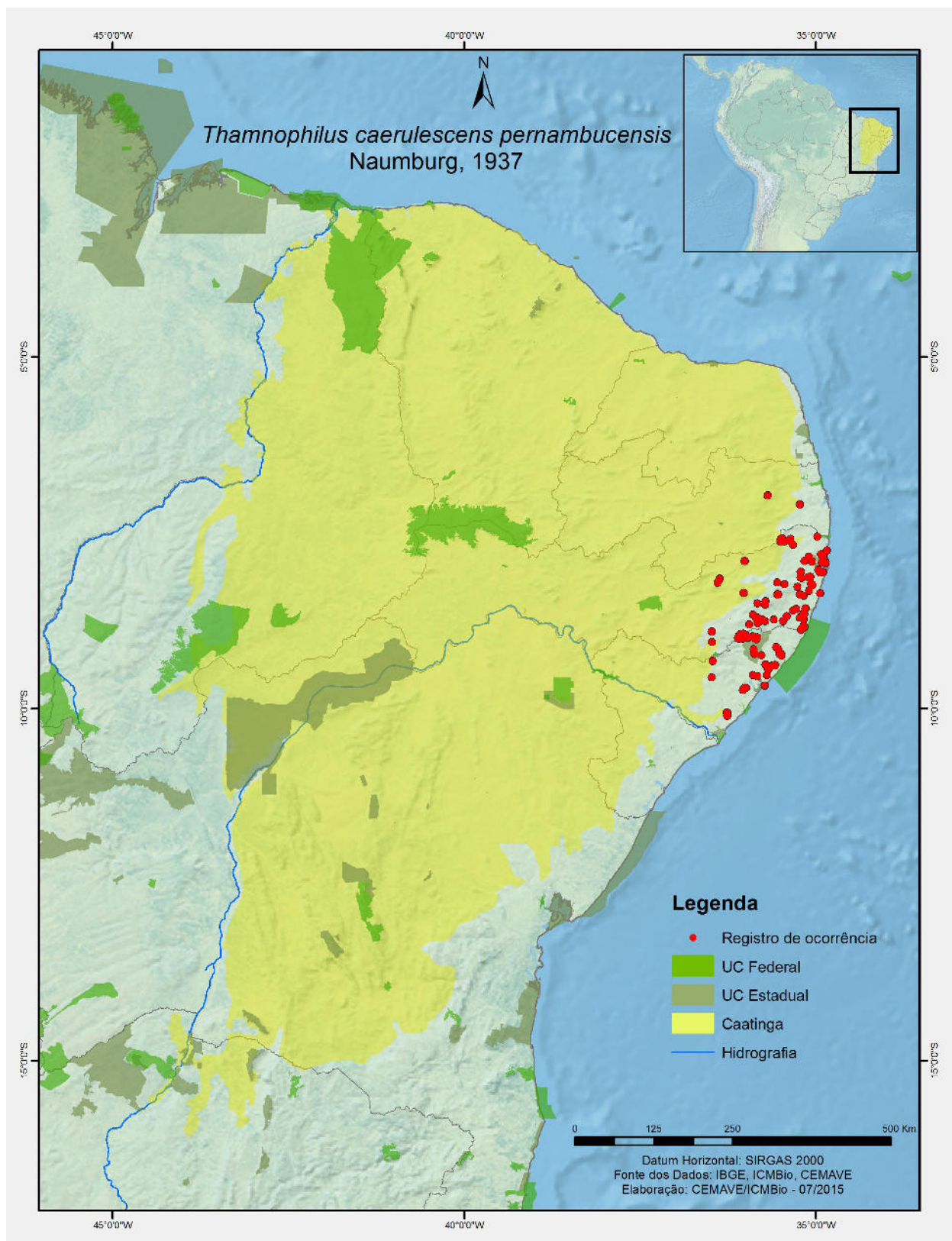


Figura 31. Registros de ocorrência de *Thamnophilus caerulescens pernambucensis* (choca-da-mata-do-nordeste).



Foto: Cristine Prates



Figura 32. *Myrmeciza ruficauda* (formigueiro-de-cauda-ruiva).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes **Família:** Thamnophilidae

Nomes comuns:

- Formigueiro-de-cauda-ruiva (português)
- Scalloped Antbird (inglês)
- Hormiguero Festoneado (espanhol)

Sinonímia(s):

- *Myiothera ruficauda*

Distribuição Geográfica

As subespécies distribuem-se da seguinte forma:

M. r. soror - costa nordeste do Brasil (PB, PE e AL);

M. r. ruficauda - leste do Brasil, no sudeste da Bahia, extremo leste de Minas Gerais e Espírito Santo (ZIMMER & ISLER 2003, GRANTS AU 2010).

A área de ocupação de ambas subespécies, analisadas separadamente, é certamente menor que 500km², uma vez que os remanescentes florestais por ela ocupados são escassos e pequenos.

População

Habita o solo de florestas perenes úmidas e semi-úmidas, bosques maduros de crescimento secundário e, algumas vezes, reduzidas florestas adjacentes, de crescimento secundário. No norte, geralmente em florestas semi-úmidas sombreadas e sub-bosques bastante abertos, usualmente próximo a áreas iluminadas da mata, com emaranhados de cipós ou pilhas de galhos. Altamente terrestre, buscam áreas sombrias da mata e, frequentemente, permanecem em locais onde o sub-bosque é bastante denso (SILVEIRA 2008).

Alimenta-se de insetos, outros artrópodes e pequenas rãs. Em Alagoas, seus ninhos são encontrados principalmente no mês de abril e no Espírito Santo, o período reprodutivo ocorre entre outubro e dezembro. É considerada espécie residente (SILVEIRA 2008).

Habitat, ecologia e história natural

SCHNELL *et al.* (2013) consideram que esta espécie possui população severamente fragmentada.

A forma nominal é muito mais rara do que *Myrmeciza ruficauda soror*, encontrada ao norte do rio São Francisco (SILVEIRA 2008). Sofreu grande declínio populacional devido à destruição de habitat; atualmente, as populações restringem-se a dispersas manchas de florestas (ZIMMER & ISLER 2003).

Atualmente, *M. r. ruficauda* é considerada Provavelmente Extinta em Minas Gerais e restrita a poucas localidades isoladas entre si. No Espírito Santo, está restrita à Rebio do Córrego do Veado e Rebio de Sooretama, onde era considerada razoavelmente comum, nas décadas de 1980 e 1990. Porém, em 2001, nenhum indivíduo foi localizado nessa Reserva. Na Bahia, é registrada apenas na região de Vitória da Conquista, nos municípios de Barra do Choça, Ribeirão do Largo e Itambé, onde não é rara (SILVEIRA 2008).

Myrmeciza r. soror é considerada incomum e distribuída em manchas por toda sua área de ocorrência. Repetidas visitas na Reserva de Murici, de 1996 a 2002, localizaram de cinco a oito territórios desta subespécie. Em Alagoas, na Usina Serra Grande, três territórios foram localizados, em 1996 (ZIMMER & ISLER 2003).

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

AL: ESEC de Murici (ZIMMER & ISLER 2003).

AL/PE: REBIO Pedra Talhada (RODA 2005).

BA: PARNA de Boa Nova e REVIS de Boa Nova (LUIZ *et al.* 2011).

PE: ESEC de Tapacurá, ESEC da Serra dos Cavalos e REBIO de Saltinho (ZIMMER & ISLER 2003), RPPN Frei Caneca, Parque Ecológico João Vasconcelos Sobrinho e Reserva Ecológica de Gurjaú (RODA 2008), APA de Guadalupe (RODRIGUES *et al.* 2007).

PB: REBIO Guaribas (SILVEIRA 2008).

Sudeste

ES: REBIO de Sooretama e REBIO do Córrego do Veado (ZIMMER & ISLER 2003, SILVEIRA 2008).

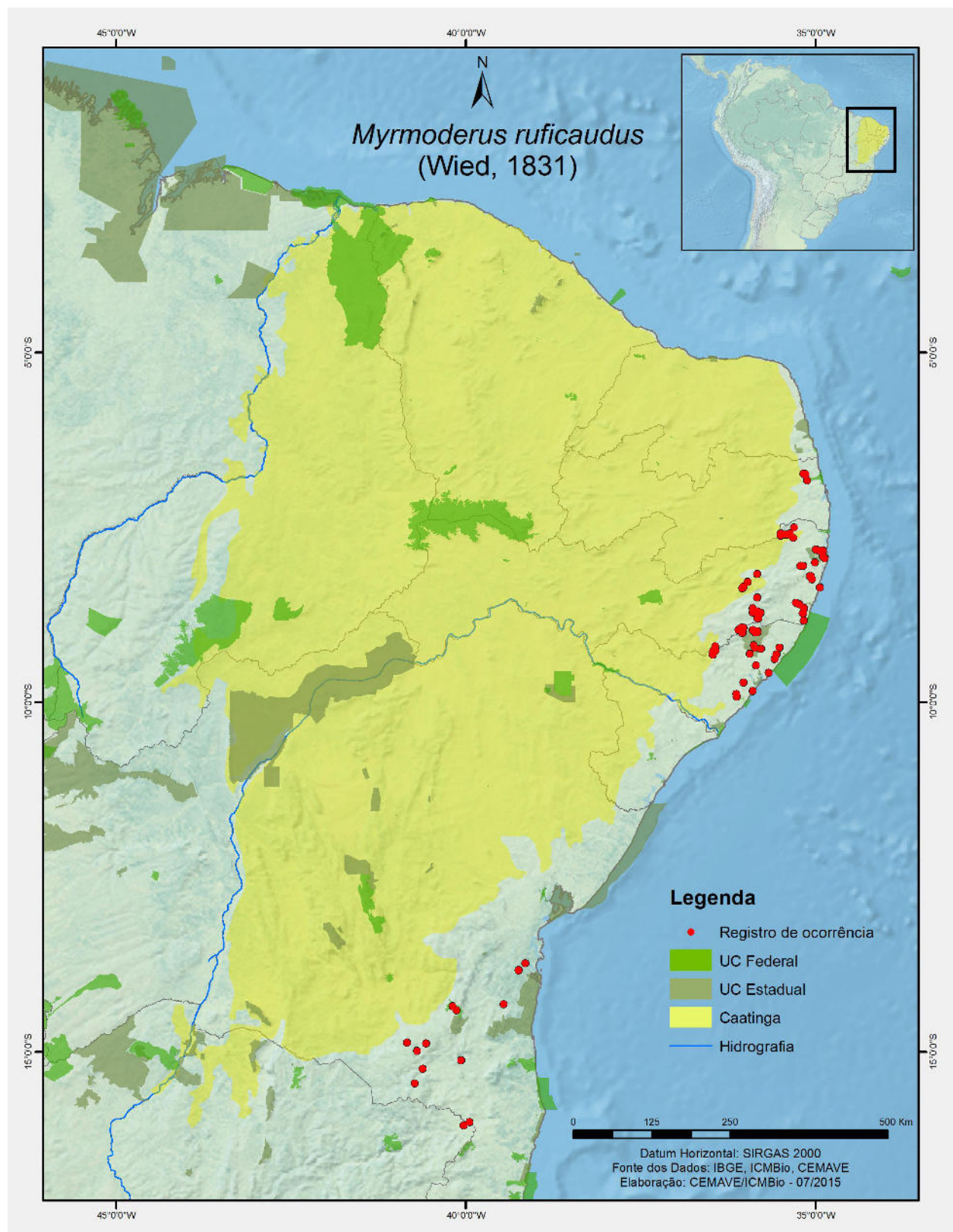


Figura 33. Registros de ocorrência de *Myrmeciza ruficauda* (formigueiro-de-cauda-ruiva).



Pyriglena pernambucensis (Zimmer, 1931) - VU

Foto: Cristine Prates



Figura 34. *Pyriglena pernambucensis* (papa-taoca-de-pernambuco).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes

Família: Thamnophilidae

Nomes comuns:

- Papa-taoca-de-pernambuco (português)
- Pernambuco Fire-eye (inglês)

Distribuição Geográfica

Ocorre apenas no nordeste do Brasil (GRANTSAU 2010). Foi recentemente registrada em 39 localidades de AL, PE e PB (RODA 2008). Atualmente, os remanescentes de floresta nessa área somam cerca de 2200km². Nem todos os remanescentes florestais apresentam habitat adequado à sobrevivência de *P. pernambucensis*, considerando que algumas dessas áreas são bastante pequenas e isoladas.

Habitat, ecologia e história natural

Ocupa áreas florestadas, utilizando inclusive bordas de mata e áreas nos primeiros estágios de recuperação; registrado em altitudes que variam de 3 a 690m; frequenta os estratos mais baixos da mata; alimenta-se de artrópodes capturados no solo, em folhas e troncos; apanha insetos no ar quando seguem correições de formigas, o que é comum. Sempre aos pares ou em grupos numerosos (até 20 indivíduos); também acompanha bandos mistos (RODA 2008).

População

Não há dados populacionais disponíveis.

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste:

AL/PE: REBIO de Pedra Talhada (RODA 2008); ESEC de Murici (RODA 2008).

PE: ESEC de Gurjaú (RODA 2008); ESEC do Tapacurá (RODA 2008); REBIO de Salinho (RODA 2008); RPPN Frei Caneca (RODA 2008).

PB: RPPN Gargaú (RODA 2008).

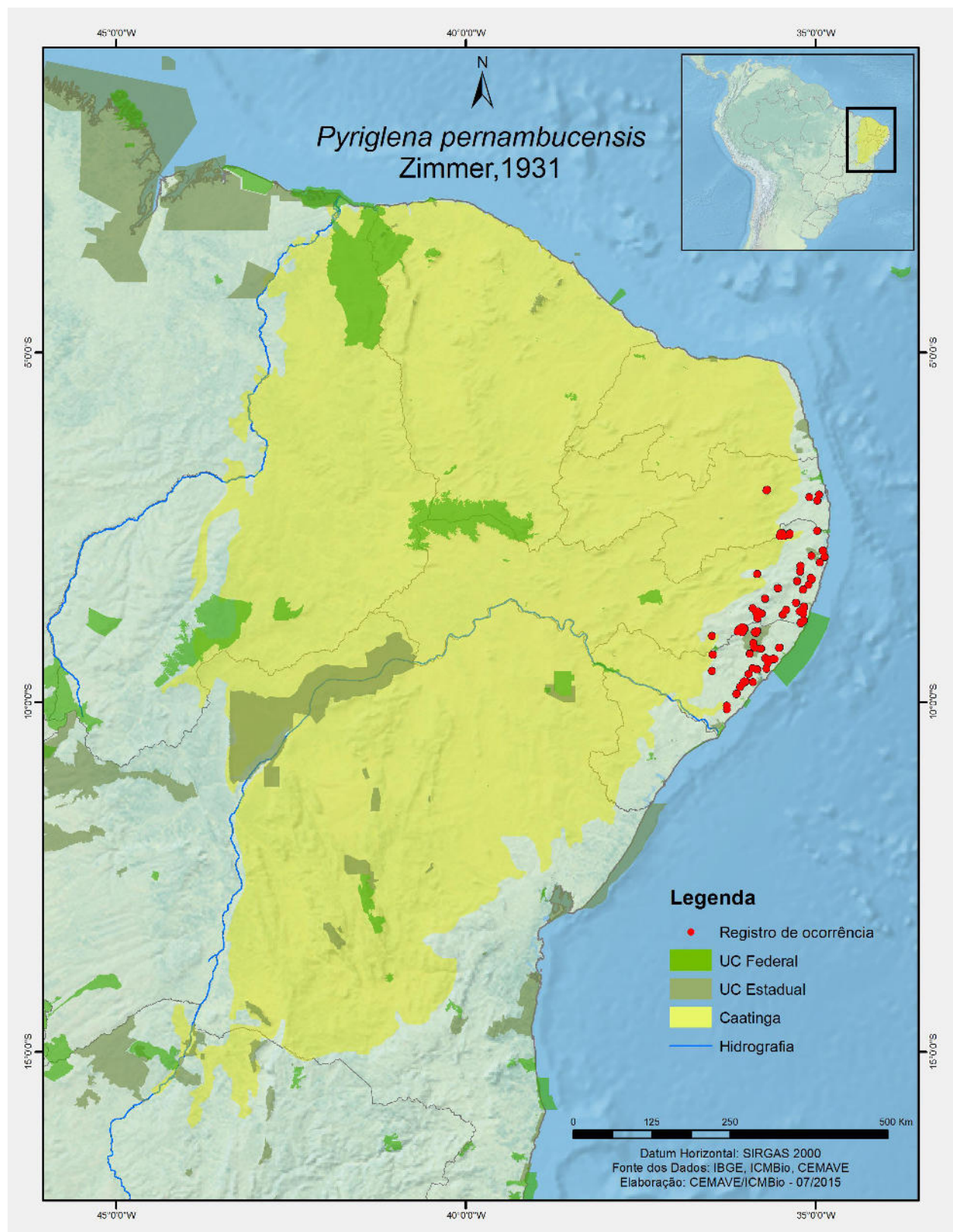


Figura 35. Registros de ocorrência de *Pyriglena pernambucensis* (papa-taoca-de-pernambuco).



Foto: Ciro Albano



Figura 36. *Rhopornis ardesiacus* (gravatazeiro).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes **Família:** Thamnophilidae

Nomes comuns:

- Gravatazeiro
- Pêga-de-gravatá (português)
- Slender Antbird (inglês)
- Hormiguero Esbelto (espanhol)

Sinonímia(s):

- *Myiothera ardesiaca*
- *Rhopornis ardesiaca*

Distribuição Geográfica

Endêmica da Bahia e Minas Gerais (neste último exclusivamente no município de Salto da Divisa, no extremo nordeste do estado - RIBON E MALDONADO-COELHO 2001), ocorrendo em matas secas de transição entre a Caatinga e a Mata Atlântica, conhecida como Mata de Cipó (GRANTSAU 2010). As matas de cipó de Boa Nova constituem as áreas mais extensas e contínuas onde o gravatazeiro ainda é registrado (SILVEIRA 2008b). Do norte para o sul de sua distribuição já foi registrada nos seguintes municípios baianos: Brejões (Sidnei Sampaio - comunicação pessoal), Irajuba (COLLAR *et al.* 2000), Jaguaquara (BENCKE *et al.* 2006), Maracás (LUIZ 2010), Jequié (SICK 1997), Manoel Vitorino (LUIZ 2010), Boa Nova (NAUMBURG 1934), Poções, Itororó, Itapetinga, e Potiraguá (LUIZ 2010). Em estudo recente, não foram localizados indivíduos nos fragmentos de "mata de cipó" de Jequié (SILVEIRA 2008b).

Habitat, ecologia e história natural

Restrito à formação vegetal conhecida como Mata de Cipó, com abundância de bromélias terrestres do gênero *Aechmea*, em altitudes entre 600 e 1.000m. Vive aos pares, no solo ou próximo a ele, procurando por pequenos artrópodes (SILVEIRA 2008b). Segue formigas de correição ao lado de outros Thamnophilidae. O casal defende conjuntamente o território de 0,9 a 2,0ha (LUIZ 2010).

População

População: estima-se que mais de 96% das florestas secas da Bahia foram parcial ou totalmente alteradas, o que seguramente reduziu de maneira drástica a população de *R. ardesiacus* nos últimos 60 anos. Apesar disso, a espécie ainda é localmente abundante. Em Boa Nova, Bahia, sua população foi recentemente estimada em 2.700 indivíduos (LUIZ 2010).

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

BA: PARNA de Boa Nova e REVIS de Boa Nova.

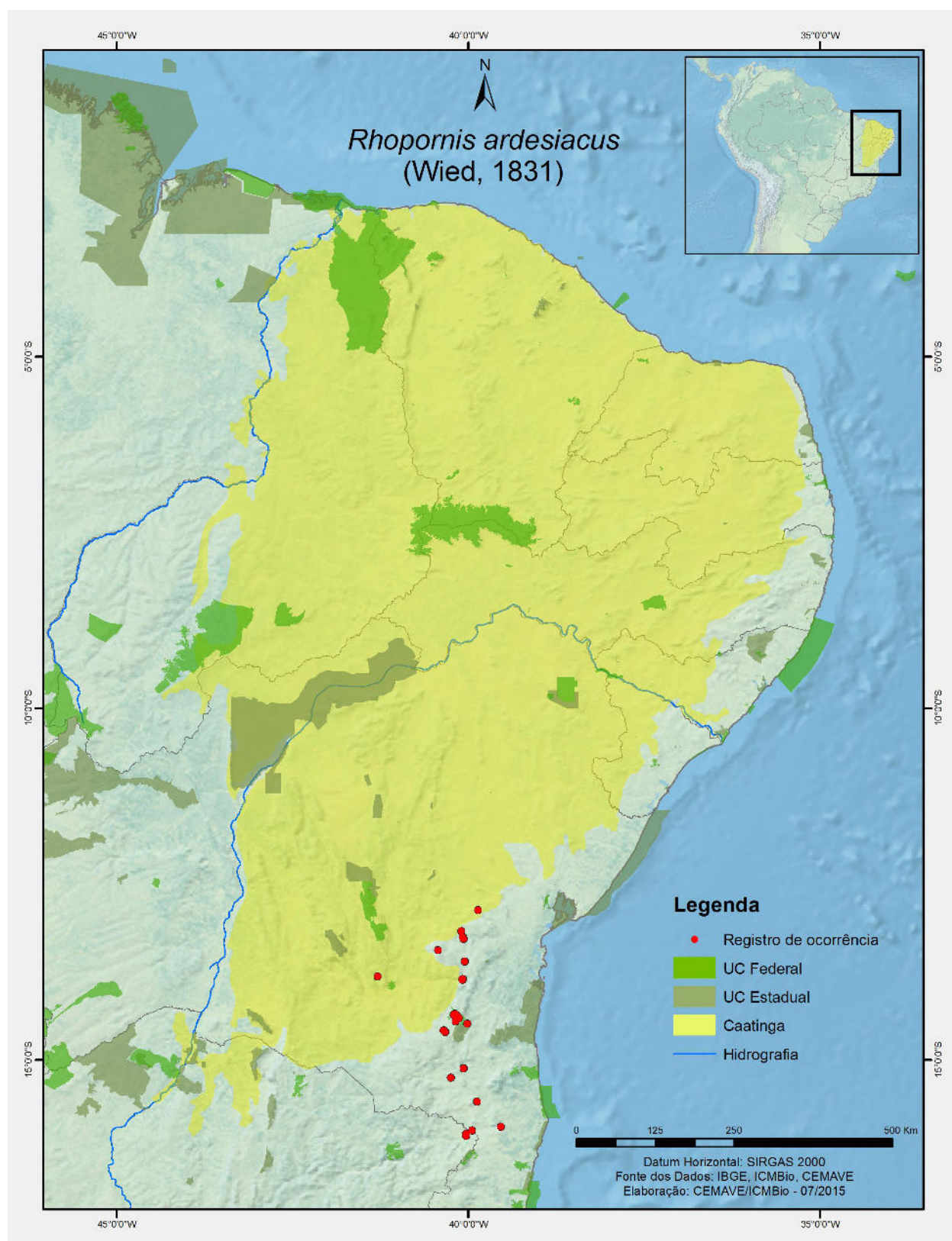


Figura 37. Registros de ocorrência de *Rhopornis ardesiacus* (gravatazeiro).



Foto: Ciro Albano

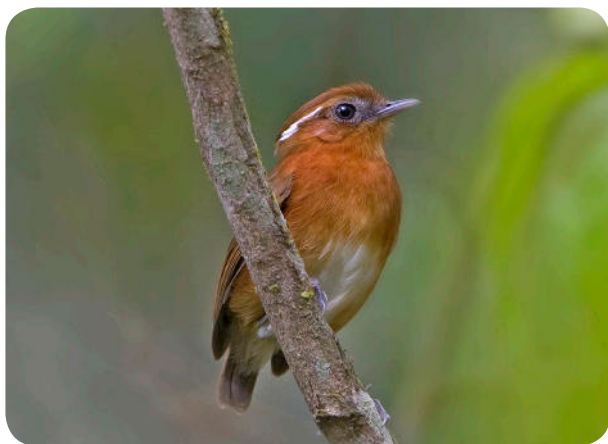


Figura 38. *Conopophaga lineata cearae* (cuspidor-do-nordeste).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes **Família:** Conopophagidae

Nomes comuns:

- Cuspidor-do-nordeste (português)
- Rufous Gnateater (inglês)
- Jejenero Rojizo (espanhol)

Distribuição Geográfica

Conopophaga lineata cearae ocorre atualmente nas serras de Baturité e do Machado (Itatira e Canindé/CE), em Baía Formosa/RN, Mamanguape e Rio Tinto/PB, Quipapá, Recife, São Lourenço da Mata, Brejão, Igarassu, Paulista, Caetés e Caruaru/PE, Pedra Talhada, São Luiz do Quitunde, Pontal do Coruripe e Murici/AL. Há também registros no norte da Bahia (GIRÃO & ALBANO 2008).

No Ceará, esta ave pode ocupar ou ter ocupado as serras próximas do maciço de Baturité, como Aratanha, Maranguape e Uruburetama, mas não foram realizados estudos adequados nesses locais. As serras de Uruburetama, Matas e Meruoca são ainda desconhecidas pelos ornitólogos e estão próximas da distribuição de *Conopophaga roberti*, podendo abrigar uma ou as duas espécies (GIRÃO & ALBANO 2008).

Habitat, ecologia e história natural

Habita florestas úmidas nos estratos inferiores da mata, utilizando inclusive a vegetação de borda. Tolerante a áreas degradadas em regeneração, nas quais chega a nidificar, desde que essas áreas fiquem próximas a uma floresta mais conservada. No Ceará, restringe-se às serras onde há vegetação úmida. Do Rio Grande do Norte a Alagoas habita áreas de baixada (WHITNEY 2003).

População

Em 2008 foi considerada bastante comum na Serra de Baturité/CE, onde foram registrados 50 e 75 indivíduos/100 horas de observação, em duas localidades distintas (ALBANO & GIRÃO 2008). Também é comum em Quebrangulo (C. ALBANO - observação pessoal).

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

AL: REBIO Pedra Talhada e ESEC Murici (GIRÃO & ALBANO 2008).

CE: APA da Serra de Baturité (GIRÃO & ALBANO 2008).

PB: REBIO Guaribas (GIRÃO & ALBANO 2008).

PE: ESEC de Tapacurá, ESEC de Caetés, REBIO Saltinho, Parque Ecológico Municipal Vasconcelos Sobrinho e Parque Estadual Dois Irmãos (GIRÃO & ALBANO 2008), Reserva Ecológica de Gurjaú (LYRA-NEVES 2004), APA de Guadalupe (RODRIGUES *et al.* 2007).

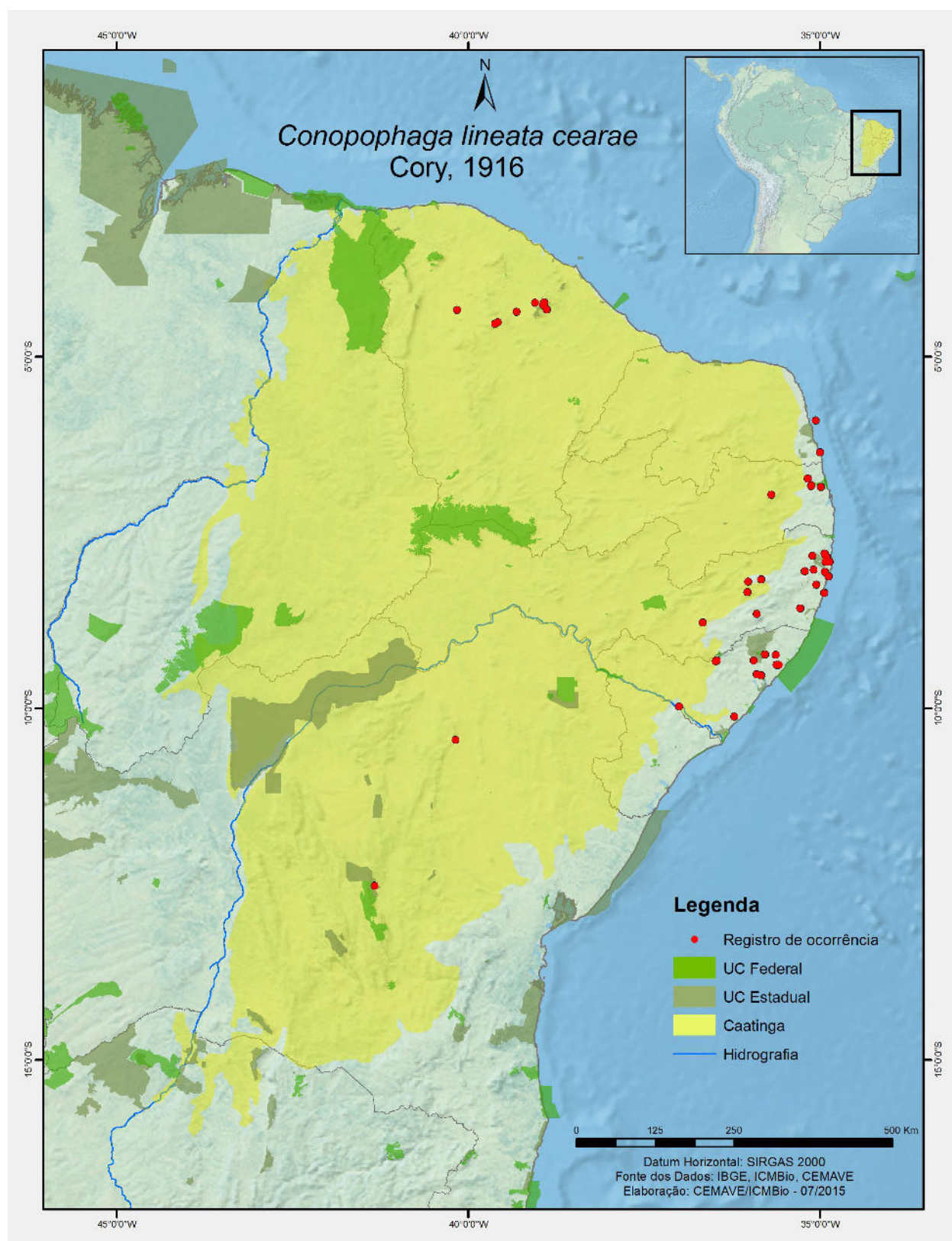


Figura 39. Registros de ocorrência de *Conopophaga lineata cearae* (cuspidor-do-nordeste).



Conopophaga melanops nigrifrons (Pinto, 1954) - VU

Foto: Cristine Prates



Figura 40. *Conopophaga melanops nigrifrons* (chupa-dente-de-máscara-preta).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes **Família:** Conopophagidae

Nomes comuns:

- Cuspidor-de-máscara-preta (português)
- Black-cheeked Gnateater (inglês)
- Jejenero Carinegro (espanhol)

Distribuição Geográfica

É restrito ao Centro de Endemismo Pernambuco, ocorrendo na costa nordeste do Brasil (GRANTSAU 2010), do RN a AL (RODA 2008). Nessa região, os fragmentos de mata somam cerca de 2.200km².

Habitat, ecologia e história natural

É dependente de florestas bem conservadas, ainda que ocorra em suas bordas e em áreas de vegetação secundária. Alimenta-se de pequenos artrópodes. É espécie sedentária (WHITNEY 2003). Ocorre solitário, aos pares ou em pequenos grupos (cinco a oito indivíduos); acompanha formigas de correição (RODA 2008).

População

É comum apenas em áreas bem preservadas e pouco impactadas, como em algumas Unidades de Conservação (por ex.: RPPN Frei Caneca e Mata do Estado/PE e Esec de Murici/AL) (RODA 2008).

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

AL: ESEC de Murici (WHITNEY 2003, RODA 2008).

PB: REBIO Guaribas (RODA 2008).

PE: REBIO Saltinho, RPPN Frei Caneca, Reserva Ecológica de Gurjaú, Parque Estadual Dois Irmãos (RODA 2008); ESEC do Tapacurá (TELINO-JÚNIOR 2005, RODA 2008); APA de Guadalupe (RODRIGUES *et al.* 2007).

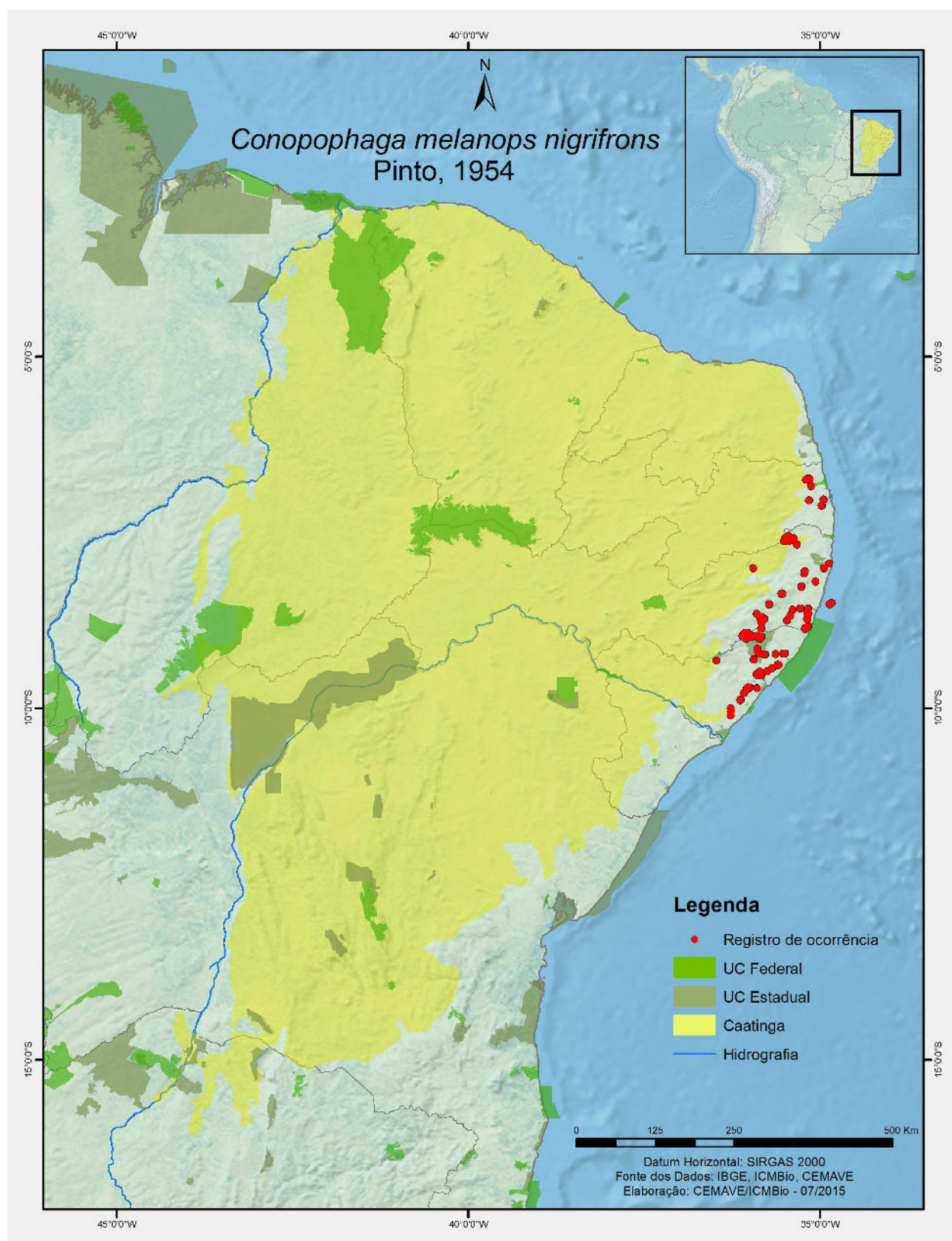


Figura 41. Registros de ocorrência de *Conopophaga melanops nigrifrons* (chupa-dente-de-máscara-preta).



Scytalopus diamantinensis (Bornschein, Maurício, Belmonte-Lopes, Mata e Bonato, 2007) - **EN**

Foto: Ciro Albano



Figura 42: *Scytalopus diamantinensis* (tapaculo-da-chapada-diamantina).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes

Família: Rhinocryptidae

Nomes comuns:

- Tapaculo-da-chapada-diamantina (português)
- Diamantina Tapaculo (inglês)
- Churrín de Diamantina (espanhol)

Distribuição Geográfica

Endêmico da Bahia, com ocorrência na Serra de Sincorá (Chapada Diamantina, porção baiana da Cadeia do Espinhaço). Os registros desta espécie limitam-se aos municípios de Bonito, Abaira, Ibicoara, Lençóis, Iramaia e Barra da Estiva (BORNSCHEIN *et al.* 2007).

Habitat, ecologia e história natural

Ocupa o sub-bosque denso e sombreado, a uma altura de 1 a 2m, em ramos de pequeno diâmetro no interior de florestas e capoeiras altas; eventualmente pode visitar área de campo rupestre com vegetação herbácea e arbustiva densa, adjacente ao ambiente florestal. Não há informações precisas sobre a dinâmica reprodutiva. Ocorrem solitários ou aos pares; são insetívoros. É tolerante a certo grau de alteração de habitat, persistindo em áreas com vegetação secundária (BORNSCHEIN *et al.* 2007).

População

Não há informações sobre tamanho e dinâmica populacional.

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

BA: PARNA da Chapada Diamantina.

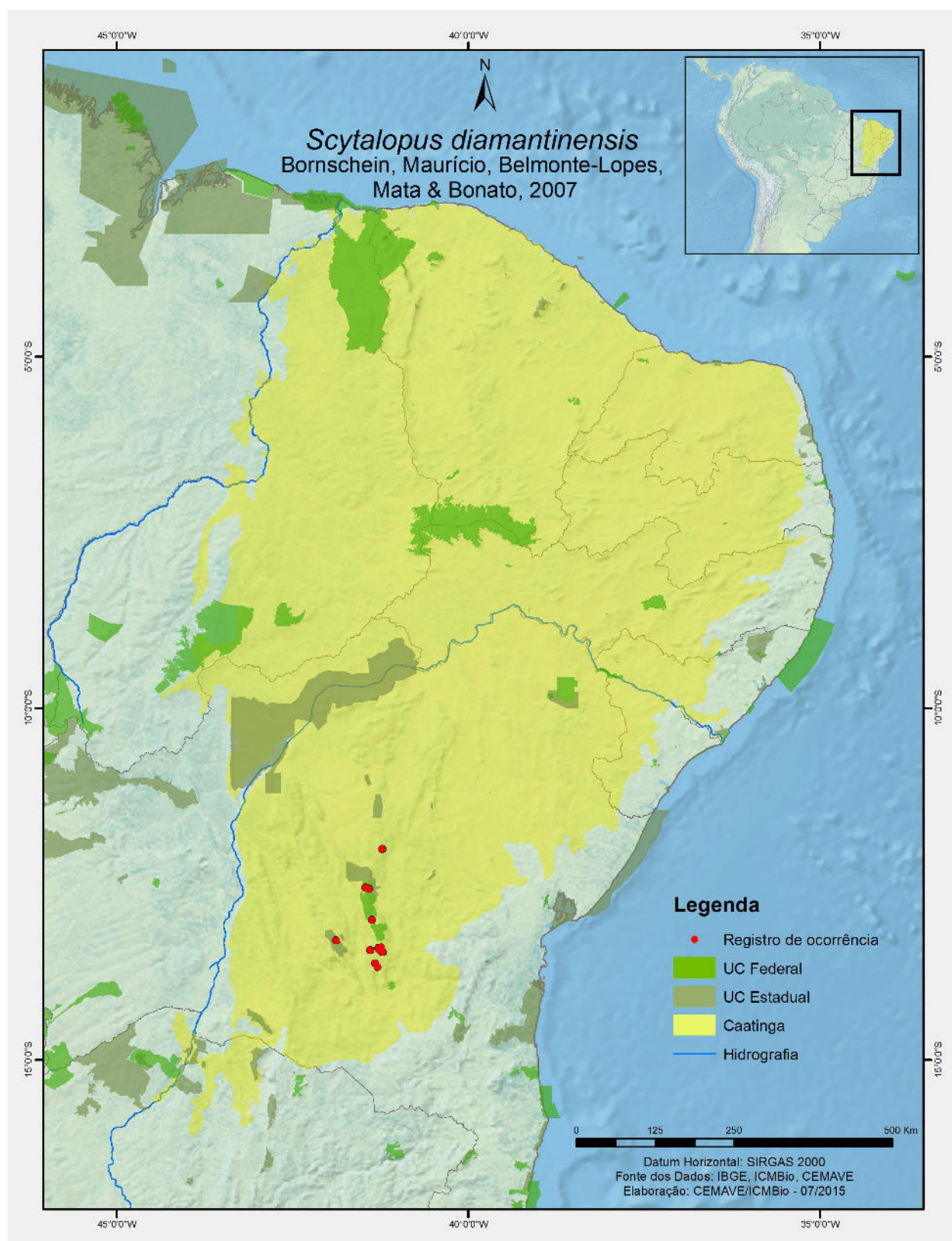


Figura 43. Registros de ocorrência de *Scytalopus diamantinensis* (tapaculo-da-chapada-diamantina).



Foto: Ciro Albano



Figura 44. *Sclerurus cearensis* (vira-folhas-cearense).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes **Família:** Scleruridae

Nomes comuns:

- Andarilho
- Vira-folhas-cearense (português)
- Campo Miner (inglês)
- Minero Brasileño (espanhol)

Sinonímia(s):

- *Sclerurus scansor cearensis*

Distribuição Geográfica

Ocorre no CE, BA (GRANTSAU 2010), PE (GIRÃO & ALBANO 2008b) e PI (SILVEIRA & SANTOS 2012). No Ceará, está presente na Chapada do Araripe e nas serras de Ibiapaba (desde Viçosa do Ceará até Crateús), Meruoca (próxima a Sobral), Machado (Itatira), Uruburetama, Baturité, Maranguape e Aratanha (ALBANO & GIRÃO 2008). Na Bahia, confirmado somente em Senhor do Bonfim (GIRÃO & ALBANO 2008b). O registro baiano de *Sclerurus* sp. para Ibicoara, na Chapada Diamantina (PARRINI *et al.* 1999) carece de maiores informações. No Pernambuco, registrado para o município de Exu (GIRÃO & ALBANO 2008b).

Habitat, ecologia e história natural

Sclerurus cearensis demonstra certa independência de ambientes estritamente úmidos, habitando também matas secas, ao contrário do que ocorre com a subespécie nominal (ALBANO & GIRÃO 2008). Vive no solo, revirando folhas em busca de artrópodos. Ocorre aos pares e reproduz em ninhos escavados em barrancos (GIRÃO & ALBANO 2008).

População

É relativamente comum nas florestas serranas cearenses, sendo mais raro nos outros estados nordestinos (GIRÃO & ALBANO 2008b). Sua baixa densidade nas florestas nordestinas fora do Ceará o torna mais sujeito às extinções locais (GIRÃO & ALBANO 2008b). Com base em dados apresentados por ALBANO e GIRÃO (2008), estima-se que existam 4,8 indivíduos/km² (W.A.G. SILVA - observação pessoal). Considerando-se uma área de ocupação (AOO) de 964km², estima-se o tamanho populacional de 4.627 indivíduos.

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

CE: APA Chapada do Araripe, FLONA do Araripe, APA da Serra do Baturité, APA da Serra da Aratanha, APA da Serra de Maranguape, APA da Serra da Meruoca, APA da Serra de Ibiapaba, PARNA de Ubajara, RPPN Serra das Almas e RPPN Monte Alegre.
PI: PARNA Serra das Confusões.

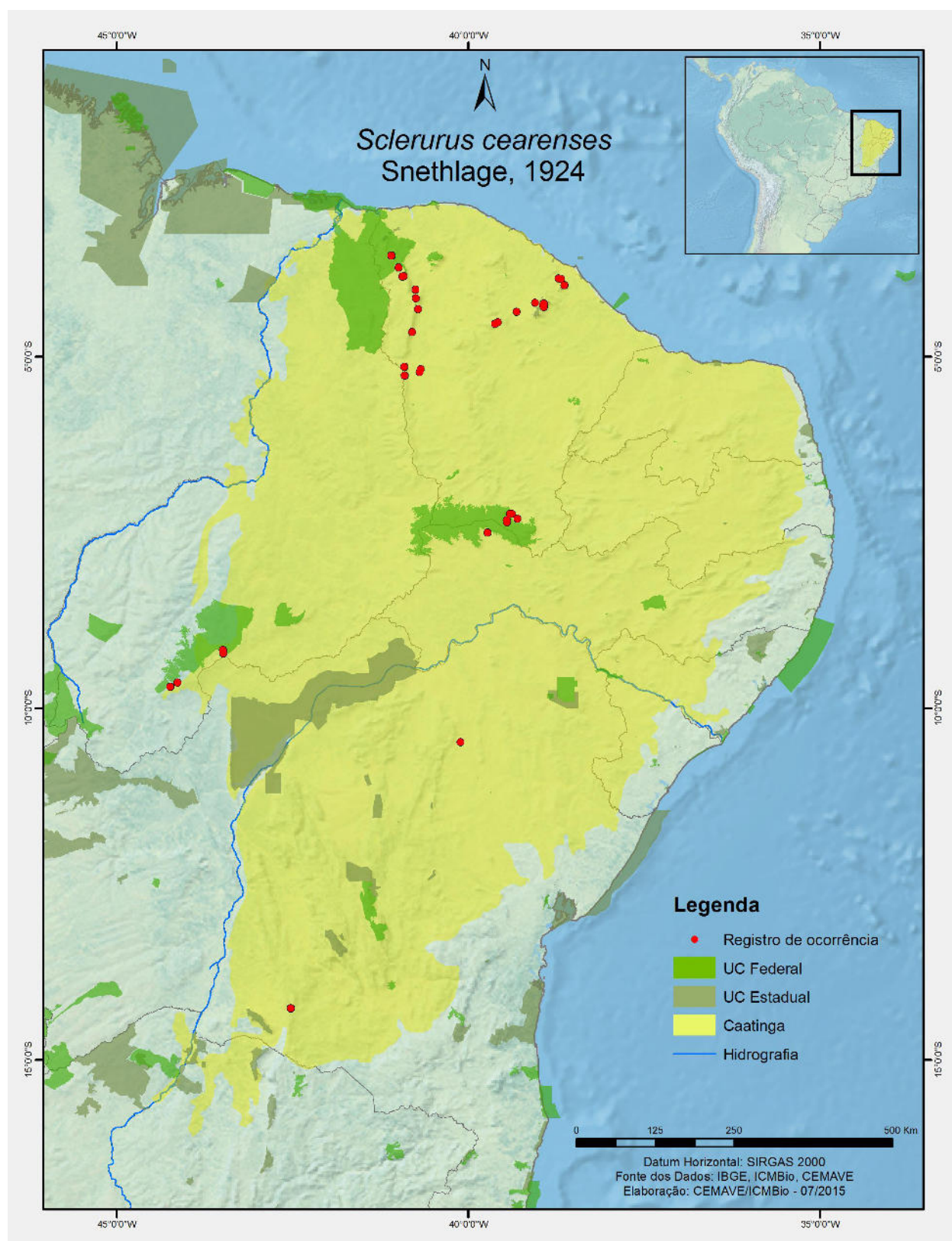


Figura 45. Registros de ocorrência de *Sclerurus cearensis* (vira-folhas-cearense).



Foto: Ciro Albano



Figura 46. *Xiphorhynchus atlanticus* (arapaçu-rajado-do-nordeste).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes **Família:** Dendrocolaptidae

Nomes comuns:

- Arapaçu-rajado-do-nordeste
- Arapaçu-de-garganta-amarela-do-nordeste (português)
- Northern Lesser Woodcreeper (inglês)

Sinonímia(s):

- *Picolaptes fuscus atlanticus*,
- *Lepidocolaptes fuscus atlanticus*,
- *Xiphorhynchus fuscus atlanticus*

Distribuição Geográfica

Ocorre no nordeste do Brasil, nos estados do CE, PB, PE e AL (GRANTSAU 2010). De 15 fragmentos estudados em Alagoas, esta espécie foi encontrada em apenas dois (ALEIXO 2008).

Habitat, ecologia e história natural

Habita florestas úmidas em diferentes estágios de conservação (ALBANO & GIRÃO 2008). Presente apenas em fragmentos relativamente grandes e com a vegetação em melhor estado de conservação. Sua presença em fragmentos florestais parece estar mais associada às condições da vegetação do fragmento do que simplesmente ao seu tamanho. Forrageia no sub-bosque denso; acompanha bandos mistos de aves. Aparentemente, a estação reprodutiva vai de setembro a dezembro. Nidifica em cavidades com entrada próxima ao solo; ninhadas de dois a três ovos, aparentemente incubados pela fêmea (ALEIXO 2008).

População

Considerado comum na Serra de Baturité/CE, onde foram registrados 43,75 e 62,5 indivíduos/100 horas de observação em duas localidades distintas (ALBANO & GIRÃO 2008). Sua área de distribuição é exaustivamente amostrada por inúmeros ornitólogos que procuram por esta espécie utilizando as técnicas adequadas, de modo que estes podem afirmar, com segurança, que a população total de *X. atlanticus* é menor que 10.000 indivíduos maduros, sendo que não há mais de 1.000 deles em cada subpopulação.

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

AL: ESEC Murici (VASQUES 2009), Reserva Ecológica de Pedra Talhada (RODA 2005);

PB: REBIO Guaribas (ALMEIDA & TEIXEIRA 2010), Jardim Botânico de João Pessoa (TELINO-JUNIOR *et al.* em elaboração).

PE: APA de Guadalupe (RODRIGUES *et al.* 2007), ESEC do Tapacurá (LYRA-NEVES *et al.* 2004), ESEC Estadual de Gurjaú, REBIO de Saltinho e Parque Estadual de Dois Irmãos (RODA 2005), Reserva Ecológica de Caetés (FARIAS 1995).

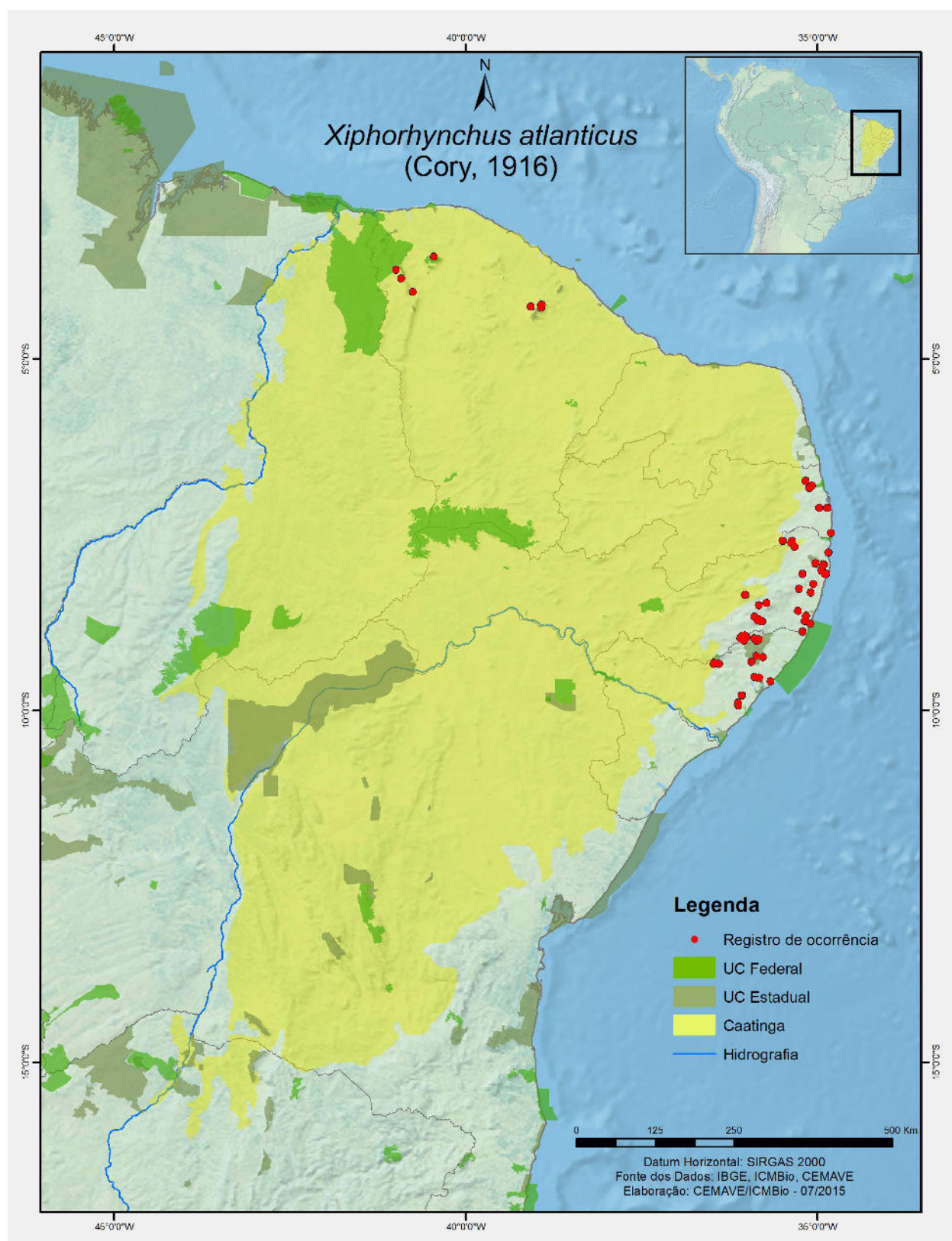


Figura 47. Registros de ocorrência de *Xiphorhynchus atlanticus* (arapaçu-rajado-do-nordeste).



Foto: Cristine Prates



Figura 48. *Xiphorhynchus guttatus gracilirostris* (arapaçu-de-garganta-amarela).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes **Família:** Dendrocolaptidae

Nomes comuns:

- Arapaçu-de-garganta-amarela (português)
- Buff-throated Woodcreeper (inglês)
- Trepatroncos Pegón (espanhol)

Distribuição Geográfica

Esta subespécie é endêmica do Ceará.

Habitat, ecologia e história natural

Ocupa sobretudo florestas úmidas perenifólias; alimenta-se de artrópodes e pequenos vertebrados; é, aparentemente, residente (MARANTZ *et al.* 2003).

População

A subespécie é rara e ocorre em baixas densidades, como demonstrado por ALBANO & GIRÃO (2008) que, em um levantamento quantitativo, encontraram apenas um único indivíduo na Serra de Aratanha.

Presença em Unidades de Conservação

Não há registro da ocorrência desta espécie em Unidades de Conservação brasileiras.

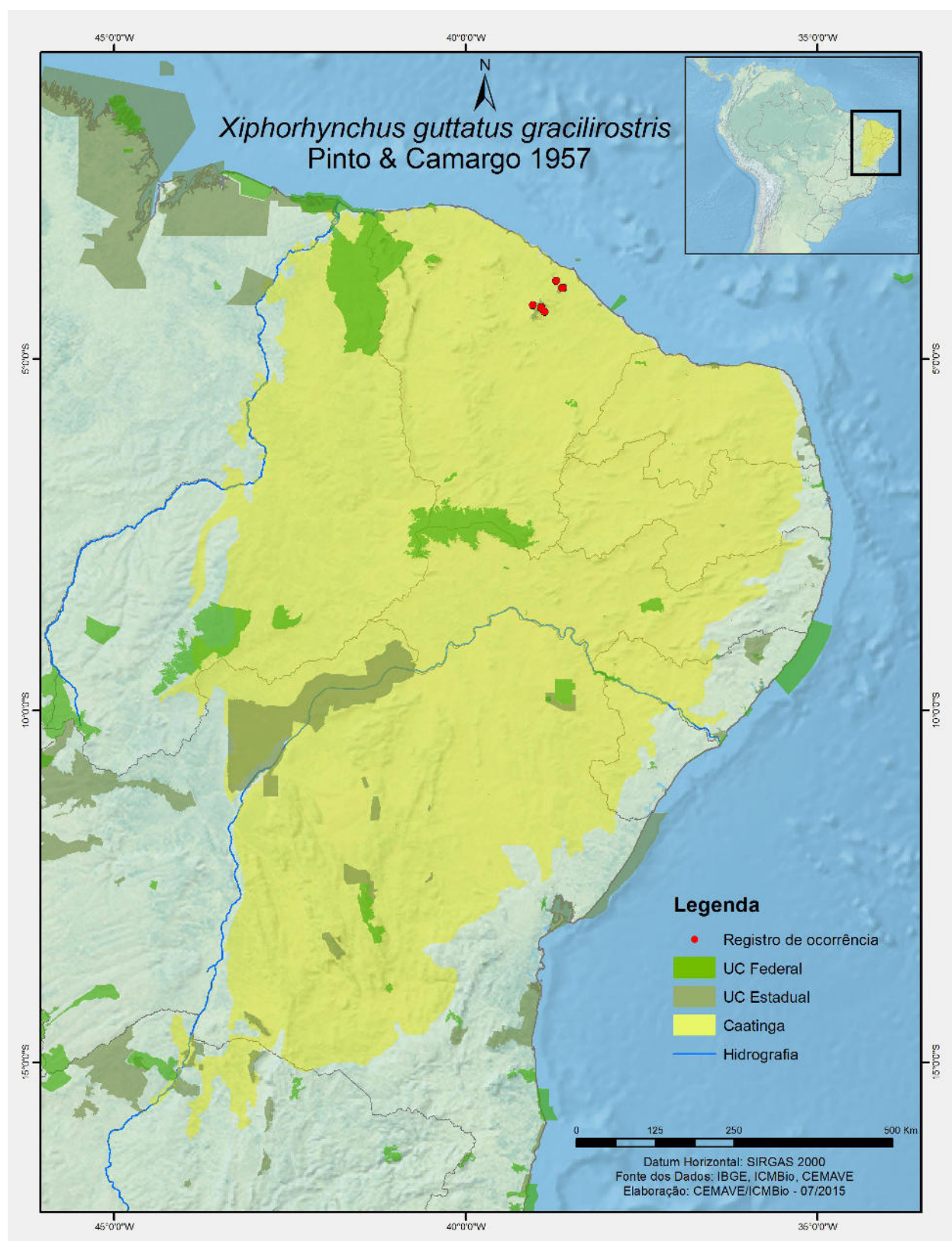


Figura 49. Registros de ocorrência de *Xiphorhynchus guttatus gracilirostris* (arapaçu-de-garganta-amarela).



Lepidocolaptes wagleri (Spix, 1824) - EN

Foto: Ciro Albano



Figura 50. *Lepidocolaptes wagleri* (arapaçu-de-wagler).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes **Família:** Dendrocolaptidae

Nomes comuns:

- Arapaçu-de-wagler
- Arapaçu-escamado-de-wagler (português)
- Wagler's Woodcreeper (inglês)

Sinonímia(s):

- *Lepidocolaptes squamatus wagleri*
- *Dendrocolaptes wagleri*

Distribuição Geográfica

Ocorre a oeste do rio São Francisco, com registro para os estados de PI, BA e MG (GRANTSAU 2010).

Habitat, ecologia e história natural

Habita cerrados, matas decíduas e semidecíduas, caatinga arbórea e mata de galeria. Ocorre no interior e na borda de matas e também em florestas com vegetação secundária desenvolvida. Na Fazenda Brejão (Brasilândia de Minas), ocorreu apenas em trechos florestados e bem conservados ao longo do rio Paracatu, não sendo detectada em outros ambientes, apesar do esforço realizado (FARIA *et al.* 2009). A dieta é constituída principalmente por artrópodes. Forrageia solitário, em casais ou frequentemente em bandos mistos, principalmente nos estratos médio e superior da floresta. Em geral, tende a ocupar floresta relativamente intacta, sendo moderadamente sensível a degradação de habitat (FARIA *et al.* 2009).

População

Considerada escassa na região de Brasilândia de Minas (apenas cinco indivíduos capturados entre maio de 2002 e fevereiro de 2005) (FARIA *et al.* 2009). Comum no PARNA das Cavernas do Peruaçu (CARRARA & FARIA 2007). No Parque Estadual da Mata Seca, a espécie pode ser considerada rara, com aproximadamente 20 capturas em quatro anos de projeto (LEMUEL O. LEITE - observação pessoal). Por ser uma espécie dependente de floresta e com pouco poder de deslocamento em matriz não florestal, considera-se que sua população se encontra severamente fragmentada.

Presença em Unidades de Conservação

Sudeste

MG: APA do Rio Pandeiros, PARNA Cavernas do Peruaçu, Parque Estadual da Mata Seca e APA Lajedo.

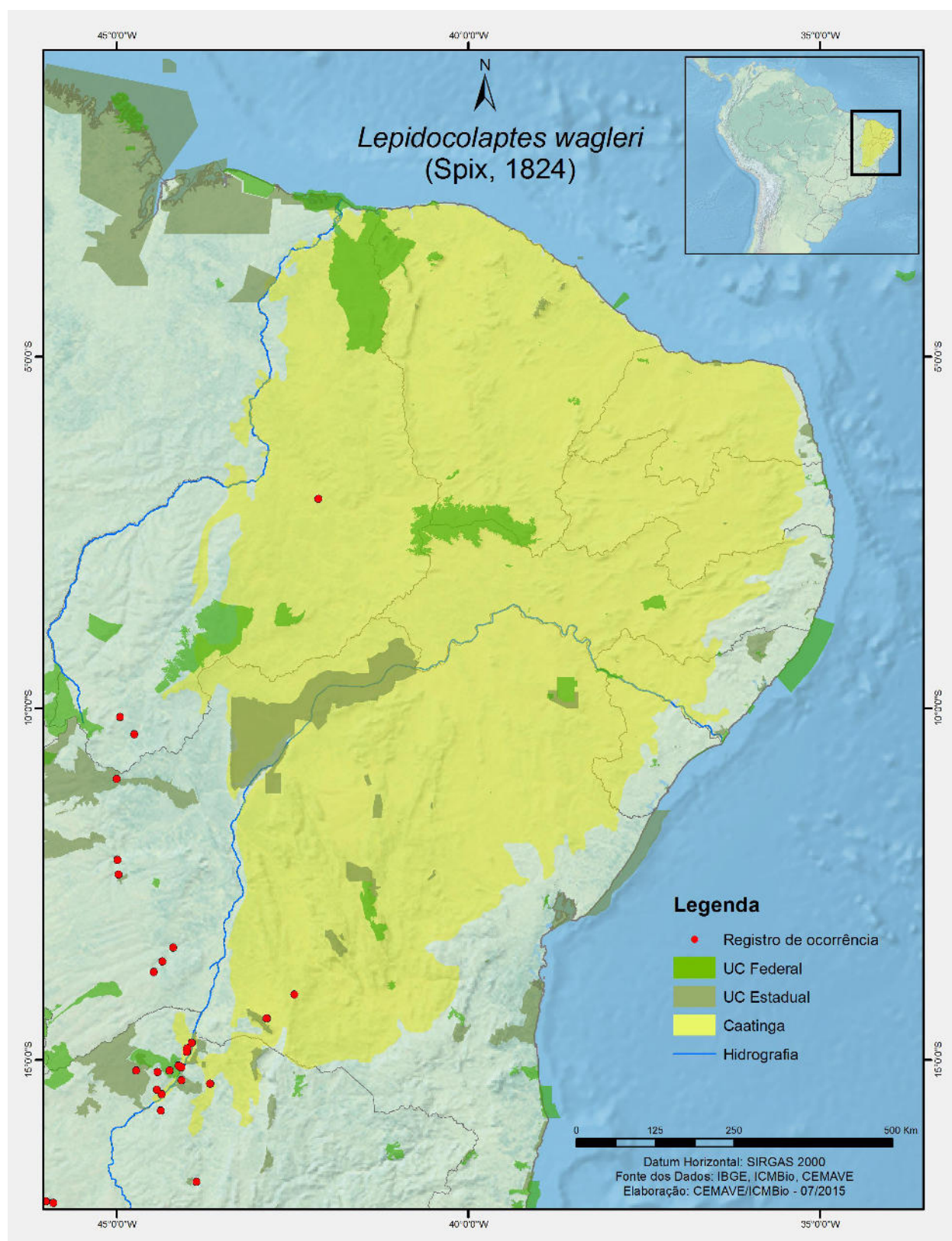


Figura 51. Registros de ocorrência de *Lepidocolaptes wagleri* (arapagu-de-wagler).



Xiphocolaptes falcirostris (Spix, 1824) - VU

Foto: Ciro Albano

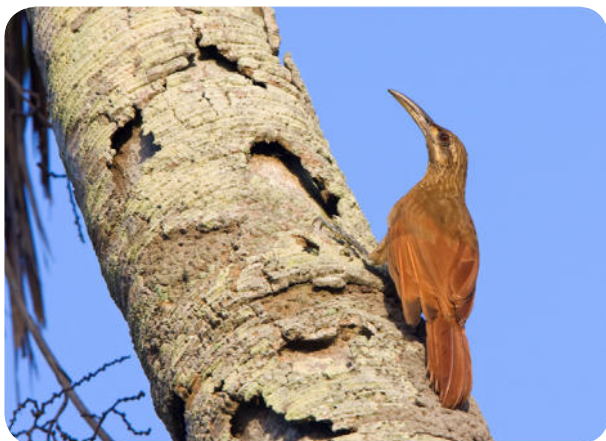


Figura 52. *Xiphocolaptes falcirostris* (arapaçu-do-nordeste).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes **Família:** Dendrocolaptidae

Nomes comuns:

- Arapaçu-do-nordeste
- Cochi-do-nordeste (português)
- Moustached Woodcreeper (inglês)
- Trepatroncos Bigotudo (espanhol)

Sinonímia(s):

- *Dendrocolaptes falcirostris*
- *Xiphocolaptes franciscanus*

Notas taxonômicas:

Duas subespécies reconhecidas: *X. f. falcirostris* e *X. f. franciscanus* (MARANTZ *et al.* 2003). *Xiphocolaptes falcirostris franciscanus* já foi considerada espécie válida (CLEMENTS 1981) e a subespécie *X. albicollis villanovae* Laima, 1920 já foi avaliada como pertencente a *X. falcirostris* (CORY & HELLMAYR 1925). Levantou-se ainda a possibilidade de *X. albicollis* incluir a forma franciscanus (Pinto 1938). Assim sendo, são necessários estudos, sobretudo genéticos, para esclarecer o status taxonômico dessas subespécies (SILVA & OREN 1997).

Distribuição Geográfica

Já foi considerada endêmica do bioma Caatinga (PACHECO 2004), mas atualmente há registros para o Cerrado (OLMOS & BRITO 2007). Uma coleta outrora desconsiderada neste bioma (RUDOLPH PFRIMER, MNRJ 13822), no município de Posse/GO (SILVA & OREN 1997), seria plausível por distar cerca de 150km ao sudoeste de São Desidério. Em Posse também ocorre *Xiphocolaptes albicollis*. As subespécies reconhecidas distribuem-se da seguinte maneira: *Xiphocolaptes f. falcirostris* - registrado para os estados do MA, PI, CE, PB, PE (GRANTSAU 2010) e noroeste da BA; *X. f. franciscanus* - ocorre no sudoeste da BA, noroeste de MG e, possivelmente, nordeste de GO.

Habitat, ecologia e história natural

A forma nominal ocupa o litoral, incluindo carnaubais e matas de galeria na Caatinga; *X. f. franciscanus* ocorre em florestas tropicais decíduas na região do Cerrado (MARANTZ *et al.* 2003). Considerada dependente de florestas (SILVA *et al.* 2003), apesar de não utilizar vegetação florestal úmida em brejos de altitude (GIRÃO *et al.* 2007). Vive aos pares, solitário ou formando pequenos grupos familiares (STRAUBE & PIACENTINI 2008); associa-se a outras espécies, como o arapaçu-grande *Dendrocolaptes platyrostris* (MINNS *et al.* 2009). Aparentemente reproduz durante o verão austral, mas ninhos e ovos são desconhecidos. É essencialmente insetívoro (MARANTZ *et al.* 2003).

População

Incomum ou raro e de ocorrência muito local. A tendência populacional global parece ser de declínio (MARANTZ *et al.* 2003). Supõe-se que a população global esteja entre 2.500 e 10.000 indivíduos maduros.

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

CE: APA da Serra de Baturité e PARNA de Ubajara.

PI: PARNA da Serra das Confusões e PARNA da Serra da Capivara.

Sudeste

MG: PARNA das Cavernas do Peruaçu e Parque Estadual da Mata Seca.

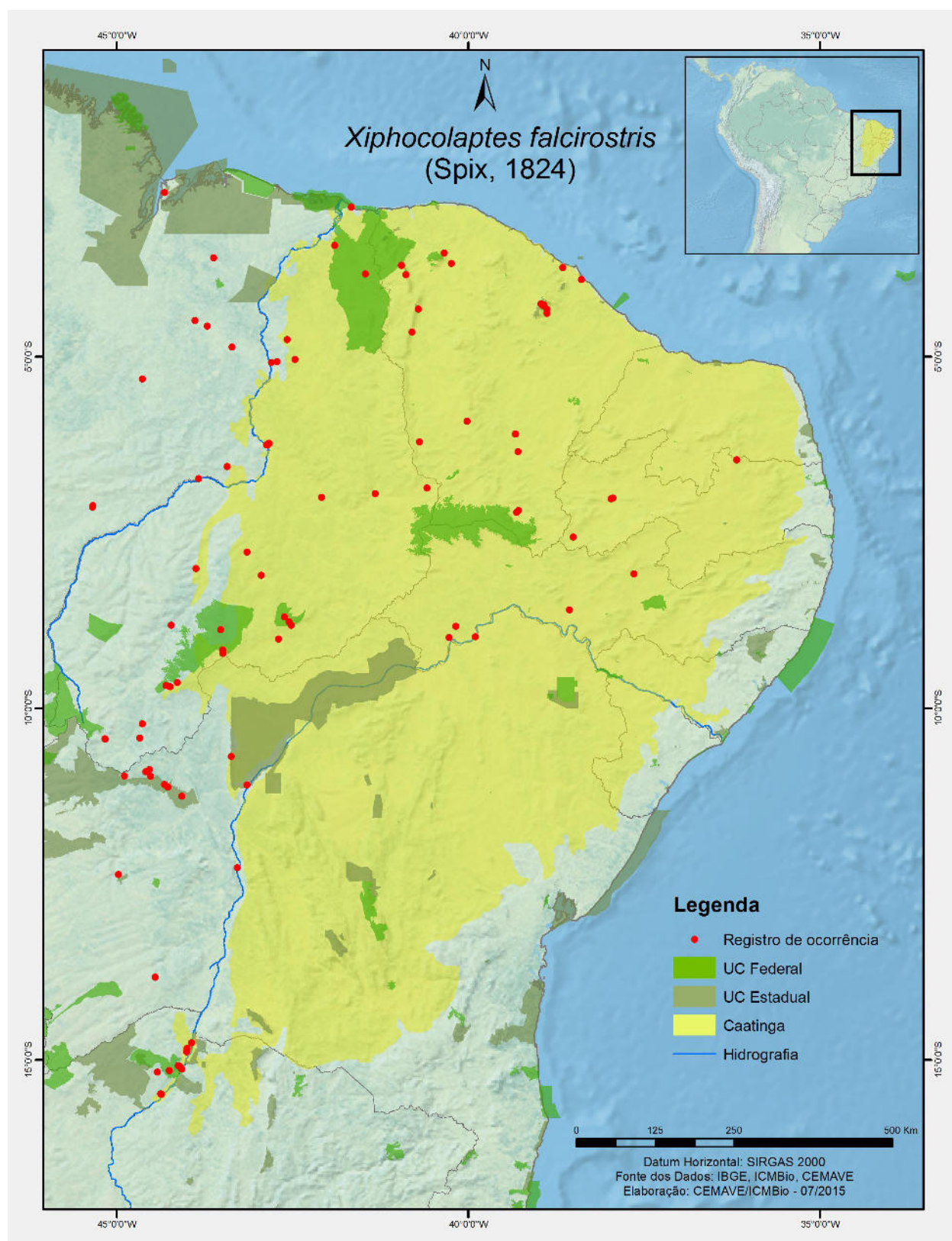


Figura 53. Registros de ocorrência de *Xiphocolaptes falcirostris* (arapaçu-do-nordeste).



Xenops minutus alagoanus (Pinto, 1954) - **VU**

Foto: Ciro Albano



Figura 54. *Xenops minutus alagoanus* (bico-virado-liso).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes

Família: Furnariidae

Nomes comuns:

- Bico-virado-liso (português)
- Plain Xenops (inglês)
- Picolezna Menudo (espanhol)

Distribuição Geográfica

É restrita ao Centro de Endemismo Pernambuco, com registros nos estados do RN (RODA 2008), PB (GRANTS AU 2010), PE (RODRIGUES *et al.* 2007) e AL (GRANTS AU 2010).

Habitat, ecologia e história natural

Habita o interior e as bordas de florestas secundárias e tardias, tanto nos estratos mais baixos como nas copas não muito altas, seguindo bandos mistos (RODA 2008).

População

A população é severamente fragmentada devido à intensa perda de habitat.

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

AL: ESEC de Murici (VASQUES 2009).

PE: APA de Guadalupe (RODRIGUES *et al.* 2007), ESEC do Tapacurá, Parque Estadual Dois Irmãos (RODA 2005), REBIO de Saltinho (IBAMA 2003), Reserva Estadual de Gurjaú (TELINO-JÚNIOR 2005), Refúgio Ecológico Charles Darwin (LYRA-NEVES *et al.* 2004), RPPN Frei Caneca (RODA 2008).

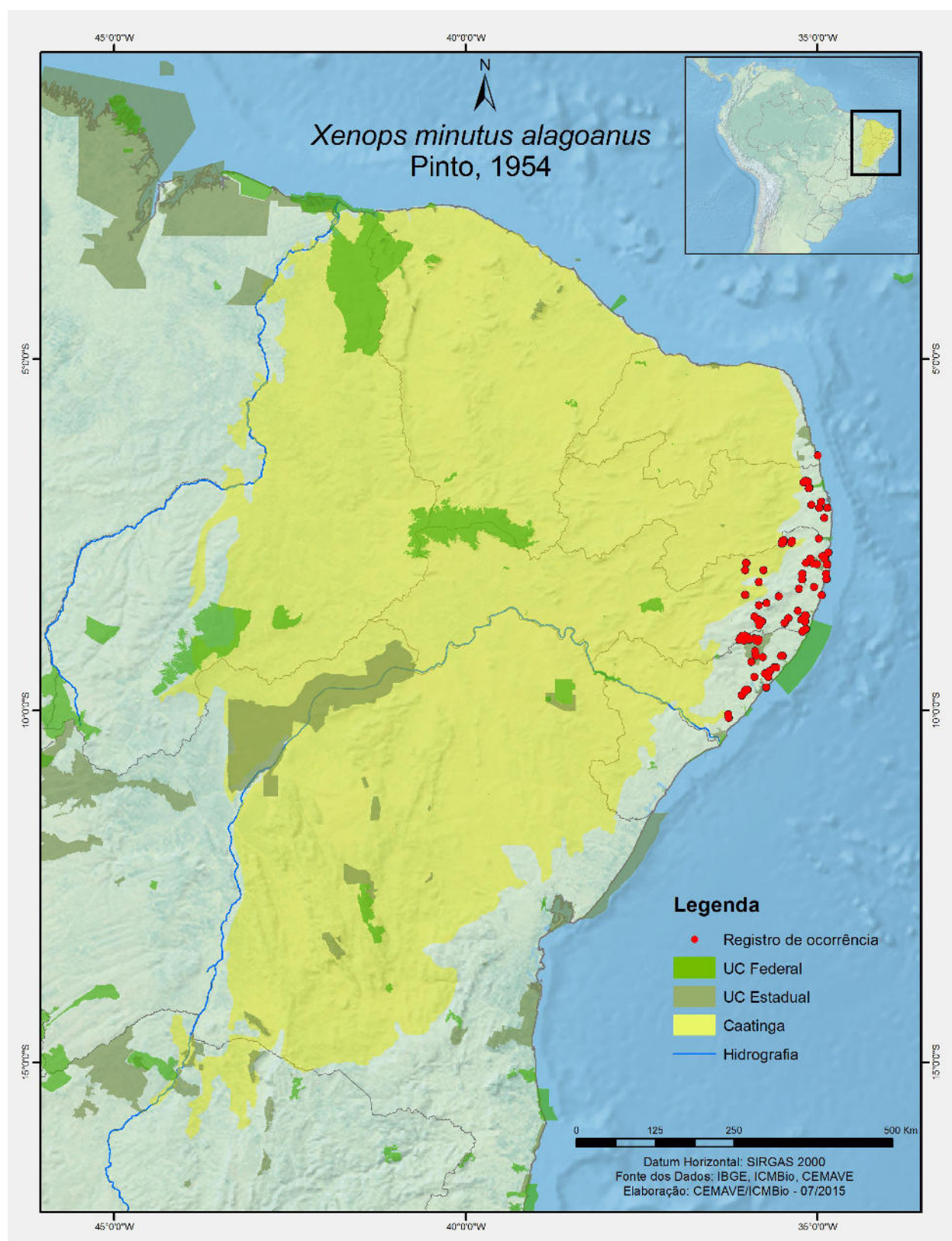


Figura 55. Registros de ocorrência de *Xenops minutus alagoanus* (bico-virado-liso).



Synallaxis infuscata (Pinto, 1950) - EN

Foto: Stephen John Jones



Figura 56. *Synallaxis infuscata* (tatac).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes

Família: Furnariidae

Nomes comuns:

- Tatac (português)
- Pinto's Spinetail (inglês)
- Pijuí de Pinto (espanhol)

Sinonímia(s):

- *Synallaxis ruficapillus infuscata*

Distribuição Geográfica

Foi registrado para 53 localidades nos estados de AL e PE (RODA 2008). GRANTSAU (2010), registrou ocorrência para os estados de PE, AL e BA.

Habitat, ecologia e história natural

Alimenta-se de artrópodes capturados em folhas secas ou em troncos. Forrageia solitário, aos pares ou em grupos familiares de até seis indivíduos (RODA 2003). Constrói ninhos de gravetos, em forma de forno, colocando-o em emaranhados de cipós e lianas, às vezes em estratos mais altos do que aqueles frequentados para forrageio, que chegam, no máximo, a 5m de altura. Sempre vinculado a ambientes florestados, em diferentes estágios sucessionais, ainda que não ocupe o interior da mata; prefere os emaranhados de vegetação nas bordas de mata, adensados de cipós em clareiras e moitas de capim; ocorre em brejos de altitude. Atravessam áreas abertas para ir de um fragmento a outro, mas seu poder de voo é muito pequeno (RODA *et al.* 2011).

População

A espécie é considerada incomum a razoavelmente comum. Estimativas indicam uma população total de 1.000-2.500 indivíduos (REMSEN 2003). SCHNELL *et al.* (2013) considera que esta espécie possui população severamente fragmentada.

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

AL: REBIO Pedra Talhada (REMSEN 2003), ESEC de Murici (RODA *et al.* 2011).

PE: APA de Guadalupe (RODRIGUES *et al.* 2007), Parque Municipal Vasconcelos Sobrinho (ou Brejo dos Cavalos) (RODA 2008), RPPN Fazenda Bituri, ESEC de Gurjaú, Parque Vasconcelos Sobrinho, RPPN Frei Caneca, RPPN Fazenda Santa Beatriz do Carninjó, Reserva Ecológica de Caetés e REBIO Saltinho (RODA *et al.* 2011).

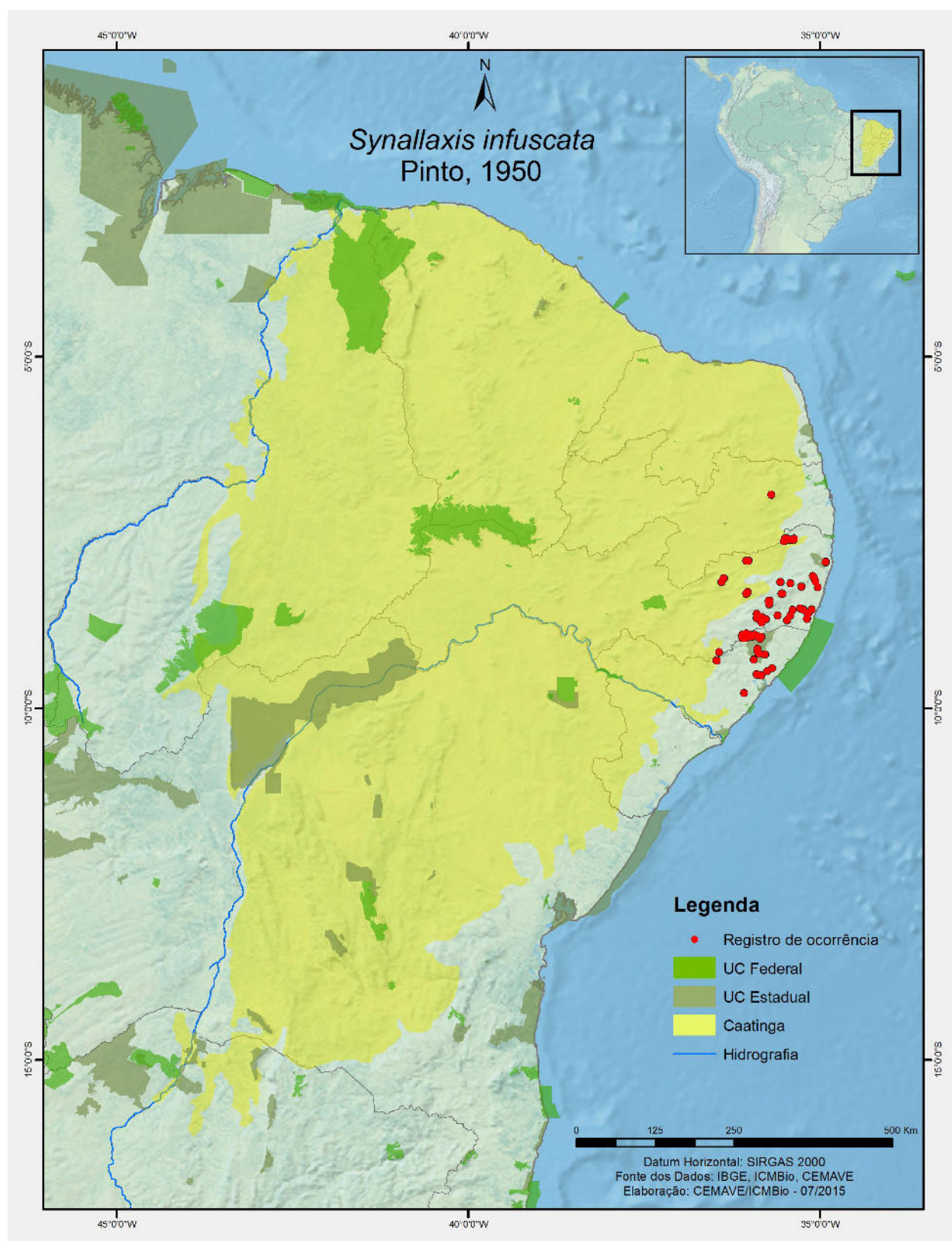


Figura 57. Registros de ocorrência de *Synallaxis infuscata* (tatac).



Platyrrinchus mystaceus niveigularis (Pinto, 1954) - VU

Foto: Rafael Torres



Figura 58. *Platyrrinchus mystaceus niveigularis* (patinho-do-nordeste).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes

Família: Platyrinchidae

Nomes comuns:

- Patinho-do-nordeste (português)
- White-throated Spadebill (inglês)
- Picoplano Bigotudo (espanhol)

Distribuição Geográfica

Matas costeiras do Nordeste do Brasil (TELLO 2004). Atualmente, os remanescentes de floresta nessa área somam cerca de 2200km². No entanto, nem todos os remanescentes florestais apresentam habitat adequado à sobrevivência de *P. m. niveigularis*, considerando que algumas dessas áreas são bastante pequenas e isoladas.

Habitat, ecologia e história natural

Ocupa florestas. Alimenta-se de artrópodes. Vive aos pares (TELLO 2004).

População

Não se desloca entre fragmentos, de modo que a alteração da paisagem gerou fragmentação severa da população.

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste:

PB: REBIO Guaribas (SILVEIRA & STRAUBE 2008).

PE: REBIO Saltinho, REVIS Matas do Sistema Gurjaú, REVIS Tapacurá, Parque Estadual de Dois Irmãos, ESEC de Caetés, RPPN Frei Caneca (SILVEIRA & STRAUBE 2008), APA de Guadalupe (RODRIGUES *et al.* 2007).

AL/PE: REBIO Pedra Talhada (SILVEIRA & STRAUBE 2008).

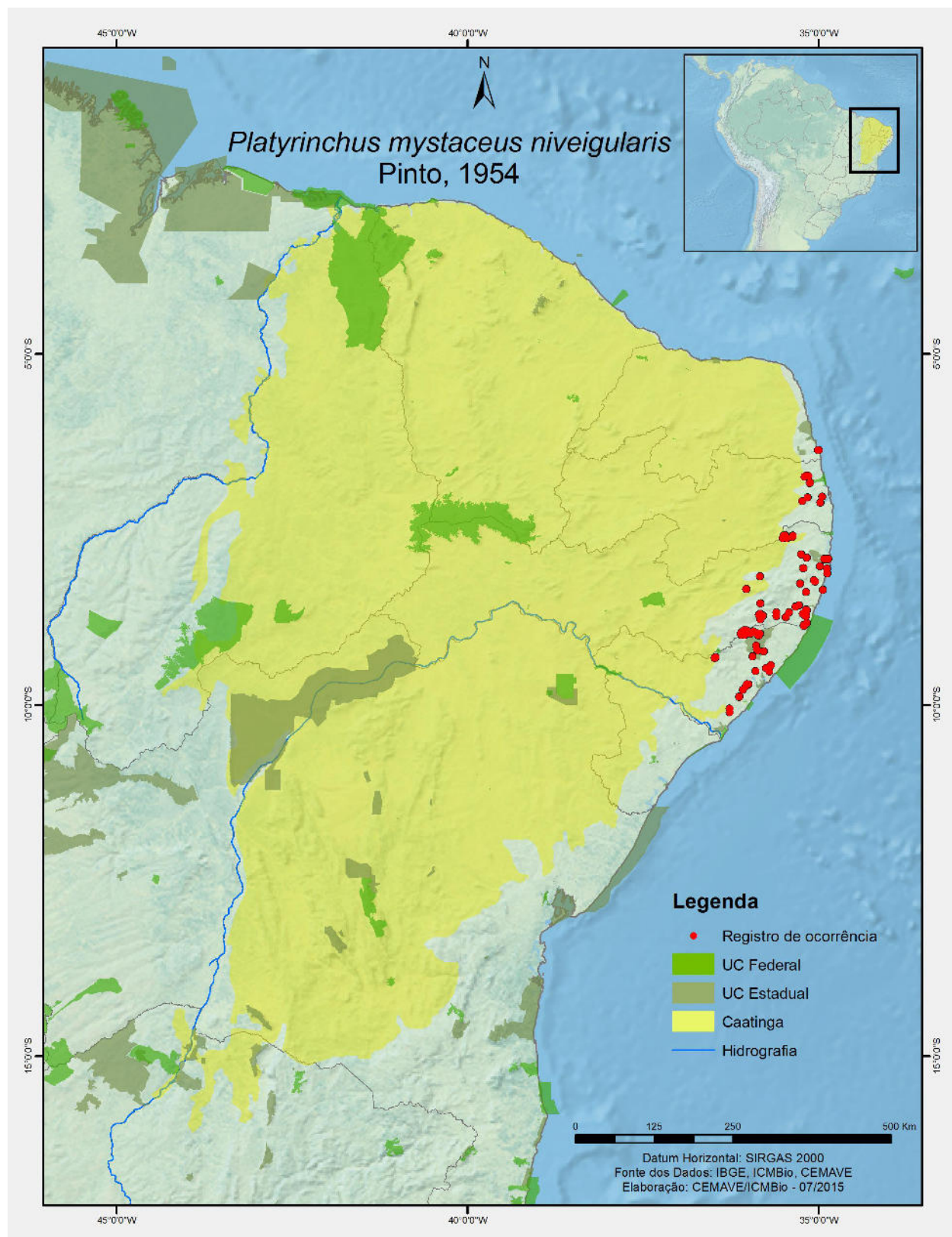


Figura 59. Registros de ocorrência de *Platyrinchus mystaceus niveigularis* (patinho-do-nordeste).



Foto: Ciro Albano



Figura 60. *Phylloscartes beckeri* (borboletinha-baiana).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes **Família:** Rhynchocyclidae

Nomes comuns:

- Borboletinha-baiana (português)
- Bahia Tyrannulet (inglês)
- Orejerito de Bahía (espanhol)

Distribuição Geográfica

Registrada em fragmentos florestais ao redor de sua localidade-tipo (7km a sudeste de Boa Nova, na Bahia): pequenos remanescentes florestais na Serra do Ouricana (próximo a Boa Nova), Itatingui, PARNA da Chapada Diamantina e na região do complexo de serras Lontras-Javi (STRAUBE & URBEN-FILHO 2008). Há também registro para o Vale do Jequitinhonha. *Phylloscartes beckeri* apresenta grande restrição de habitat, estando atualmente confinada a uma pequena área de distribuição; muitas áreas onde a espécie ocorria originalmente foram isoladas, sem qualquer possibilidade de fluxo gênico entre as populações residuais (STRAUBE & URBEN-FILHO 2008).

Habitat, ecologia e história natural

Habita florestas primárias, florestas perenes e matas secundárias antigas, em regiões montanhosas, de 750 a 1.200m de altitude (FITZPATRICK 2004). Seu habitat preferencial são as florestas preservadas ou pouco alteradas, com abundantes rios e córregos e vegetação densa (STRAUBE & URBEN-FILHO 2008). Alimenta-se de insetos, especialmente besouros e associa-se a bandos mistos com frequência (STRAUBE & URBEN-FILHO 2008). Presume-se que sua reprodução ocorra entre os meses de setembro e fevereiro.

População

Cerca de 10 pares foram registrados em um pequeno fragmento em área privada, na Serra da Ouricana/BA. A maior parte de sua população ocorre no PARNA da Chapada Diamantina/BA (FITZPATRICK 2004). Acredita-se que a população esteja em rápido declínio (FITZPATRICK 2004) e que seja contínuo uma vez que a espécie é dependente de floresta razoavelmente preservada e que há perda de área de ocupação e qualidade de habitat devido à expansão agropecuária (Oficina de Avaliação do Estado de Conservação das Aves da Caatinga). Além disso, SCHNELL *et al.* (2013) consideram que esta espécie possui população severamente fragmentada.

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

BA: PARNA da Chapada Diamantina, PARNA Alto Cariri, PARNA da Serra das Lontras, PARNA de Boa Nova, REVIS de Boa Nova.

BA/MG: RPPN Mata do Passarinho (MG/BA).

MG: REBIO da Mata Escura.

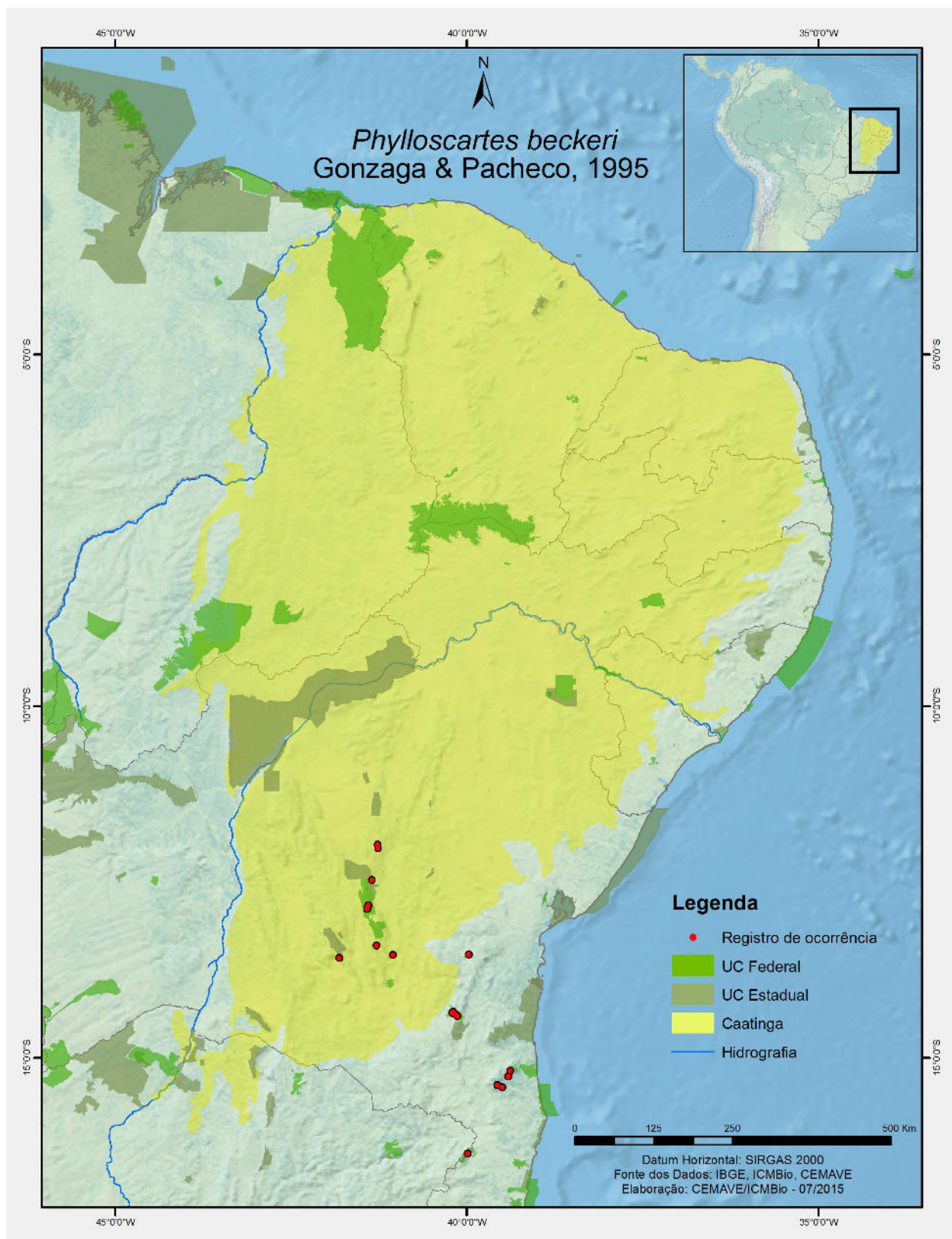


Figura 61. Registros de ocorrência de *Phylloscartes beckeri* (borboletinha-baiana).



Foto:Quental



Figura 62. *Phylloscartes roquettei* (cara-dourada).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriforme

Família: Rhynchocyclidae

Nomes comuns:

- Cara-dourada (português)
- Minas Gerais Tyrannulet (inglês)
- Orejerito de Minas Gerais (espanhol)

Distribuição Geográfica

Ocorre na bacia do médio rio São Francisco, havendo registro para 17 localidades em Minas Gerais (LOPES *et al.* 2008) e na bacia do rio Jequitinhonha, município de Araçuaí (LUIZ *et al.* 2006). Recentemente, SANTOS *et al.* (2009) registraram a espécie em matas decíduas do meio sudoeste da Bahia, estendendo a distribuição da espécie em cerca de 370km a nordeste e, ainda, abrangendo outras duas bacias hidrográficas, a bacia do rio de Contas e a do rio Paraguaçu.

Habitat, ecologia e história natural

Ocupa florestas semidecíduas, matas de galeria e matas secas (LOPES *et al.* 2008). Ocorre geralmente aos pares, forrageando nas copas das árvores, mostrando certa preferência por árvores com pequenas folhas pinadas, onde parece existir maior agregação de insetos (MALDONADO-COELHO 2009). Florestas situadas junto a cursos d'água parecem ser importantes para a espécie, já que nesse ambiente várias árvores podem reter suas folhas durante a estação seca e assim manter populações de insetos das quais a ave depende (OLMOS & SILVEIRA 2008).

População

Apesar do encontro de novas populações, o número total de indivíduos não deve ser maior do que poucas centenas (FITZPATRICK 2004).

Presença em Unidades de Conservação

Sudeste

MG: PARNA Cavernas do Peruaçu.

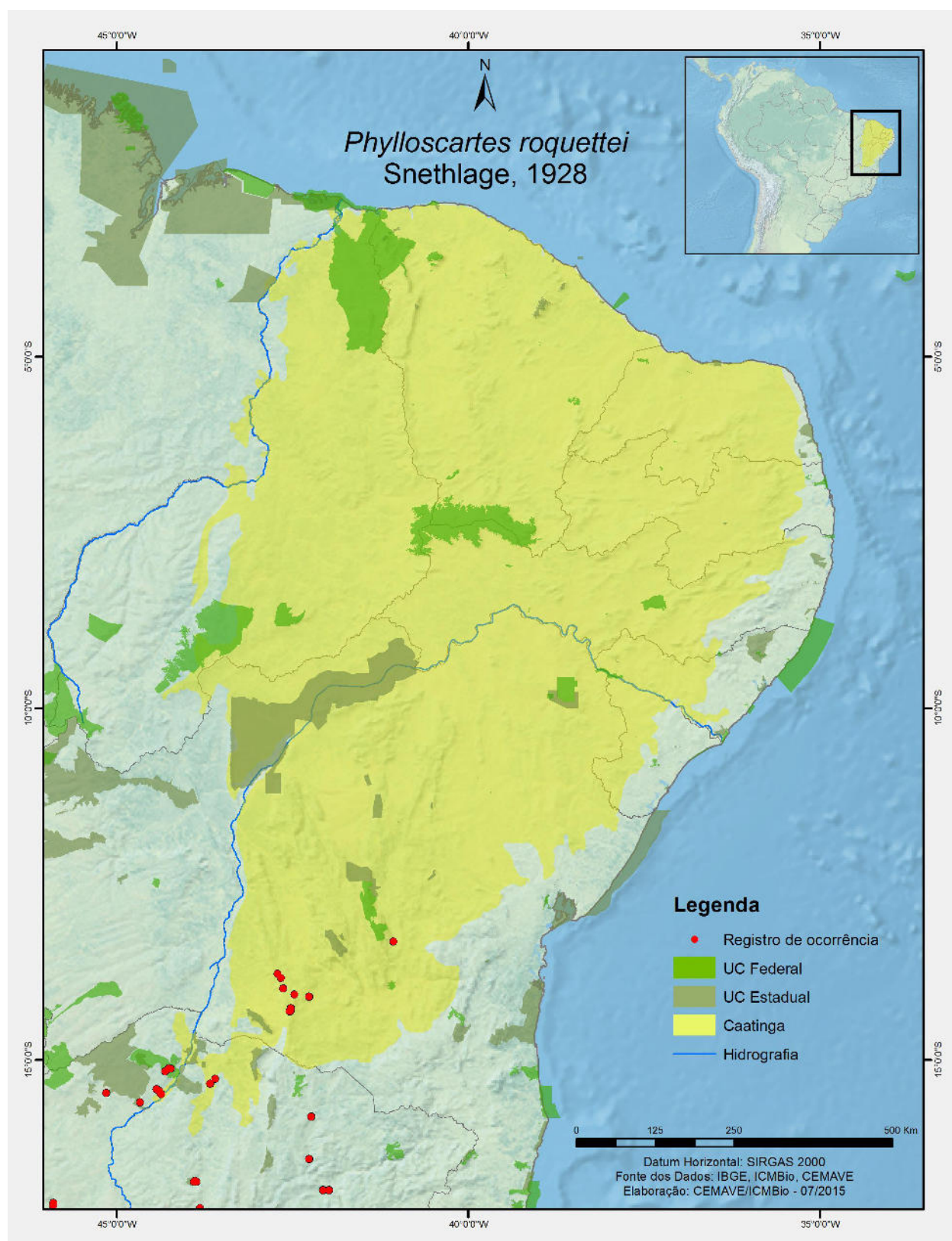


Figura 63. Registros de ocorrência de *Phylloscartes roquettei* (cara-dourada).



Hemitriccus mirandae (Snethlage, 1925) - VU

Foto: J. Augusto Alves



Figura 64. *Hemitriccus mirandae* (maria-do-nordeste).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes **Família:** Rhynchocyclidae

Nomes comuns:

- Maria-do-nordeste (português)
- Buff-breasted Tody-tyrant (inglês)
- Titirijí de Miranda (espanhol)

Sinonímia(s):

- *Todirostrum mirandae*
- *Idioptilon mirandae*

Distribuição Geográfica

Espécie de distribuição restrita ao Nordeste do Brasil (CLOCK 2004), ocorrendo, aparentemente, em dois blocos disjuntos: Ceará (elevações das serras do Baturité e Ibiapaba) e Paraíba-Pernambuco-Alagoas (Areia na Paraíba; Jaqueiras, Garanhuns e Lagoa do Ouro em Pernambuco; Pedra Talhada e Murici em Alagoas) (STRAUBE & RODA 2008). Mais recentemente, novos registros da espécie foram obtidos e sua área de distribuição agora inclui também as áreas de terras baixas do Nordeste. Possivelmente, possuiu uma área de distribuição original muito maior, que parece atualmente confinada a alguns sítios específicos que foram preservados, especialmente aqueles que restaram em decorrência de topografia (STRAUBE & RODA 2008).

Habitat, ecologia e história natural

Habita o sub-bosque de florestas semidecíduas densas e bem preservadas. A altitude mínima de registro é de 58m (Esec do Tapacurá/PE) e a máxima alcança 980m (Brejo dos Cavalos/PE) (STRAUBE & RODA 2008). Geralmente solitário. Alimenta-se de insetos, caçando-os em lianas entre 2 e 5m de altura. Não há informações sobre a biologia reprodutiva da espécie (CLOCK 2004). Eventualmente, pode ocorrer em matas menos preservadas, em suas bordas e também em capoeiras e adensamentos de palmeiras. É possível que ocorra em diversas outras áreas de sua distribuição, fato ainda não confirmado pelo pouco conhecimento de suas exigências de habitat (STRAUBE & RODA 2008).

População

A população total é de poucas centenas de indivíduos (CLOCK 2004). Apesar de ser comum nas matas úmidas da serra de Baturité (25 e 50 indivíduos registrados/100 horas de observação em duas localidades distintas), não foi encontrado nas serras de Aratanha e Maranguape, todas no Ceará, durante levantamentos entre 2000 e 2007. É também comum na Serra da Ibiapaba/CE (ALBANO & GIRÃO 2008), mas, no geral, é considerada incomum e de ocorrência muito local (CLOCK 2004). SCHNELL *et al.* (2013) considera que esta espécie possui população severamente fragmentada.

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

AL: REBIO de Pedra Talhada, ESEC de Murici.

CE: PARNA de Ubajara, APA Estadual Serra do Baturité, Parque Ecológico de Guaramiranga e APA da Serra de Ibiapaba.

PB: Reserva Ecológica Mata do Pau Ferro, REBIO Guaribas, RPPN Fazenda Pacatuba.

PE: ESEC do Tapacurá, Parque Municipal Vasconcelos Sobrinho, RPPN Frei Caneca.

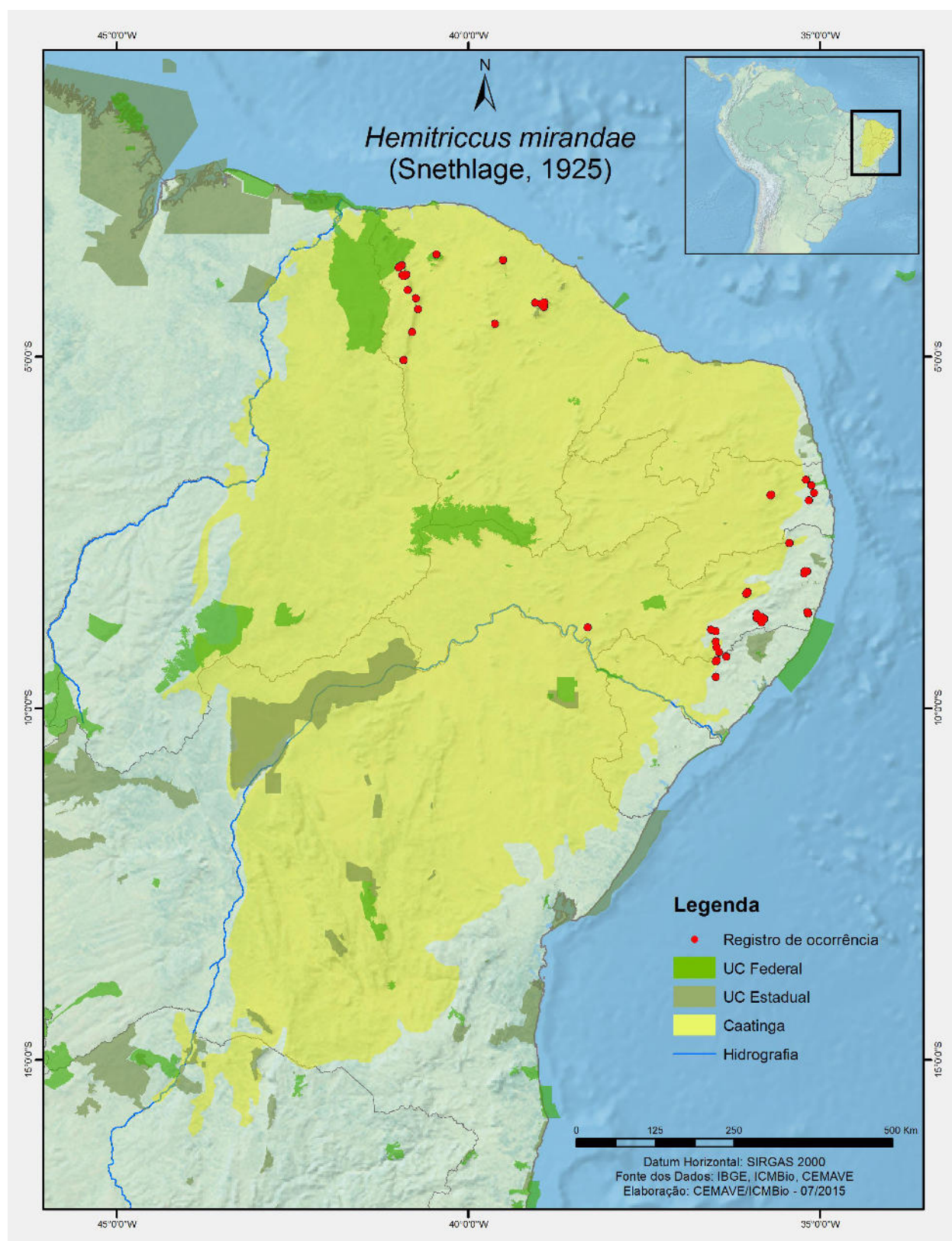


Figura 65. Registros de ocorrência de *Hemitriccus mirandae* (maria-do-nordeste).



Foto: Ciro Albano

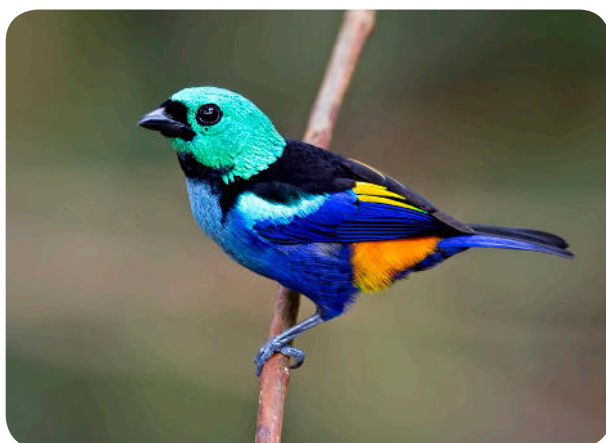


Figura 66. *Tangara fastuosa* (pintor-verdadeiro).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nomes comuns:

- Pintor-verdadeiro (português)
- Seven-colored Tanager (inglês)
- Tangara Sietecolores (espanhol)

Sinonímia(s):

Tangara fastuosa

Distribuição Geográfica

Ocorre no nordeste do Brasil (RN, PE, PB e AL) (GRANTSAU 2010). Registrada para 106 localidades nesses quatro estados. Sua extensão de ocorrência é de 45.379,53km² (RODA *et al.* 2011). Está restrita a diversos fragmentos florestais isolados, em sua maioria pequenos (SILVEIRA 2008).

Habitat, ecologia e história natural

Originalmente, era encontrada nas matas costeiras e em alguns “brejos” do interior do Nordeste (SILVEIRA 2008). Ocorre em altitudes que variam de 160 a 1067m, no interior e borda de florestas primárias e secundárias; ocupa os estratos médio e alto da mata; adapta-se bem a alterações de habitat.

Alimenta-se de frutos (especialmente *Miconia*, *Cecropia*, *Schefflera morototoni* e bromélias) e artrópodes capturados na folhagem e nos próprios frutos; ocasionalmente, consome flores (RODA *et al.* 2011); encontrado aos pares, em grupos intraespecíficos ou com *Tangara cyanocephala* e em bandos mistos de frugívoros e insetívoros (RODA 2003, SILVEIRA *et al.* 2003, RODA *et al.* 2011).

Atinge a maturidade aos 12 meses de vida; são territoriais no período reprodutivo. Tem poder de voo razoável, atravessando áreas entre fragmentos com mais de 500m de distância; frequenta jardins arborizados próximos a florestas (RODA *et al.* 2011).

População

Considerada incomum a rara; em declínio em toda sua pequena área de distribuição (HILTY 2011).

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

AL: ESEC de Murici (VASQUES 2009), REBIO de Pedra Talhada (SILVEIRA 2008).

PB: Reserva Ecológica Mata do Pau Ferro (HILTY 2011).

PE: APA de Guadalupe (RODRIGUES *et al.* 2007), ESEC Charles Darwin, ESEC do Gurjaú, REBIO de Saltinho, Reserva Ecológica Brejo dos Cavalos e RPPN Frei Caneca (SILVEIRA 2008), RPPN Fazenda Bituri, Reserva Ecológica Mata do Amparo, Reserva Ecológica de Caetés, Parque Estadual Dois Irmãos, Reserva Ecológica Mata de São João da Várzea, ESEC do Tapacurá e REBIO Saltinho (RODA *et al.* 2011).

RN: Parque Estadual Dunas de Natal e Parque Estadual Mata do Pau Ferro (SILVEIRA 2008).

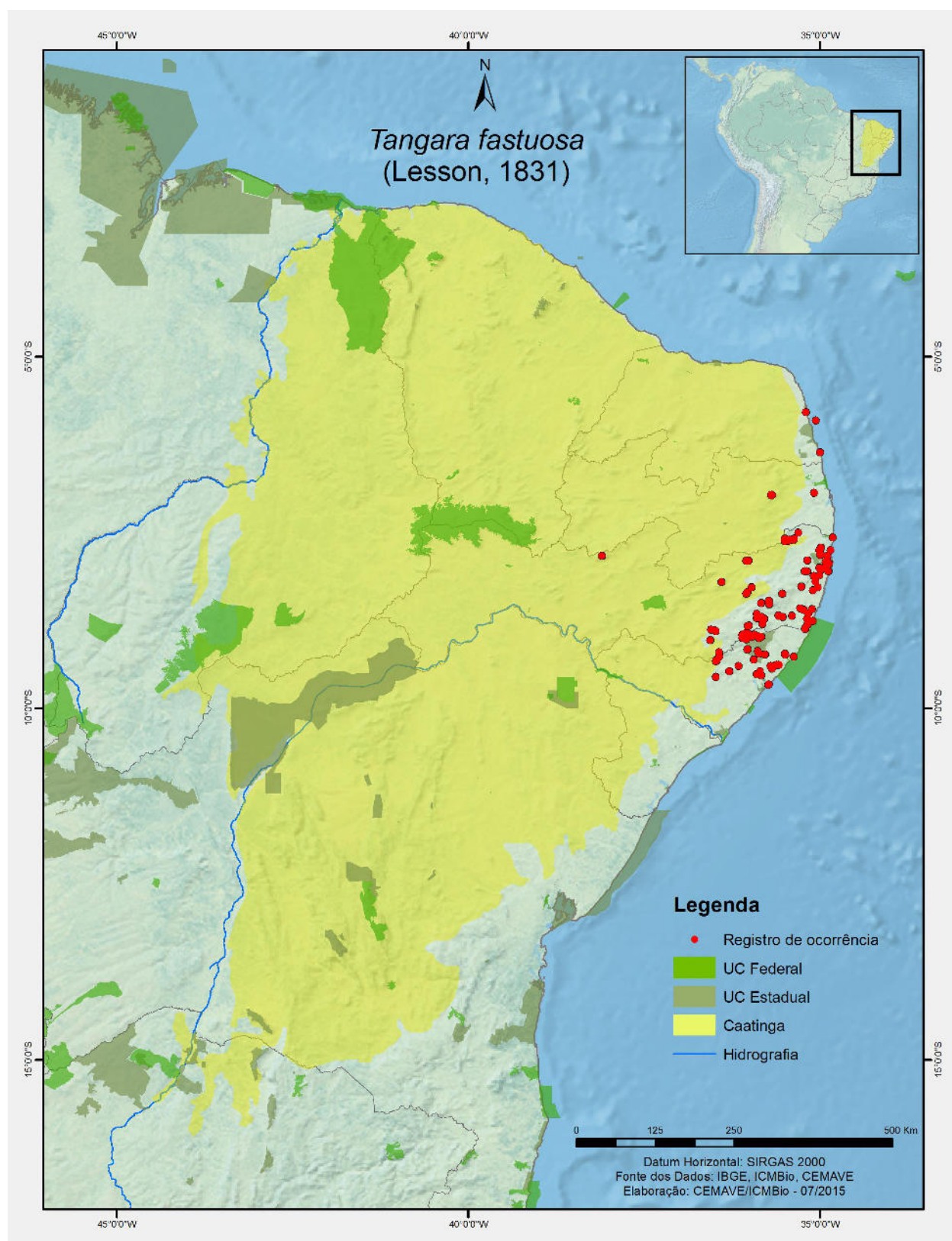


Figura 67. Registros de ocorrência de *Tangara fastuosa* (pintor-verdadeiro).



Foto: Cristine Prates



Figura 68. *Tangara cyanocephala cearensis* (pintor-da-serra-de-baturité).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriformes

Família: Thraupidae

Nomes comuns:

- Pintor-da-serra-de-baturité (português)
- Red-necked Tanager (inglês)
- Tangara Militar (espanhol)

Distribuição Geográfica

Táxon endêmico do Ceará, no nordeste do Brasil (GRANTSAU 2010). Ocorre exclusivamente nas serras cearenses de Baturité, Aratanha e Maranguape, que somam cerca de 260km² de florestas (GIRÃO & ALBANO 2008).

Habitat, ecologia e história natural

Ocupa florestas serranas do Ceará e plantações de café sombreadas por floresta, lavouras similares e sítios, chegando a nidificar nesses locais, o que demonstra que não é muito exigente quanto à qualidade do habitat (GIRÃO & ALBANO 2008).

Normalmente observada acima dos 500m de altitude, onde a temperatura é mais amena e existe maior oferta de frutos (GIRÃO & ALBANO 2008), que juntamente com insetos fazem parte de sua dieta (HILTY 2011). Ocorre solitário ou aos pares. É residente (HILTY 2011).

População

Embora a população de *T. c. cearensis* seja severamente fragmentada e haja declínio continuado do número de indivíduos maduros, o táxon é razoavelmente comum em sua área de distribuição.

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

CE: APA Estadual da Serra de Baturité, APA Estadual da Serra da Aratanha, APA Municipal de Maranguape e RPPN Monte Alegre (GIRÃO & ALBANO 2008).

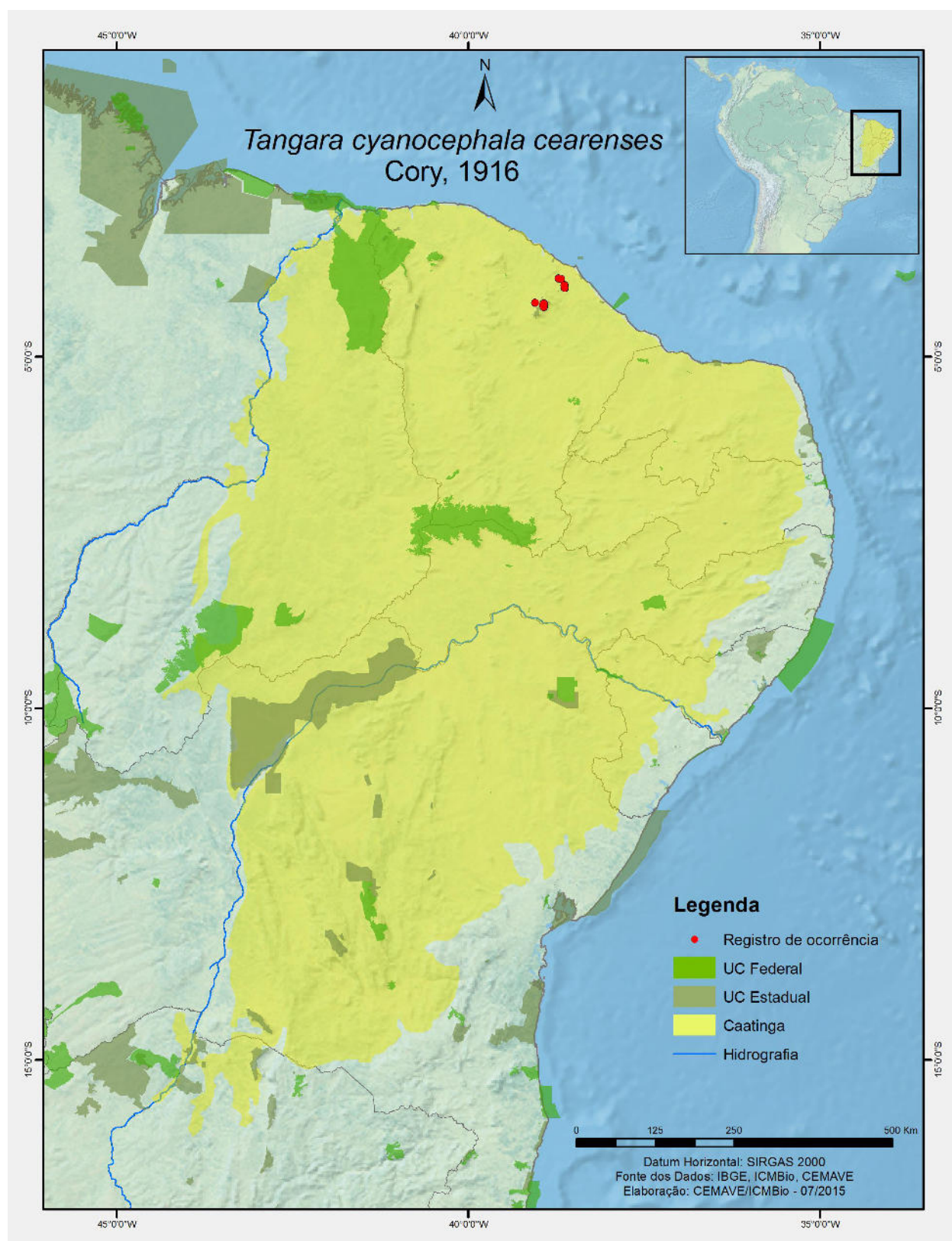


Figura 69. Registros de ocorrência de *Tangara cyanocephala cearensis* (pintor-da-serra-de-baturité).



Sporagra yarrellii (Audubon, 1839) - VU

Foto: Ciro Albano



Figura 70. *Sporagra yarrellii* (pintassilgo-do-nordeste).

Endêmica do Brasil

Ordem: Passeriforme

Família: Fringilidae

Nomes comuns:

- Pintassilgo-do-nordeste
- Coroinha, pintassilva
- Pintassilvio (português)
- Yellow-faced siskin (inglês)

Sinonímia(s):

- *Carduelis yarrellii*
- *Spinus yarrellii*
- *Fringilla mexicana*

Distribuição Geográfica

É endêmica do Nordeste do Brasil (CLEMENT 2010), com registros para PI, CE, PB, PE, AL, SE, BA (LIMA 2008) e RN (SILVA *et al.* 2012). Foi introduzido no norte da Venezuela (CLEMENT 2010).

Habitat, ecologia e história natural

Ocupa bordas de floresta úmida, matas secundárias e caatinga; casualmente também em plantações de café e periferia de áreas urbanas (CLEMENT 2010). É granívoro (SICK 1997), mas pouco se conhece de sua biologia (CLEMENT 2010).

População

É considerada extremamente rara, sendo que a maior parte da população atual está em Alagoas, embora mesmo aí os registros venham diminuindo ao longo dos anos em quantidade e localidade, demonstrando declínio populacional. Os registros mais recentes totalizam 20 localidades. Não há registros para a Paraíba desde 1957 e para o Ceará desde 1958. Embora fossem localmente comuns em Pernambuco na década de 80, há apenas dois registros recentes para esse estado, sendo provavelmente provenientes de soltura de animais apreendidos. Até mesmo na Venezuela, onde a espécie foi introduzida, não há registros recentes (CLEMENT 2010).

Presença em Unidades de Conservação

Nordeste

AL: ESEC de Murici e REBIO de Pedra Talhada.

BA: ESEC Raso da Catarina, PARNA de Boa Nova e REVIS de Boa Nova.

CE: APA da Chapada do Araripe, APA da Serra de Baturité, FLONA do Araripe-Apodi e PARNA de Ubajara.

PE: APA de Guadalupe, ESEC de Tapacurá, REBIO de Saltinho, REBIO de Serra Negra, PARNA do Catimbau, ESEC de Caetés, PARNA Ecológico Municipal Vasconcelos Sobrinho, Reserva Estadual de Gurjaú, Reserva Mata do Bituri.

PI: PARNA da Serra da Capivara.

SE: FLONA Ibura e Parna da Serra de Itabaiana.

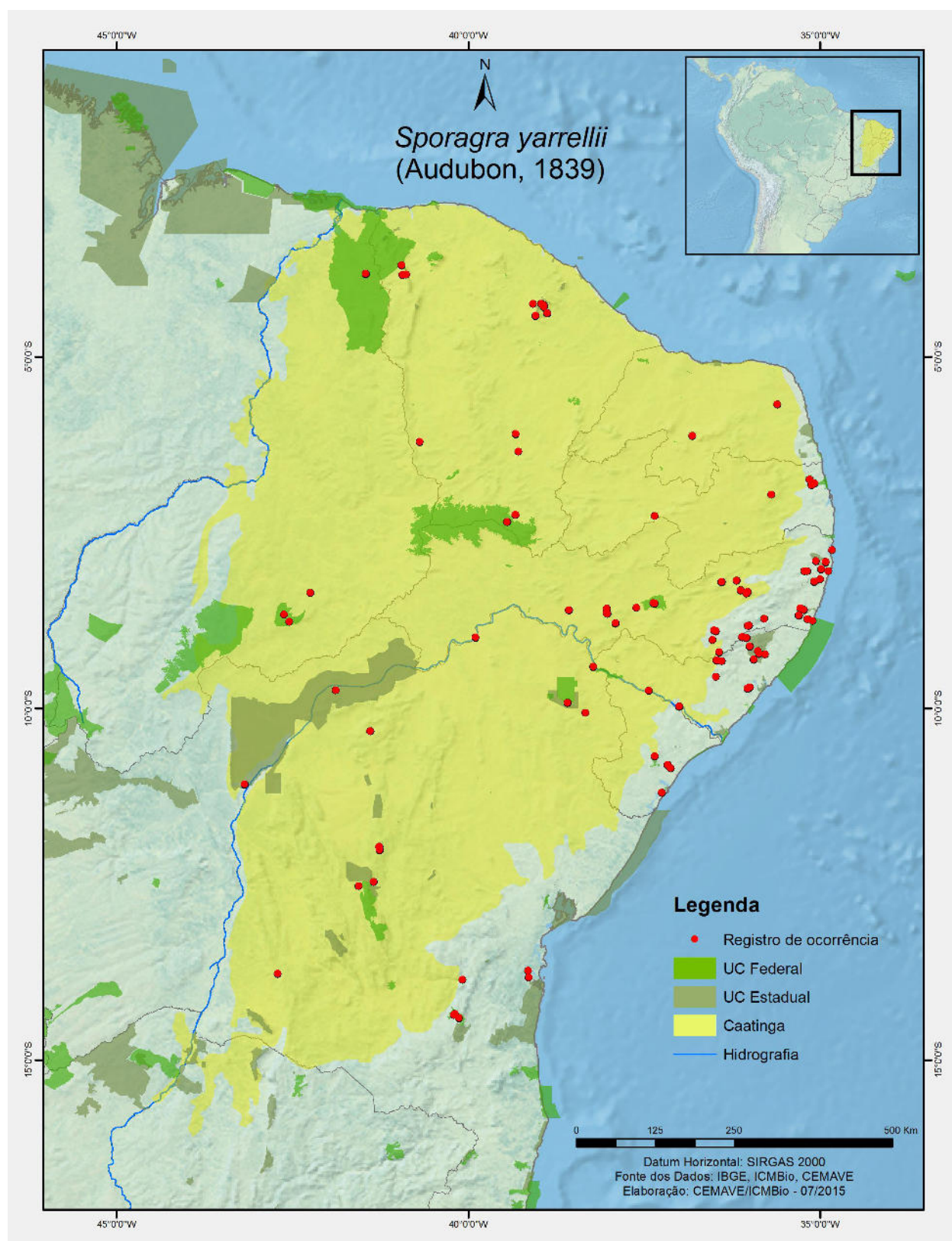


Figura 71. Registros de ocorrência de *Sporagra yarrellii* (pintassilgo-do-nordeste)



4. O periquito-cara-suja (*Pyrrhura griseipectus*)

Foto: Fabio Nunes



Figura 72. *Pyrrhura griseipectus* (periquito-cara-suja).

4.1. Descrição do periquito-cara-suja

Periquitos com aspecto do gênero *Pyrrhura* foram retratados em pinturas produzidas entre 1637 e 1644, com autoria geralmente atribuída ao holandês Albert Eckhout, integrante da comitiva científica e artística a serviço do príncipe Maurício de Nassau (TEIXEIRA 1991). A Companhia Holandesa das Índias Ocidentais atuou na Região Nordeste do Brasil representada por este príncipe, cuja comitiva também incluía

o naturalista alemão Georg Marcgrave, que em 1648 descreveu sumariamente um periquito de nome "anaca" (Figura 73), servindo de fonte para que outros autores fizessem o mesmo em diferentes sistemas nomenclaturais (BRISSON 1760, BUFFON 1779, LATHAM 1781, GMELIN 1788), contudo, a associação do binômio lineano *Pyrrhura anaca* à espécie em questão não tem sido amplamente aceita, a despeito de sua adoção na lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção (MMA 2003).

Imagem retirada de Marcgrave 1942.

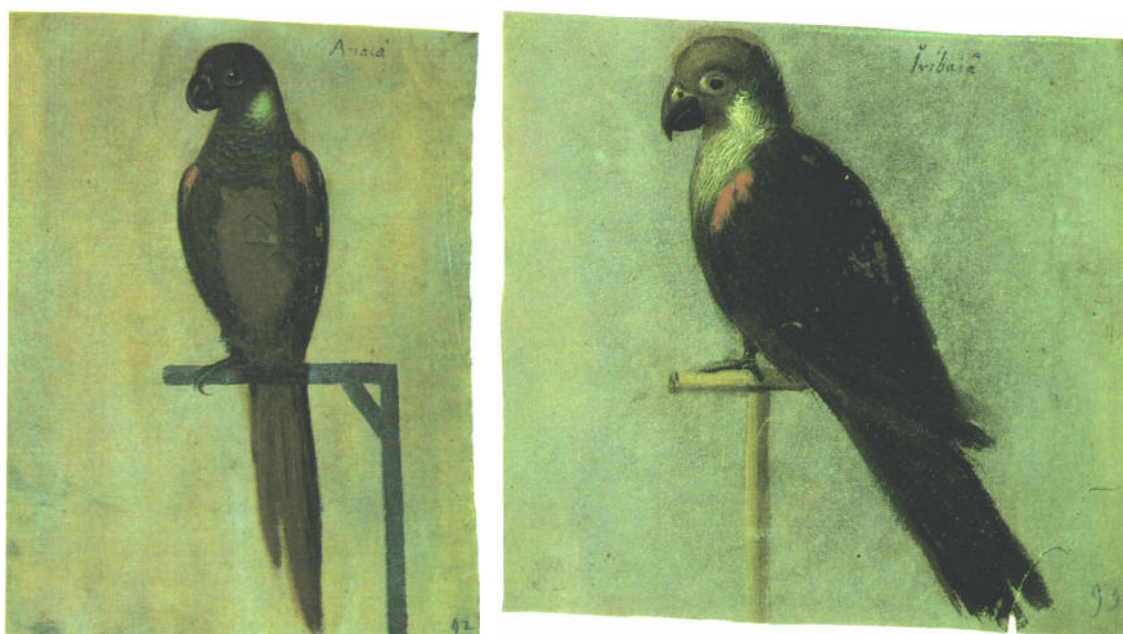


Figura 73. Periquitos "anaca" e "iribaja".



Apenas no fim do século XIX foi publicado que um espécime do gênero procedia do Ceará. Este foi obtido pelo coletor William Jesse, tombado no Museu Britânico, em Tring (Inglaterra), e examinado pelo ornitólogo italiano Tommaso Salvadori em meio a aves de outra espécie (SALVADORI 1891), com a qual era confundida. Posteriormente, Salvadori descreveu *Pyrrhura griseipectus* utilizando dois exemplares sem indicação de procedência, tombados em 1888 no Museu de Turim (Itália) e outro depositado no Museu de Berlim (SALVADORI 1900, HELLMAYR 1929). Apoiado pelo Museu Field, de Chicago (EUA), o coletor Robert Becker atuou no Ceará em 1913, onde obteve sete destes periquitos na Serra de Baturité, permitindo finalmente a publicação de uma procedência (HELLMAYR 1929), que terminou

proposta como localidade-tipo (PINTO 1938).

A validade de *Pyrrhura griseipectus* como espécie plena foi questionada 29 anos após sua descrição, quando começou a ser tratada como subespécie (HELLMAYR 1929) (Figura 74), situação em que permaneceu por 76 anos até que fosse comprovada sua real condição (OLMOS *et al.* 2005, RIBAS *et al.* 2006). O Brasil foi pioneiro ao perceber a validade da espécie e reconhecer seu grau de ameaça (MMA 2003), como Criticamente em Perigo de extinção, status repetido nas listas vermelhas internacionais (BIRDLIFE 2007, IUCN 2007) e da CITES, além de ser contemplada na Lei Estadual do Ceará Nº 13.613, de 28 de junho de 2005, que dispõe sobre a proibição estadual de sua utilização, perseguição, destruição, caça, apanha, coleta ou captura de exemplares.

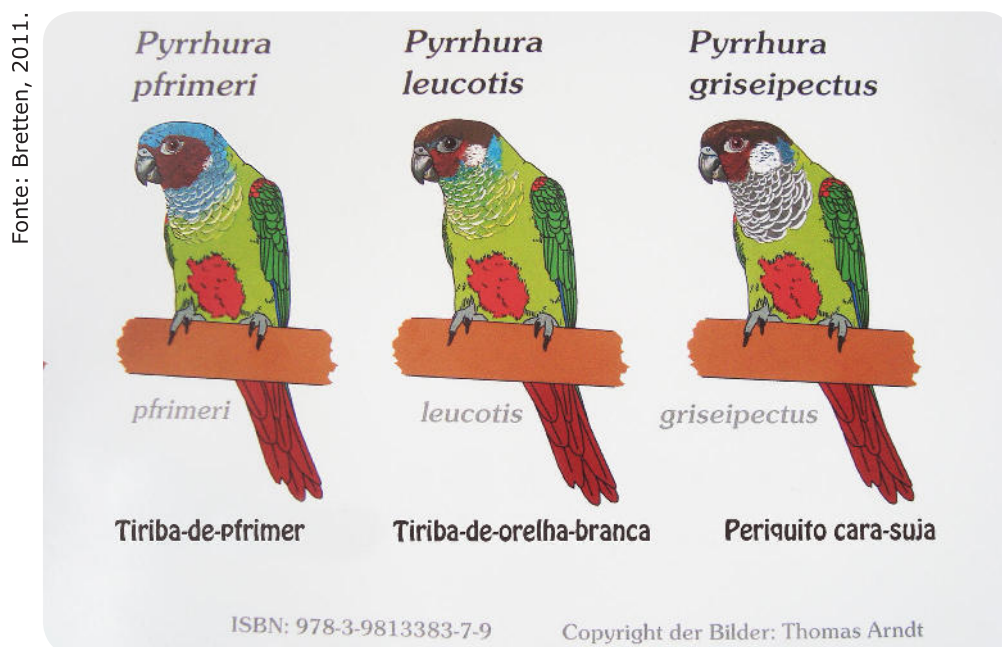


Figura 74. Ilustração apontando as diferenças morfológicas entre *P. pfrimeri*, *P. leucotis* e *P. griseipectus*.

4.1. Valoração

A paisagem habitada pelo periquito-cara-suja é formada por um ambiente de exceção formando um enclave no Bioma Caatinga. As florestas úmidas e secas que revestem serras e circundam inselbergs funcionam como captadores da umidade orográfica, abastecendo preciosos cursos d'água que atravessam a árida depressão sertaneja (GIRÃO *et al.* 2010). A conservação dessa paisagem beneficia não somente as populações das áreas de nascentes de rios,

mas também aquelas áreas abastecidas por estes rios, como a região metropolitana de Fortaleza, por exemplo, abastecida em grande parte por água potável proveniente de rios nascidos na Serra de Baturité (BASTOS, 2005).

Na última época, o periquito cara-suja se tornou símbolo da conservação das áreas onde ocorre, possibilitando que as comunidades locais entendam que elas também podem se responsabilizar pela proteção da natureza, exercendo a cidadania em relação ao meio ambiente.

Outro fator importante é que o



turismo ligado à natureza e especialmente o de observação de aves tem crescido significativamente no Brasil, fato este que pode ser observado na Serra de Baturité, sendo o cara-suja um dos principais atrativos para esse público. Este tipo de atividade gera renda para as comunidades locais e se for bem planejado poderá se tornar um aliado na conservação da espécie.

A conscientização da população local é essencial, só assim poderemos evitar que histórias de extinção na natureza como a da ararinha-azul *Cyanopsitta spixii* se repitam no Brasil.

4.3. Histórico

Dentre todos os exemplares de *Pyrrhura griseipectus* depositados em museus nacionais e internacionais, nenhum procede da depressão sertaneja (SNETHLAGE 1926, HELLMAYR 1929, YAMASHITA & COELHO 1985, JOSEPH 2000, OLMOS *et al.* 2005). Essa informação aliada aos estudos da ecologia da espécie pode sugerir que *P. griseipectus* seja restrita às áreas de altitude recobertas por florestas secas e úmidas, estando ausente da vegetação de caatinga e podendo ter utilizado desta em períodos históricos mais chuvosos, possibilitando a conexão da rede de metapopulações (GIRÃO *com. pess.*). Índícios bibliográficos mostram que essa rede deve ter incluído outras áreas onde a presença da ave não foi confirmada por coleta, e tais relatos geralmente mencionam seu declínio ou fragilidade.

Como exemplo, o naturalista Heretiano Zenaide afirmou que na Paraíba existia um periquito de nome cara-suja no oeste da serra da Borborema, na região dos Cariris Velhos, não correspondendo aos demais periquitos das espécies dos gêneros *Aratinga*, *Eupsittula*, *Forpus* e *Brotogeris*, detalhados por ele em outras descrições. Este autor afirmou também que o periquito-cara-suja, outrora muito popular, já estava tornando-se raríssimo (ZENAIDE 1953).

Em outro caso, o extenso e úmido planalto da Ibiapaba, divisa natural entre os estados do Ceará e Piauí, teve esta espécie coletada uma única vez em 1910 na localidade cearense de Ipu. Em 1884, neste mesmo

ambiente, mas setenta quilômetros ao norte, o naturalista cearense Antônio Bezerra descreveu um periquito em Tianguá: “vivem nos trabalhos da serra, e diferem dos que habitam o sertão. Parece que não se ausentam dos lugares de seu nascimento, e tem horror ao clima quente, razão que nunca os encontrei senão nesta região. É realmente uma ave formosa. Cobrem-lhe a cabeça uma faixa purpureada, rodeiam-lhe os ouvidos sinais brancos, o resto do corpo é de um verde-escuro e sob as asas refletem o puro azul. Não me lembro de ter visto classificada esta espécie” (BEZERRA 1965). A correspondência com *Pyrrhura griseipectus* é inequívoca, mesmo sem evidência material comprobatória.

4.4. Distribuição Atual

Apesar de fatos históricos indicarem a ocorrência pretérita de *P. griseipectus* em áreas serranas localizadas a norte do Rio São Francisco, por muitos anos a única população em vida livre conhecida pelos pesquisadores estava localizada na Serra de Baturité, estado do Ceará.

Devido ao habitat de *P. griseipectus* estar associado a matas secas e úmidas, a Aquasis realizou expedições de busca pela espécie em 23 áreas, escolhidas com base em evidências históricas e mapas de relevo dos estados do Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte (Tabela 2). Durante essas expedições eram realizadas buscas ativas pela espécie e entrevistas com moradores que apresentassem grande conhecimento sobre a fauna local.

Como resultado desta pesquisa uma das subpopulações foi reencontrada em 2010 no município de Quixadá (GIRÃO *et al.* 2010). Trata-se de uma população pequena, em torno de 30 a 40 indivíduos adultos que vem sendo monitorados desde então.

A segunda descoberta importante ocorreu em 2014 no município de Ibaretama (Figura 76), quando foram localizados cinco indivíduos da espécie. Desde então outras visitas foram feitas à área, porém, ao que tudo indica esta população parece ser ainda menor que a do município de Quixadá, porém mais expedições à área terão de ser realizadas para que possa ser divulgada uma estimativa confiável do tamanho desta subpopulação.



Figura 75: Mapa demonstrativo da área atual de ocorrência da espécie utilizando os registros dos últimos 20 anos..

Os resultados provenientes do levantamento bibliográfico, das coletas de museus e das expedições de busca apontam para 15 áreas de ocorrência pretéritas da espécie, sendo que apenas três destas áreas possuem registros da espécie nos últimos 20 anos.

Esses resultados evidenciam reduções drásticas no tamanho de 12 das 15

subpopulações, a ponto de impedir a detecção da espécie pelos pesquisadores e pela comunidade do entorno. Em muitos desses locais, a degradação do habitat e a pressão de caça são tão intensas, que hipóteses de extinção local são cogitadas, principalmente nas áreas onde não há quaisquer indícios da espécie há mais de 40 anos (Tabela 4) (Nunes *et al.* 2015).

Foto: Mateusz Styczynski (A); Fábio Nunes (B).

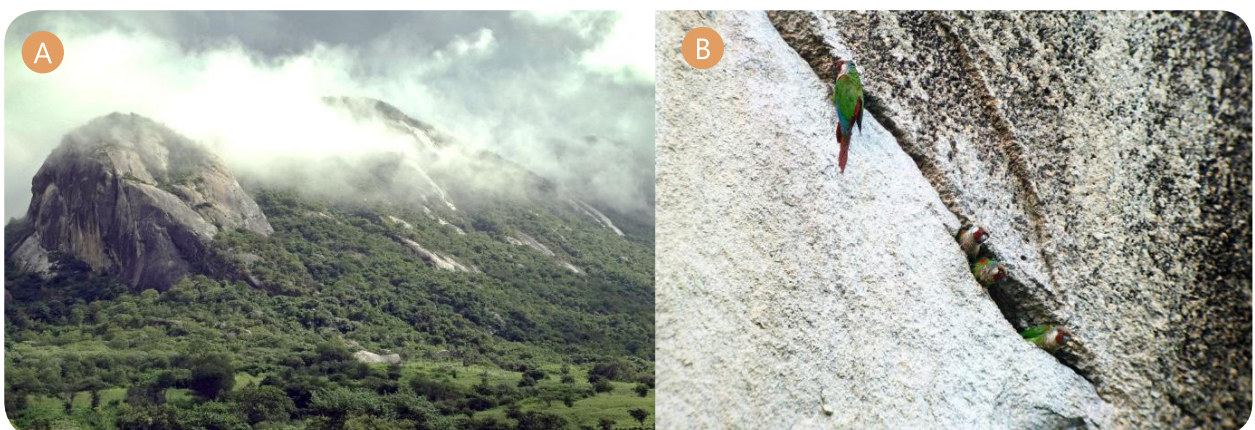


Figura 76. (A) Serra Azul, em Ibareta, Ceará; (B) Periquito-cara-suja em cavidades rochosas da Serra Azul.



Tabela 04: Áreas onde foram realizadas expedições de buscas por *P. griseipectus* (Nunes *et al.* 2015).

Estado	Localidade	Município	Último Indício da Espécie
Ceará	Serra de Baturité*	Guaramiranga Pacoti Aratuba Mulungu	2014
Ceará	Serra de Quixadá*	Quixadá	2014
Ceará	Serra Azul	Ibaretama	2014
Pernambuco	Serra Nega*	Floresta	1990
Ceará	Serra de Ibiapaba*	Ipu Tianguá Ubajara	1990
Ceará	Serra de Uruburetama	Uruburetama	1990
Ceará	Serra do Estevão	Quixadá	1990
Ceará	Serra do Machado	Itatira	1980
Ceará	Serra das Matas	Itatira/Canindé	1980
Ceará	Serra de Maranguape	Maranguape	1970
Ceará	Serra da Aratanha	Pacatuba Guaiúba	1970
Rio Grande do Norte	Serra do Martins	Martins Portalegre	1960
Rio Grande do Norte	Serra de São Miguel	São Miguel	1950
Pernambuco	Serra Verde	Catolé	1950
Paraíba	Extremo oeste PB divisa RN	-	1950
Pernambuco	Brejo de Madre de Deus	Brejo da Madre de Deus	1950
Ceará	Serra Verde	Irauçuba	Não há evidências
Ceará	Serra da Meruoca	Sobral	Não há evidências
Ceará	Chapada do Araripe	Crato	Não há evidências
Pernambuco	Serra do Triunfo	Triunfo	Não há evidências
Pernambuco	Brejo dos Cavalos	Caruaru	Não há evidências
Alagoas	Pedra Talhada	Pedra Talhada	Não há evidências
Alagoas	Murici	Murici	Não há evidências

*Evidência material (pele)

4.5. Avaliação do habitat e dos recursos

P. griseipectus ocorre em ambientes florestais restritos, com aparente dependência de áreas com maior umidade (Figura 77). Sua presença na mata seca, como Quixadá e Ibaretama, muito provavelmente, se deve graças à resiliência da espécie, que vem enfrentando um estrangulamento climático acentuado (GIRÃO *et al.* 2010) que aliado ao aumento da pressão humana, pode ter contribuído para seu desaparecimento em outras áreas de ocorrência histórica. Essa ave tem relativa tolerância a ambientes

antropizados, mas apresenta fatores limitantes que comprometem sua distribuição: umidade e cavidades para reprodução.

A ausência dessa ave nas caatingas da depressão sertaneja confirma tais restrições. Tanto em Quixadá quanto em Ibaretama, o periquito-cara-suja apresenta uma área de ocorrência bastante restrita, associada a pequenas manchas de matas secas propiciadas por microclima de umidade particular, com flora específica e fitofisionomia diferenciada da caatinga, apresentando porte mais robusto e semicaducifolia.



Foto: Fábio Nunes

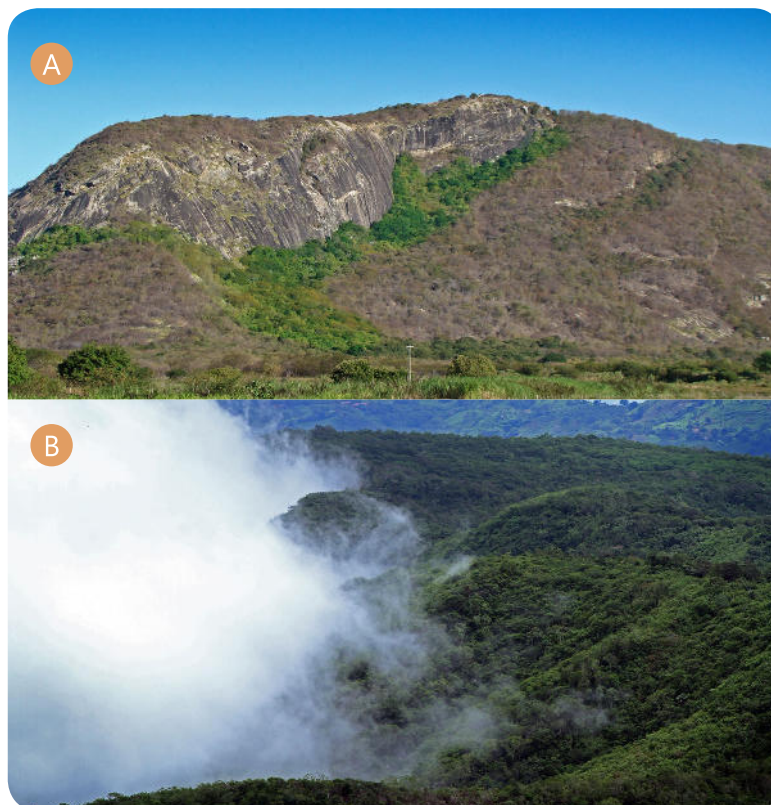


Figura 77. Foto (A): Quixadá-CE, a mancha verde em pleno período de estiagem aponta a ocorrência da mata seca circundante dos monólitos; (B): Serra de Baturité – CE.. Fotos: Fábio Nunes.

P. griseipectus possui dieta considerada generalista, predominando consumo de frutos, sementes e flores. Abaixo, a lista de alimentos dos periquitos-cara-suja na serra de Baturité,

compilada a partir dos estudos de (CORIOLANO *et al.* 2012), (GIRÃO *et al.* 2008) e observações de campo recentes (NUNES, *com. pess.*) (Figura 78).

Tabela 05: Plantas que fazem parte da dieta de *P. griseipectus* na Serra de Baturité.

Família	Espécie	Nome vulgar	Obs.
Annonaceae	<i>Xylopia cf. frutescens</i> Aubl.	Embiriba	-
Bignoceae	<i>Cybistax antisyphilitica</i> (Mart.) Mart.	Ipê-verde / caroba	fruto
Bromeliaceae	<i>Aechmea aquilega</i> (Salisb.) Griseb.	Croatá-grande	flor
Bromeliaceae	<i>Guzmania monostachia</i> (L.) Rusby ex Mez.	Croatá-encarnado	flor
Cecropiaceae	<i>Cecropia palmata</i> Willd.	Torém / gargaúba	fruto
Euphorbuaceae	<i>Croton</i> sp.	Marmeleiro	-
Euphorbuaceae	<i>Croton floribundus</i> Spreng.	Marmeleiro-da-serra	-
Malpighiaceae	<i>Byrsonima cf. sericea</i> DC.	Murici	-
Mimosoideae	<i>Albizia polycephala</i> (Benth.) Killip ex Record.	Camuzé	flor
Mimosoideae	<i>Inga cf. ingoides</i> (Rich.) Willd.	Ingazeira	Fruto/flor
Nyrtaceae	<i>Eugenia</i> sp.	Goiabinha	fruto
Nyrtaceae	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Azeitona	-
Poaceae	<i>Zea mays</i> L.	Milho	-
Rosaceae	<i>Eryobotria japonica</i> (Thunb.) Lindl.	Nespereira	-
Rutaceae	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Tangerina	fruto
Viscaceae	<i>Phoradendrom</i> sp.	Erva-de-passarinho	fruto
Arecaceae	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Açaí	Fruto
Lauraceae	<i>Persea americana</i> P. Mill.	Abacateiro	flor
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	fruto
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	Fruto
Fabaceae	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungu	flor
Rhamnaceae	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juazeiro	fruto
Cactaceae	<i>Rhipsalis baccifera</i> J. S. Muell.	Macarrão	-
Myrtaceae	<i>Campomanesia dichotoma</i> (O. Berg) Mattos	Guabiraba	fruto
Anacardiaceae	<i>Spondias purpurea</i> L.	Siriguela	fruto
Cannabaceae	<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	Periquiteira	-



Fotos: Fábio Nunes.



Figura 78. Periquitos-cara-suja se alimentando: fruto de bromélias (esquerda), açai (meio) e ciriguela (direita) são parte da dieta desta espécie na serra de Baturité.

Já a dieta das populações de Quixadá e Ibaretama, carece de mais estudos. Além dos componentes da dieta destas populações, é importante estudar a capacidade de carga destes ambientes, uma vez que são mais restritos e por isso mais susceptíveis à rigorosas estiagens.

Nas poucas observações desta ave se alimentando nestes ambientes constatou-se a ingestão do fruto da jurema preta (*Mimosa hostilis*), da maniçoba (*Manihot glaziovii*) e da flor do marmeleiro (*Croton Sonderianus*), além dos relatos dessa espécie se alimentando do fruto da goiaba (*Psidium guajava*) e manga (*Mangifera indica*), sendo esses dois últimos, alimentos exóticos comuns a população da

serra de Baturité.

Outro recurso importante para o periquito-cara-suja é a disponibilidade de cavidades, ambiente que a espécie utiliza tanto para dormir quanto para se reproduzir. Na serra de Baturité, a espécie utiliza ocos de árvores para fazer ninho e dormir. Também já foram observados bandos dormindo em palmeiras.

É importante ressaltar que essa ave não é capaz de construir novas cavidades, ela apenas aproveita ocos surgidos naturalmente ou criados por outras espécies, como o pica-pau e o besouro serra-pau. Já em Quixadá e Ibaretama, observou-se essa espécie utilizando locais situados nos paredões rochosos dos inselbergs.

Fotos: Fábio Nunes



Figura 79. Ninhos naturais e áreas de dormitório de Periquitos-cara-suja.



As chuvas parecem ter forte influência na reprodução dessa espécie. A estação reprodutiva inicia com um pouco de antecedência ao período chuvoso, que no Ceará tem início normalmente entre janeiro e fevereiro, e finaliza em torno de abril ou maio. O início da reprodução do cara-suja pode ser notado quando, ainda no bando, os casais realizam regurgitações e cópulas, sendo estas últimas acompanhadas pela emissão de um tipo particular de vocalização. Separando-se do bando, os casais buscam ocos de árvores, inspecionando seu interior e roendo seu

acesso com o bico. Em geral, o cara-suja entra no ninho no crepúsculo para dormir, contudo, na época reprodutiva ocorre a permanência no ninho durante todo o dia, com aumento das visitas dos adultos após o nascimento dos filhotes.

Os periquitos-cara-suja parecem utilizar estratégias complexas de reprodução, que envolvem mais de dois adultos durante o cuidado dos filhotes (Figura 80). Este comportamento pode estar ligado ao grande tamanho da ninhada, que pode chegar a até 9 filhotes.

Fotos: Fábio Nunes.



Fotos: Ciro Albano



Figura 80. Foto acima: Cópula de perequitos-cara-suja. Foto abaixo: Periquitos-cara-suja em período reprodutivo: Ninho natural com adulto fora e jovens colocando a cabeça fora do ninho.



4.6. Ameaças

O habitat do periquito-cara-suja por estar associado à maior ocorrência de umidade quando comparado às regiões circunvizinhas, sendo um ambiente pontual e de exceção, é também de grande interesse humano, pois apresenta melhores condições edafo-climáticas em relação ao semiárido nordestino. Por este motivo estes ambientes tiveram historicamente maior perturbação por ocupação humana e produção agrícola (CAVALCANTE 2005). As regiões da Serra da Ibiapaba – CE, Serra do Martins – RN, Serra do Machado – CE, Serra de Baturité – CE, Serra de Monsenhor Tabosa – CE, Serra Azul – CE, dentre outras, foram no passado áreas agrícolas, passaram por diversos ciclos como o da cana-de-açúcar, banana, café, algodão e milho. Essas áreas tiveram em comum processos antropogênicos que provocaram grandes alterações em sua paisagem (Figura 83

B). A remoção da vegetação, as monoculturas rudimentares (Figura 81), o uso contínuo e excessivo do fogo, os cultivos em áreas de acentuadas declividades e leitos de rios, os desmatamentos das nascentes, a introdução de espécies exóticas, etc, contribuíram para a evolução de processos erosivos intensos, como solifluxão, saturação dos horizontes superficiais dos solos, erosão pluvial, destruição de solos preexistentes, comprometimento das drenagens, resultando na diminuição da umidade e da profundidade dos solos, sucessão gradativa da mata úmida e subúmida por vegetação xérica, afloramentos de rochas e aumento da temperatura, que são condições comuns à caatinga (BRASIL. 1994) (Figura 82). A descaracterização destes ambientes naturais contribuiu para o desaparecimento local de espécies que necessitavam destas condições.

Foto: Fábio Nunes.



Figura 81. Platô da serra do Martins, que outrora abrigava uma vegetação de brejo de altitude (que ultrapassa os 700m de altitude).



Figura 82. Vista da serra do Ipu, um brejo de altitude que hoje está recoberto por vegetação xérica e enfrenta problemas de abastecimento de água.

No caso da serra de Baturité, a presença de grandes latifúndios de famílias tradicionais que não exploravam comercialmente os recursos naturais de suas terras, pode ter favorecido a persistência do periquito-cara-suja nessa região.

Segundo relatos, além da mata preservada e jardins fartos de frutas e alimentos para a espécie, os proprietários não permitiram a presença de estranhos nesses locais, impedindo indiretamente a captura do periquito-cara-suja e de outras espécies. Esta situação preservou áreas de nidificação da espécie, que são locais mais vulneráveis, propiciando um refúgio para a fauna local.

Porém, as mesmas condições que levavam estas famílias tradicionais a manterem suas terras preservadas – como o clima agradável, beleza cênica, floresta úmida, potencial hídrico – também provocam uma corrida para construções de casa de veraneio e condomínios pavimentados, se instalando uma intensa especulação imobiliária (Figura 83 A, C), principalmente no platô e porção oriental da serra de Baturité (BASTOS, 2005). Esta especulação vem resultando numa intensa fragmentação florestal de latifúndios em pequenos lotes e na abertura de estradas, favorecendo a degradação ambiental.



Figura 83: (A) Condomínio de luxo em Guaramiranga, responsável por um desmatamento raso de quase 20 hectares de mata primária (Reata Arquitetura e Engenharia, 2014). (B) Queimada para pastagem e bananicultura; (C) Desmatamentos para construções.



O desmatamento, além de reduzir as áreas de alimentação e fragmentar a área de vida dos bandos de *P. griseipectus*, também diminui a quantidade de ocos naturais disponíveis para reprodução, forçando os casais a utilizar cavidades de baixa qualidade (próximas ao solo ou com grande abertura na entrada do ninho), ficando assim mais vulneráveis ao ataque de predadores e de traficantes de aves.

Felizmente o periquito-cara-suja é uma espécie com relativa tolerância a ambientes alterados e que muitas vezes pode até se beneficiar de espécies exóticas em sua dieta. Essa versatilidade em se adaptar às alterações

da paisagem e o grande potencial reprodutivo da espécie reforçam que seu declínio foi acarretado pelo tráfico de animais silvestres.

Muitos dos periquitos-cara-suja são capturados ainda nos ninhos, quando são filhotes (Figura 84, Figura 85). Os traficantes cortam a árvore do ninho e capturam todo o bando para venda no comércio ilegal. Esta atividade diminui drasticamente a população e reduz as áreas de reprodução da espécie, pois os ninhos cortados não são mais utilizados nos próximos anos. Outra maneira bem comum de captura é a colocação de visgo para capturar os adultos.

Foto: Ileyne Lopes.

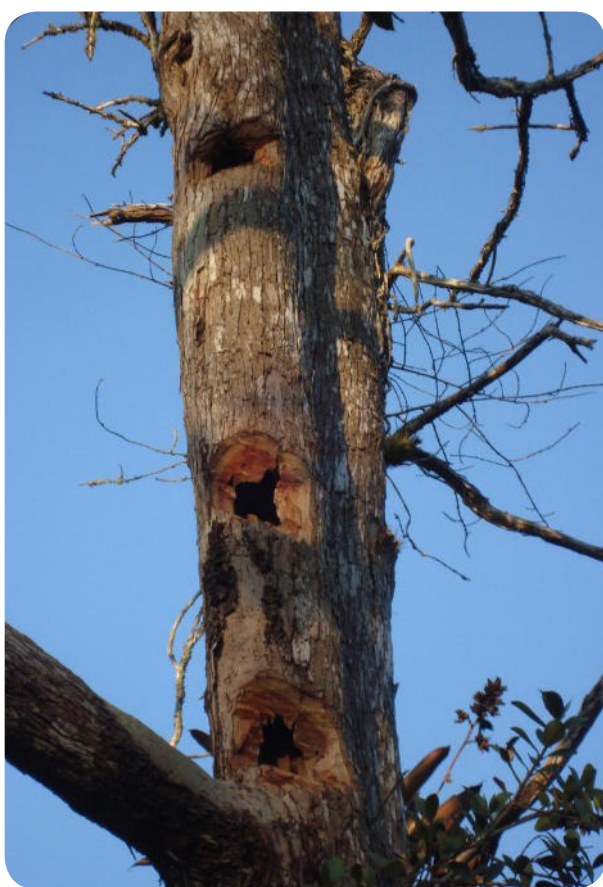


Figura 84. Oco de periquitos-cara-suja violado por traficantes, que capturam todo o bando durante a noite.

Foto: Fábio Nunes



Figura 85. Ninho natural de periquitos-cara-suja aberto em sua base possibilitando o acesso aos filhotes. Traficantes colocam plástico para aguardar o tamanho ideal para poder capturar filhotes.



Estas aves, quando capturadas, são criadas como animais de estimação por moradores locais ou são vendidas em feiras ilegais, como a feira de Baturité e a feira da Parangaba (Figura 86), em Fortaleza, também conhecida como feira dos pássaros. Aves mais raras como o periquito-cara-suja ficam

escondidas em caixas de papelão, mochilas ou em galpões próximos a esta feira (Figura 87). Segundo relatos, alguns traficantes já chegaram a capturar mais de 100 periquitos-cara-suja em um único mês, no período reprodutivo que é quando as aves estão mais expostas às capturas.

Foto: Marcio Holanda.



Figura 86. Feira da Parangaba, em Fortaleza-CE, comércio ilegal de aves.

Foto: Fábio Nunes.



Figura 87: Periquito-cara-suja vendido em feiras livres.



4.7. Conservação e manejo

O grande desafio para a conservação e manejo de *P. griseipectus* está na complexidade e desconexão de sua área natural de ocorrência. Como a espécie habita matas úmidas isoladas por extensas áreas de caatinga circundante, as subpopulações atualmente encontram-se distantes e desconectadas. Torna-se importante salientar que mesmo após anos de pesquisa e monitoramento da espécie não há qualquer registro da mesma utilizando áreas extensas de caatinga para alimentação, reprodução ou qualquer outro fim. Essa espécie permanece apenas nas bordas da mata seca, o que dificultaria a ocorrência de fluxo de indivíduos entre as subpopulações. Estudos genéticos das diferentes subpopulações estão sendo desenvolvidos e poderão estimar o tempo de distanciamento entre as mesmas.

Outros fatores que aumentam a complexidade na escolha de estratégias de conservação *in situ* são: a diferenciação no comportamento reprodutivo entre as subpopulações, que variam entre ninhos em cavidades de árvores (na Serra de Baturité) e ninhos em paredões rochosos (em Quixadá e Ibaretama); a grande variação no tamanho da

mancha de habitat disponível para a espécie em cada área; os diferentes graus de urbanização gerando pressões e ameaças distintas sobre a espécie.

Por estes motivos é necessária a adoção de diferentes estratégias de conservação e manejo para cada subpopulação. No caso da Serra de Baturité os esforços para o aumento da subpopulação de *P. griseipectus* em vida livre estão sendo realizados pela Aquasis desde 2008, através da instalação de caixas-ninho nas áreas de reprodução da espécie. Esta estratégia foi adotada devido à baixa disponibilidade de cavidades naturais adequadas na região e à alta frequência de captura de filhotes para o comércio ilegal. A cada ano o número de casais utilizando as caixas-ninho (Figura 88) vem aumentando, o que demonstra o sucesso do projeto, porém a realização de um censo populacional é de suma importância para verificar se estes filhotes nascidos estão de fato sobrevivendo a ponto de incrementar a população de vida livre. Além disso, uma rede de proprietários de terras são atualmente parceiros do projeto, e um processo contínuo de sensibilização junto à comunidade local é mantido.

Fotos: Fábio Nunes



Figura 88. Periquitos-cara-suja em caixas-ninho na serra de Baturité.



Paralelamente é necessário e urgente um aumento nos esforços de fiscalização por parte dos órgãos estaduais e federal, para diminuir a grande pressão de captura sobre a espécie.

As ações de instalação de caixas-ninhos e de educação ambiental têm sido apoiadas tanto por instituições Internacionais como a Fundação Loro Parque, Chester Zoo, ZGAP, CLP e TFCA quanto por instituições nacionais com a Fundação Grupo Boticário e Coelce. As pesquisas e esforços de conservação direcionados a esta espécie desde 2005 garantiram à Aquasis o título dado pela organização BirdLife International de entidade guardiã de *Pyrrhura griseipectus*.

No caso das subpopulações de Quixadá e Ibaretama a Aquasis vem realizando monitoramento das áreas de alimentação, das áreas de reprodução e atividades de conscientização das comunidades locais sobre a importância da espécie. Nestas áreas são necessários estudos mais aprofundados, que auxiliem no cálculo da capacidade suporte do ambiente, além de acompanhamento constante já que estas subpopulações possuem números baixos de indivíduos sendo as mais suscetíveis à extinção local.

Nas demais 13 áreas não há registros confirmados da espécie por pelo menos 20 anos (este tempo sem registros chegar a 60 anos em algumas áreas).

Algumas destas áreas não são indicadas para tentativas de reintrodução da espécie devido ao alto grau de desmatamento (como é o caso da Serra de Martins - RN, e da região sul da Serra da Ibiapaba - CE). Outras áreas apresentam alta pressão de caça (como é o caso da Serra do Machado - CE), e alta densidade de espécies competidoras que dificultariam a reprodução da espécie na natureza (como é o caso da Serra Negra - PE).

As áreas mais indicadas para tentativas de reintrodução da espécie são a parte norte da Serra da Ibiapaba devido à presença do Parque Estadual de Ubajara e a Serra de Aratanha onde há presença de proprietários que poderiam auxiliar na proteção da espécie. Contudo, iniciativas desse tipo serão infrutíferas sem ações paralelas frequentes de combate ao tráfico e de educação ambiental (OLMOS *et al.* 2005 e GIRÃO, *com. pess.*).

A reprodução da espécie em cativeiro está sendo realizada por diversos criadouros particulares no Brasil e no mundo, porém é de suma importância que estes esforços não sejam isolados, tendo em vista a necessidade de manutenção da variabilidade genética também em cativeiro. Os indivíduos gerados através destes esforços serão relevantes para um futuro programa de reintrodução em áreas onde a espécie foi localmente extinta.

A realização de uma análise minuciosa acerca dos dados obtidos através do Manejo da espécie *in situ* é fundamental para o planejamento futuro de novas ações para conservação. Caso os resultados indiquem que o recrutamento de indivíduos em natureza, mesmo contando com a instalação de caixas-ninhos, é insuficiente para o revigoramento populacional, ações para conservação *ex-situ* tornam-se extremamente importantes. Deste modo, é necessária a elaboração de um Programa de Conservação e Manejo em Cativeiro de *P. griseipectus* que poderá fornecer instruções e protocolos a serem seguidos pelos criadouros e permitir o cadastramento dos criadouros interessados em participar do programa de reintrodução.

Quanto à presença da espécie em unidades de conservação, podemos citar a Área de Proteção Ambiental da Serra de Baturité, que abriga a maior subpopulação da espécie e é reconhecida internacionalmente como *Important Bird Areas* (IBA), sítio AZE (*Alliance for Zero Extinction*) e nacionalmente, é considerada Área de Importância Biológica Extremamente Alta (MMA, 2007). Apesar de sua grande importância biológica esta unidade de uso sustentável enfrenta diversos problemas, principalmente ligados ao desmatamento e à especulação imobiliária.

Há também uma subpopulação de *P. griseipectus* inserida no Monumento Natural Os Monólitos de Quixadá, que é uma unidade de proteção integral, mas está inserida em uma região bastante povoada e apresenta diversos conflitos de caça, desmatamentos, queimada, além de apresentar dificuldades em sua delimitação.

A terceira e última unidade de conservação a ser citada é a Reserva Biológica de



Serra Negra (unidade de conservação federal) em Pernambuco. Porém o último registro da espécie neste local foi realizado há 36 anos atrás. Expedições posteriores não encontraram indícios da presença da espécie no local, o que é preocupante, uma vez que se trata de uma área reduzida (1.100 ha), e com alta densidade

de indivíduos de espécies competidoras por áreas de nidificação (*Primolius maracana* e *Amazona aestiva*), que podem ter impactado de forma negativa o sucesso reprodutivo de *P. griseipectus* levando a uma possível extinção local (Nunes *et al.* 2015).

PARTE II

PLANO PARA CONSERVAÇÃO



1. HISTÓRICO

Com a criação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio por meio da Lei nº 11.516 de agosto de 2007, a atribuição de conservação das espécies ameaçadas passou a ser uma das missões desempenhada por este novo instituto.

Neste sentido, o Instituto Chico de Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), através da Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade (DIBIO) e dos Centros Nacionais de Pesquisa e Conservação a ela vinculados implementaram os Planos de Ação Nacionais para a Conservação das Espécies Ameaçadas de Extinção ou do Patrimônio Espeleológico – PAN como instrumentos de gestão e monitoramento das estratégias para a conservação da biodiversidade brasileira. Trata-se de uma ferramenta amplamente utilizada e reconhecida internacionalmente aplicado pela União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN) para conservação de espécies ameaçadas. Este modelo tem permitido potencializar os esforços na conservação, e racionalizar a captação e gestão dos recursos para conservação das espécies ou ambientes focos dos planos de ação.

O Brasil ocupa uma posição de destaque no cenário mundial em termos de biodiversidade. Essa característica notável traduz-se em uma enorme responsabilidade frente aos compromissos assumidos na Convenção sobre Diversidade Biológica – CDB. A recém-publicada Lista Oficial da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção, Portaria MMA Nº 444, de 17 de dezembro de 2014 reconhece 234 táxons da fauna terrestre e aquática ameaçadas de extinção revelando com clareza o quão desafiador é a conservação da biodiversidade brasileira, exigindo, mais do que nunca, a participação multilateral num pacto que envolve diversos atores ligados à conservação.

Os planos de ação buscam identificar, a partir das ameaças que põe em risco as espécies, quais instrumentos de gestão devem ser orientados ou otimizados, visando um efeito benéfico direto. Suas ações abrangem

de forma objetiva a interferência em políticas públicas, o desenvolvimento de conhecimentos específicos, a sensibilização de comunidades e o controle da ação humana para combater as ameaças que põe as espécies ameaçadas em risco de extinção.

Desta forma, promove a integração de várias estratégias e políticas públicas potencializando seu efeito. São medidas recorrentes adotadas nos PAN: a criação e implementação de unidades de conservação, regularização fundiária, licenciamento e compensação ambiental, pesquisa aplicada, conservação *ex-situ*, educação ambiental, fiscalização, recuperação de áreas degradadas, projetos de usos sustentáveis dos recursos naturais.

A responsabilidade pela execução das ações é tanto do Instituto Chico Mendes quanto dos demais atores envolvidos, conforme o âmbito de atuação de cada um. Entretanto cabe aos Centros Nacionais de Pesquisa e Conservação do ICMBio coordenar todo o processo de elaboração e implementação dos PAN, conforme estabelecido na Portaria ICMBio nº 16/2015, sob a supervisão da Coordenação-geral de Manejo para a Conservação.

O processo de elaboração, monitoria e revisão adotado, instituído pela Instrução Normativa ICMBio nº 25/2012, é baseado no planejamento estratégico e estabelece um método simples e robusto que pode ser aplicado em todos os níveis taxonômicos ou geográficos. Estes níveis podem incluir uma única espécie, grupos ou conjuntos de táxons, em diferentes escalas de abrangências.

Neste contexto o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres (CEMAVE) vem trabalhando juntamente com a Coordenação de Planos de Ação Nacional - COPAN para que os planos de ação da avifauna brasileira abranjam o maior número de espécies e para que os mesmos sejam factíveis. Através do uso de informações científicas e com a participação da sociedade, constitui-se um processo cíclico que passa inicialmente pela avaliação do estado de conservação das espécies, a qual tem sequência com a elaboração de planos de ação nacional para conservação de espécies ameaçadas apontadas



na avaliação do estado de conservação.

Os planos de ação são planejamentos construídos de forma participativa em oficinas contemplando o maior número de atores que se comprometem a assumir as estratégias apontadas na oficina, a partir dos principais problemas enfrentados pelas espécies, com o compromisso de reverter ou mitigar as ameaças e atingir um novo patamar de conservação.

Seguindo essa lógica, a construção do Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Ameaçadas da Caatinga significa a materialização da 2ª fase deste processo, adotado pelo ICMBio, que teve início com a realização da 1ª oficina para avaliação do estado de conservação das aves brasileiras, em Cabedelo/PB entre os dias 07 e 11 de fevereiro de 2011. A oficina, coordenada pelo CEMAVE, com apoio da COABIO/DIBIO, contou com a participação de especialistas de diversas instituições (UFV, UEFS, UEMC, UFPB, UFS, UFCG, UFRPE, UFPE, UFPA, USP, Aquasis e Grupo Ornitológico Potiguar) que se reuniram para avaliar o grau de ameaça das aves do bioma Caatinga, tendo sido avaliadas aves endêmicas ao bioma, aquelas com grande distribuição na Caatinga, mesmo que ocorram em outros biomas e algumas que apresentam distribuição ampla no Brasil.

Como resultado foi avaliado 103 táxons, 98 avaliados em nível de espécie e cinco em nível de subespécie. Dentre os 103, um foi considerado Criticamente em Perigo/Provavelmente Extinta na Natureza

(*Cyanopsitta spixii*), dois criticamente em perigo, nove em perigo, cinco vulneráveis, sete quase ameaçados, nove com dados insuficientes e 70 menos preocupantes.

No Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Ameaçadas da Caatinga, atualmente aprovado através da Portaria N° 18, de 9 de março de 2016, estão contempladas todas as espécies classificadas em algum grau de ameaça na última oficina para avaliação do estado de conservação das aves da caatinga, exceto as espécies: *Antilophia bokermanni* (soldadinho-da-araripe), *Anodorhynchus leari* (arara-azul-de-lear) e *Cyanopsitta spixii* (ararinha-azul), no qual são alvos de Planos de Ação específicos. Adicionalmente, a referida portaria inclui alguns táxons ameaçados que ocorrem em Brejos de Altitude dentro do bioma Caatinga.

2. OFICINA DE PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO

O Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Ameaçadas da Caatinga foi elaborado em oficina de planejamento participativo realizada entre os dias 24 e 27 de outubro de 2011, no Hotel VerdeGreen, em João Pessoa - Paraíba, contando com a presença de 27 representantes de 18 instituições (Tabela 6, Figura 89). A realização do evento ficou a cargo do CEMAVE, contando com apoio do CPB e supervisão da COPAN (Tabela 7).



Figura 89: Participantes da oficina de elaboração do Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Ameaçadas da Caatinga.



Tabela 06 - Participantes da oficina de planejamento do Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Ameaçadas da Caatinga.

Nome	Instituição	E-mail
Aldízio Lima de Oliveira Filho	CCUC/ICMBIO	aldizio.oliveira-filho@icmbio.gov.br alofilho@yahoo.com
Antônio Eduardo Araujo Barbosa	CEMAVE / ICMBio	antonio-eduardo.barbosa@icmbio.gov.br
Antônio Emanuel B. Alves de Souza	CEMAVE/ICMBIO	antonio.souza@icmbio.gov.br
Caio Graco Machado	UEFS	gracom@uol.com.br
Carlos Eduardo Ferrer Luzardo	COEFA/IBAMA	carlos.luzardo@ibama.gov.br
Enio Ronald de Almeida Cardoso	CGPRO/ICMBIO	enio.cardoso@icmbio.gov.br enio.ronald@gmail.com
Helder Farias P. de Araújo	UFPB	helder@cca.ufpb.br
Iris Lacerda Almeida	FAPESB	iris@fapesb.ba.gov.br lacerda.iris@gmail.com
Isabela Deiss de Farias	CR6/ICMBIO	isabelafarias@icmbio.gov.br
Isabel Nogueira	DPRF	isabel.nogueira@dprf.gov.br
Janaina Aparecida Batista Aguiar	IEF/MG	janaina.aguiar@meioambiente.mg.gov.br janainaaguiar@yahoo.com.br
João Luiz Xavier do Nascimento	CEMAVE / ICMBio	joao.nascimento@icmbio.gov.br
José Rufino da Costa	DPRF	jose.rufino@dprf.gov.br rufinocosta@gmail.com
Lemuel Olívio Leite	UEMC	lemuel.leite@gmail.com
Luciano Moreira Lima	MZUSP	calyptura@gmail.com
Márcio Efe	UFAL	marcio_efe@yahoo.com.br
Maurício Carlos Martim de Andrade	COPAN/ICMBIO	mauricio.andrade@icmbio.gov
Mônica Mafra Valença Montenegro	CPB/ICMBIO	monica.montenegro@icmbio.gov.br
Pablo Lacaze de Camargo Casella	PARNA Chapada Diamantina-BA	parnadiamantina@yahoo.com.br pablo.casella@gmail.com
Paulo Bispo de Oliveira	Zoológico de Salvador	csg.paulo@gmail.com
Rômulo Romeu Nóbrega Alves	UEPB	romulo_nobrega@yahoo.com.br
Santos D'angelo Neto	UEMC	santosdangelo@gmail.com
Severino Mendes de Azevedo Júnior	UFRPE	smaj@ufrpe.br
Tarsila Almeida Cavalcante	CETAS/IBAMA-PB	tarsila.cavalcanti@gmail.com
Thiago César Farias da Silva	SUDEMA-PB	thiago.cea.sudema@gmail.com
Weber Andrade de Girão e Silva	AQUASIS	webersilva@yahoo.com.br

Tabela 07: Facilitadores da oficina de planejamento do Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Ameaçadas da Caatinga.

Nome	Instituição/função	E-mail
Camile Lugarini	CEMAVE/ICMBio – Facilitadora	camile.lugarini@icmbio.gov.br
Mônica Montenegro	CPB/ICMBio - Facilitadora	monica.montenegro@icmbio.gov.br
Antonio Eduardo Araujo Barbosa	CEMAVE/ICMBio – Organizador/Relator	antonio-eduardo.barbosa@icmbio.gov.br
Mauricio Carlos Martins Andrade	COPAN/ICMBio – Supervisor	mauricio.andrade@icmbio.gov.br



A elaboração do plano foi iniciada pelo levantamento das principais ameaças que atingem as aves da caatinga por meio da dinâmica do “cochicho”, na qual os participantes divididos em trios escreviam em tarjetas coloridas o que julgavam os fatores mais impactantes para as aves que poderiam comprometer a conservação das mesmas e as tarjetas eram dispostas em um quadro de TNT dividida pelos principais temas abordados (Figura 90). Após o ordenamento e agrupamento das fichas no Quadro de Ameaças, dividiu-se a plenária em 2 grupos para trabalharem nos seguintes

temas: 1) Captura, Comércio e Caça; 2) Perda e Fragmentação de Habitat. Os participantes foram convidados a se dirigirem a um dos grupos criados e trabalharem também com os temas transversais (Educação Ambiental e Lacuna de Conhecimento). Os participantes foram orientados a apresentarem as ameaças e problemas detalhados, abordando os aspectos: O que? Onde? Como? Assim como as consequências.

As ameaças foram então apresentadas em plenária para discussão e deliberação da seguinte forma.

GRUPO 1: Perda, Alteração e Fragmentação.	
1	Turismo desordenado na Chapada Diamantina (crescente nas últimas décadas);
2	Perda de habitat, desmatamento, retirada de madeira (Serra de Santa Catarina/PB);
3	Agricultura e movelaria, retirada de lenha para fornos de pólos cerâmicos em Assu e Carnaúbas dos Dantas/RN;
4	Retirada de estacas de sabiá para uso em cercas e palanquetas agrícolas em Sobral e Serra de Ibiapaba/CE;
5	Fragmentação por carvoejamento (norte de Minas Gerais) - siderúrgica;
6	Retirada de madeira para carvoaria e agricultura no nordeste de Minas Gerais;
7	Desmatamento para agricultura com uso de agrotóxico (oeste da Bahia; nordeste de Minas Gerais e região de São Francisco);
8	Retirada de lenha para mineração (sul da Bahia) e polo Gesseiro no oeste de Pernambuco e Boqueirão da Onça;
9	Mineração mecanizada de grande porte no sudoeste da Bahia crescente na última década;
10	Fragmentação para a formação de pasto (norte de Minas Gerais);
11	Incêndios Florestais;
12	Conflitos socioambientais no norte de Minas Gerais;
13	UCs entrecortadas por rodovias;
14	Especulação imobiliária em área de brejo de altitude;
15	Expansão das linhas de transmissão de PCHs.

GRUPO 2: Captura, Comércio e Caça.		
1	<i>Pyrrhura griseipectus</i> – apanha, retirada, tráfico, criação como animal de estimação;	Tráfico concentrado para determinadas espécies.
2	Pressão por utilização não sustentável para “Mercado Pet”;	
3	Captura e comércio ilegal em feiras livres (tráfico doméstico).	
4	Pressão por utilização não sustentável para consumo (<i>Crypturellus noctivagus zabele</i> e <i>Penelope jacucaca</i>);	Caça tradicional e comércio (para todo o Bioma). Alta pressão de caça no Cariri Paraibano.
5	Aves comercializadas como petiscos em bares e restaurantes.	Alta pressão de caça na Serra de Santa Catarina no Sertão da Paraíba.



Na sequência foram passadas instruções para a elaboração do objetivo do PAN, que deveria apresentar uma ideia clara do que se desejava alcançar em um prazo definido de cinco anos. Na etapa seguinte os participantes foram novamente divididos em dois grupos (configuração inicial) para a elaboração das metas, as quais foram deliberadas e priorizadas na plenária. Inicialmente foram elaboradas 6 metas, no entanto, o Grupo 1 sugeriu a fusão das metas 3 e 4 por entender uma interseção de objetivos e ações, o qual foi aceito pela plenária. Após a priorização das metas, a plenária foi dividida novamente em dois grupos: Grupo 1 (Meta 1, Metas 4 e 5) e Grupo 2 (Meta 2 e Meta 3) para o preenchimento da matriz de planejamento contendo articulador, responsáveis, prazo, prioridade, dificuldade,

3. OBJETIVOS E METAS DO PAN AVES AMEACADAS DA CAATINGA

PLANO DE AÇÃO NACIONAL PARA A CONSERVAÇÃO DAS AVES DA CAATINGA



Tabela 08: Metas do Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Ameaçadas da Caatinga.

Metas	
1	Captura e tráfico de <i>Pyrrhura griseipectus</i> reduzidos em 80% até 2016.
2	Nas áreas importantes identificadas para a conservação das espécies alvo deste PAN, as taxas de perda de formação arbórea reduzida em 75% e de outras formações da Caatinga em 50% e início da promoção da conectividade em pelo menos 10% de remanescentes fragmentados, até 2016.
3	Tamanho populacional estimado das espécies alvo do PAN e área de ocupação conhecida mantida ou aumentada em pelo menos 20% até 2016.
4	População na natureza e área de ocupação conhecida de <i>Pyrrhura griseipectus</i> aumentadas em pelo menos 50% até 2016.
5	Caça sobre <i>Penelope jacucaca</i> e <i>Crypturellus noctivagus zabele</i> reduzida em pelo menos 10% em áreas importantes identificadas, até 2016.



Foto: Fabio Nunes

Pyrrhura griseipectus

MATRIZ DE PLANEJAMENTO E MATRIZ DE METAS



OBJETIVO ESPECÍFICO 1							
Reduzir a captura e tráfico de <i>Pyrrhura griseipectus</i>							
Nº	Ação	Produto	Período		Articulador	Custo estimadoo (R\$)	Colaboradores
			Início	Fim			
1.1	Monitorar a situação da captura de <i>Pyrrhura griseipectus</i> na sua área de ocorrência conhecida.	Relatório Anual	março/12	março/17	Fabio Nunes (Aquasis)	200.000,00	Rômulo Alves (UEPB), Hugo Ferreira (UFPB), APA Estadual Serra do Baturité, Fiscalização IBAMA
1.2	Diagnosticar e monitorar a situação do tráfico de <i>Pyrrhura griseipectus</i> nas áreas de ocorrência histórica documentada da espécie, sobretudo na região da Serra da Ibiapaba.	Relatório Anual	março/12	março/17	Francisco Humberto Sousa Bezerra (Parna Ubajara)	150.000,00	Fábio Nunes (AQUASIS), José Rufino (PRF), Rolfran Cacho (Fiscalização IBAMA/ CE), Polícia Ambiental/CE, APA Estadual Serra do Baturité, Polícia Federal
1.3	Realizar reunião para elaboração de protocolo de destinação de <i>Pyrrhura griseipectus</i> .	Protocolo de destinação	novembro/13	maio/14	Fabio Nunes (Aquasis)	20.000,00	Weber Andrade (AQUASIS), Rolfran Cacho (Fiscalização IBAMA/CE), Polícia Ambiental/CE, APA Estadual Serra do Baturité, PRF, PF, SEMACE, Criadouros (Haras Claro, Vovo Gardinha, Ateiras)
1.4	Intensificar ações de fiscalização na área de ocorrência da <i>Pyrrhura griseipectus</i> em especial no período reprodutivo.	Ações de fiscalização realizadas	março/12	março/17	Fabio Nunes (Aquasis)	100.000,0	José Rufino (PRF), Rolfran Cacho (Fiscalização IBAMA/ CE), Polícia Ambiental/ CE, PF, Raquel Sabaini, Roberto Cabral Borges (IBAMA)
1.5	Desenvolver e implementar um programa contínuo de educação ambiental junto às escolas, comunidades e entidades organizadas inseridas na área de distribuição da espécie, visando a mudança de atitude em relação ao hábito cultural de captura e criação de <i>Pyrrhura griseipectus</i> em cativeiro e a sua importância na natureza.	Programa criado e implementado	março/12	março/17	Fabio Nunes (Aquasis)	50.000,00	Secretarias estadual e municipal de Educação; Secretarias estadual e municipal de Cultura; SESC, SENAC, Associações de moradores e outras entidades organizadas; UFC, UVA, UECE, FUNBIO, Loroparque, TFCA/FUNBIO
1.6	Estimular e capacitar as comunidades envolvidas em programas de renda alternativa (ex: turismo ordenado de observação de aves e outros).	Programa criado e implementado	março/12	junho/14	Fabio Nunes (Aquasis)	50.000,00	Secretarias estadual e municipal de Educação, Secretarias estadual e municipal de Cultura, Secretarias estadual e municipal de Agricultura; EMBRATUR, SESC, SENAC; Associações de moradores e outras entidades organizadas; UFC, UVA, UECE; Aroeira, CEPAMA, FUNBIO, CONPAM, Loroparque, COELCE

OBJETIVO ESPECÍFICO 2

Reduzir as taxas de perda de formações de Caatinga e promover conectividade de remanescentes em áreas importantes identificadas para a conservação das espécies alvo

Nº	Ação	Produto	Período		Articulador	Custo estimado (R\$)	Colaboradores
			Início	Fim			
2.1	Identificar as áreas importantes para conservação das espécies do PAN com base nos dados disponíveis sobre remanescentes de Caatinga e registro de ocorrências das espécies.	Mapas e Áreas Identificadas	março/12	dezembro/14	Marcio Amorim Efe (UFAL)	Não significativo	Helder Farias Pereira de Araújo (UFPB), Santos D'Angelo (UNIMONTES), Luciano Lima (MZUSP), Lemuel Leite (UNIMONTES), Weber Andrade (AQUASIS), Camile Lugarini (CEMAVE/ICMBio), Severino Jr (UFRPE)
2.2	Atualizar o mapeamento dos remanescentes de formação arbórea na Caatinga.	Mapa Elaborado	março/12	junho/14	Isabela Deiss (CR6 / ICMBio)	Não significativo	Helder Farias Pereira de Araújo (UFPB), Aldizio Lima (CCUC/ICMBio), Paulo Bispo (Zoo-INEMA/BA), Janaina Aguiar (IEF/MG), Iris Almeida (FAPESB), Rodrigo R. (COAPRO), Thiago Silva (SUDEMA/PB), Santos D'Angelo (UNIMONTES)
2.3	Definir áreas e estratégias para estabelecer conectividade com base no mapeamento da ação 2.1 e 2.2.	Mapas Elaborados e Áreas definidas	janeiro/15	fevereiro/17	Diego Mendes (CEMAVE/ICMBio)	35.000,00	Helder Farias Pereira de Araújo (UFPB), Santos D'Angelo (UNIMONTES), Luciano Lima (MZUSP), Lemuel Leite (UNIMONTES), Weber Andrade (AQUASIS), Marcio Amorim Efe (UFAL), Camile Lugarini (CEMAVE/ICMBio), Severino Jr (UFRPE), Janaina Aguiar (IEF/MG), GEMOG, Thiago Silva (SUDEMA/PB), OEMAs, INCRA, COAPRO, CGFUN
2.4	Estimar as taxas anuais de perda da formação arbórea e outras formações da Caatinga.	Taxas Anuais Estimadas	janeiro/14	dezembro/14	Diego Mendes (CEMAVE/ICMBio)	Não significativo	Helder Farias Pereira de Araújo (UFPB), Aldizio Lima (CCUC/ICMBio), Paulo Bispo (Zoo-INEMA/BA), Janaina Aguiar (IEF/MG), Iris Almeida (FAPESB), Rodrigo R. (COAPRO), Thiago Silva (SUDEMA/PB), Ana Carolina Cordeiro (MMA), Reserva da Biosfera, SISCOM/IBAMA, PMDBBS (Programa de Monitoramento dos Biomas Brasileiros por Satélite)
2.5	Realizar ações de fiscalização de combate a atividade de carvoejamento ilegal da vegetação nativa com ênfase no norte de MG, Vale do Jequitinhonha/MG, Boa Nova/BA, Serra da Capivara/PI, Serra das Confusões/PI, Seridó/RN.	Operações de Fiscalização Realizadas	janeiro/14	fevereiro/17	Enio Cardoso (CGPRO/ICMBio)	Não significativo	Chefe de UC's, OEMA's, Enio Cardoso (CGPRO/ICMBio), José Rufino (PRF), Polícia Militar dos Estados, Ministério Público, Sub-Secretaria de Fiscalização Ambiental Integrada SEMAD/MG, CRs 5, 6, 7, 11
2.6	Realizar ações de fiscalização ambiental nas áreas importantes identificadas nas ações 2.1 e 2.2.	Operações de Fiscalização Realizadas	agosto/14	fevereiro/17	Pablo Casella (PARNA Chapada Diamantina)	1.500.000,00	José Rufino (PRF), ICMBio, Polícia Federal, Polícias Estaduais, OEMAs, OMMAs, Ministério Público





Nº	Ação	Produto	Período		Articulador	Custo estimado (R\$)	Colaboradores
			Início	Fim			
2.7	Criar UCs nas áreas importantes identificadas nas ações 2.1 com destaque para Serra de Santa Catarina/PB, município de Parambu/CE, nas matas de Brejo Santo/CE, região de Curaçá/BA/PE, mosaico de UCs do Boqueirão da Onça/BA, Salto da Divisa/MG, mosaico de UCs da Chapada Diamantina/BA, Serra do Teixeira/PB.	UCs criadas	março/12	março/17	Aldizio Lima (CCUC/ICMBio)	2.020.000,00	OEMAs, Municípios, Isabela Deiss (CR6/ICMBio), Leonardo Nunes (CR7/ICMBio), Eugênia Medeiros (CR5/ICMBio), Douglas Fortini (CR 11/ICMBio), Janaina Aguiar (IEF/MG), Ana Carolina Cordeiro (MMA), DAP/MMA, Pablo Casella (PARNA Chapada Diamantina), Thiago Silva (SUDEMA/PB), Reserva da Biosfera, CGFUN/ICMBio
2.8	Elaborar ou revisar planos de manejo das unidades de conservação da Caatinga, priorizando as áreas identificadas na ação 2.1.	Planos de manejo elaborados ou revisados	março/12	março/17	Isabela Deiss (CR 6/ ICMBio)	500.000,00	CPLAM/ICMBio, CAMUC/ICMBio, CRs 5, 6, 7, 11, OEMAs, OMMAs, CCUC, Janaina Aguiar (IEF/MG), Thiago Silva (SUDEMA/PB), CGFUN/ICMBio, CGPRO/ICMBio, Ana Carolina Cordeiro (MMA)
2.9	Implementar ações dos planos de manejo nas UCs que contemplem espécies do PAN.	Número de ações dos planos de manejo implementadas	março/12	março/17	Enio Cardoso (CGPRO/ICMBio)	3.000.000,00	Chefe de UCs, OEMAs, Leonardo Nunes (CR 7/ICMBio), Bruno Lintomen (PARNA Chapada Diamantina), Carlos Eduardo (IBAMA), José Rufino (PRF), Polícias Militar dos Estados, Ministério Público, CRs/ICMBio.
2.10	Articular junto ao PREVFOGO/IBAMA para considerar os municípios nas áreas importantes identificadas nas ações 2.1 nas prioridades das Brigadas de Incêndios Florestais Federais e junto ao IEF/MG a priorização de brigadas nos municípios do Norte de MG e Vale do Jequitinhonha.	Brigadas em áreas importantes criadas	novembro/13	novembro/13	Pablo Casella (PARNA Chapada Diamantina)	Não significativo	Bruno Lintomen (PARNA Chapada Diamantina), Janaina Aguiar (IEF/MG)
2.11	Articular junto as OEMAs e Ministério Público a implementação do Programa de Adequação Ambiental Rural das propriedades nas áreas importantes identificadas nas ações 2.1.	-	março/12	março/17	Thiago Silva (SUDEMA/PB)	20.000,00	Janaina Aguiar (IEF/MG), CGFUN, Ana Carolina Cordeiro (MMA), OEMAs
2.12	Articular a priorização das áreas importantes identificadas nas ações 2.1 e 2.3 nas políticas públicas ambientais (como o pagamento por serviços ambientais, estabelecimento de corredores ecológicos, ICMS Ecológico, ZEE)	-	março/12	março/17	Thiago Silva (SUDEMA/PB)	20.000,00	Janaina Aguiar (IEF/MG), CGFUN, Ana Carolina Cordeiro (MMA), OEMAs, Alan Crema (COMOC/ICMBio)

Nº	Ação	Produto	Período		Articulador	Custo estimado (R\$)	Colaboradores
			Início	Fim			
2.13	Articular junto aos órgãos licenciadores a garantia de medidas mitigatórias e compensatórias direcionadas as ações do PAN no licenciamento de empreendimentos, nas áreas de ocorrência das espécies alvo deste PAN.	-	março/12	março/17	Thiago Silva (SUDEMA/PB)	20.000,00	OEMAs, Carlos Eduardo (COEFA/IBAMA), Janaina Aguiar (IEF/MG), COIMP/ICMBio, CRs 5 , 6 , 7, 11 /ICMBio, Isabela Deiss (CR 6/ICMBio)
2.14	Articular junto as câmaras de compensação técnica para garantir que recursos de compensação ambiental sejam aplicados em ações deste plano.	-	março/12	março/17	Isabela Deiss (CR 6/ICMBio)	Não significativo	-





OBJETIVO ESPECÍFICO 3							
Estimar o tamanho populacional das espécies alvo do PAN e manter ou ampliar a área de ocupação conhecida.							
Nº	Ação	Produto	Período		Articulador	Custo estimado (R\$)	Colaboradores
			Início	Fim			
3.1	Lançar editais que contemplem as ações deste PAN.	Editais publicados	março/12	março/17	João Luiz Xavier Nascimento (CEMAVE/ICMBio)	não significativo	Iris Almeida (FAPESB), FUNBIO, FAPs, OEMAs
3.2	Definir as lacunas de conhecimento de ocorrências das espécies alvo do PAN e áreas que necessitam de atualização de informações.	Estudo Publicado	março/12	dezembro/14	Helder Farias Pereira de Araújo (UFPB)	10.000,00	Santos D'Angelo (UNIMONTES), Luciano Lima (MZUSP), Lemuel Leite (UNIMONTES), Weber Andrade (AQUASIS), Marcio Efe (UFAL), Antônio Eduardo (CEMAVE/ICMBio), Severino Jr (UFRPE)
3.3	Realizar expedições de busca que contemplem as áreas de lacuna de conhecimento definidas na ação 3.2.	Expedições realizadas	março/12	março/17	Lemuel Leite (UNIMONTES)	600.000,00	Helder Farias Pereira Araujo (UFPB), Santos D'Angelo (UNIMONTES), Luciano Lima (MZUSP), Lemuel Leite (UNIMONTES), Weber Andrade (AQUASIS), Marcio Amorim Efe (UFAL), Antônio Eduardo (CEMAVE/ICMBio), Severino Jr (UFRPE)
3.4	Definir áreas onde serão realizadas as estimativas populacionais das espécies alvo deste PAN.	Áreas definidas	março/12	março/17	Helder Farias Pereira de Araújo (UFPB)	200.000,00	Helder Farias Pereira de Araujo (UFPB), Santos D'Angelo (UNIMONTES), Luciano Lima (MZUSP), Lemuel Leite (UNIMONTES), Weber Andrade (AQUASIS), Marcio Efe (UFAL), Antônio Eduardo (CEMAVE/ICMBio), Severino Jr (UFRPE)
3.5	Estimar densidade populacional das espécies do PAN nas áreas definidas na ação 3.4.	Estudo publicado	março/12	março/17	Helder Farias Pereira de Araújo (UFPB)	800.000,00	Helder Farias Pereira Araujo (UFPB), Santos D'Angelo (UNIMONTES), Luciano Lima (MZUSP), Lemuel Leite (UNIMONTES), Weber Andrade (AQUASIS), Marcio Efe (UFAL), Antônio Eduardo (CEMAVE/ICMBio), Severino Jr (UFRPE)
3.6	Estimar a densidade das populações das espécies alvo deste PAN em todas as formações da Caatinga.	Estudo Publicado	janeiro/16	fevereiro/17	Helder Farias Pereira de Araújo (UFPB)	não significativo	Helder Farias Pereira Araujo (UFPB), Santos D'Angelo (UNIMONTES), Luciano Lima (MZUSP), Lemuel Leite (UNIMONTES), Weber Andrade (AQUASIS), Marcio Efe (UFAL), Antônio Eduardo (CEMAVE/ICMBio), Severino Jr (UFRPE)
3.7	Identificar espécies chave e estabelecer programa de monitoramento das mesmas.	Programas de monitoramento estabelecidos	março/12	março/17	Helder Farias Pereira de Araújo (UFPB)	400.000,00/ano	Helder Farias Pereira de Araújo (UFPB), Fabio Nunes (AQUASIS), Caio Graco Machado (UEFS), Marcio Amorim Efe (UFAL), Rômulo Romeu da Nóbrega Alves (UEPB)
3.8	Avaliar o status taxonômico de Crypturellus noctivagus zabele.	Estudo publicado	março/12	dezembro/13	Luciano Lima (MZUSP)	30.000,00	Helder Farias Pereira de Araujo (UFPB), Santos D'Angelo (UNIMONTES), Luciano Lima (MZUSP), Lemuel Leite (UNIMONTES), Weber Andrade (AQUASIS), Marcio Amorim Efe (UFAL), Eduardo Araújo Barbosa (CEMAVE), Severino Jr (UFRPE)

OBJETIVO ESPECÍFICO 4							
Conhecer a população e área de ocupação de <i>Pyrrhura griseipectus</i> na natureza							
Nº	Ação	Produto	Período		Articulador	Custo estimado (R\$)	Colaboradores
			Início	Fim			
4.1	Realizar diagnóstico sobre a ocorrência atual de <i>Pyrrhura griseipectus</i> na sua área de distribuição histórica.	Diagnóstico concluído	março/12	dezembro/13	Fábio Nunes (AQUASIS)	150.000,00	Rômulo Alves (UEPB), Emanuel (CEMAVE), Helder Farias Pereira Araújo (UFPB), Dários Tubelis (UFERSA), Mauro Pichorin (UFRN), Angélica Uejima (UFPE), Márcio Amorim Efe (UFAL), Conservation Leadership Programme (CLP)
4.2	Identificar áreas potenciais para soltura da espécie levantando dados sobre capacidade de suporte, condições de proteção, qualidade e estrutura do habitat e avaliando riscos às populações nativas.	Áreas identificadas	março/12	março/14	Fábio Nunes (AQUASIS)	100.000,00	Rômulo Alves (UEPB), Emanuel (CEMAVE), Helder Farias Pereira Araújo (UFPB), Dários Tubelis (UFERSA), Mauro Pichorin (UFRN), Angélica Uejima (UFPE), Márcio Amorim Efe (UFAL), Conservation Leadership Programme (CLP)
4.3	Realizar programa de reintrodução da espécie nas áreas identificadas na ação 4.2.	Programa de reintrodução implementado	janeiro/15	fevereiro/17	Fábio Nunes (AQUASIS)	1.000.000,00	SEMACE, CETAS IBAMA/CE, ICMBio
4.4	Incrementar o manejo reprodutivo <i>in situ</i> (com caixas-ninho).	Manejo reprodutivo incrementado	março/12	março/17	Fábio Nunes (AQUASIS)	250.000,00/ano	Márcio Amorim Efe (UFAL), Caio Graco Machado (UEFS), Francisco Humberto (PARNA Ubajara/ICMBio), Loroparque
4.5	Avaliar a variabilidade genética das populações na natureza e de cativeiro.	Diagnóstico da variabilidade genética realizado	março/12	fevereiro/15	Fábio Nunes (AQUASIS)	50.000,00	Camila Ribas (INPA), Cristina Miyaki (USP)
4.6	Realizar a análise de viabilidade populacional da espécie.	Estudo realizado	março/12	dezembro/12	Fábio Nunes (AQUASIS)	20.000,00	Ivan Braga (PARNA Serra do Cipó)
4.7	Estimular a criação de RPPNs na área de distribuição da espécie.	RPPNs criadas	março/12	março/17	Ana Carolina Cordeiro (Asa Branca)	20.000,00	CGUC/ICMBio, Secretarias de Meio Ambiente, Fábio Nunes (AQUASIS), TFCA/FUNBIO





OBJETIVO ESPECÍFICO 5							
Reduzir a caça de <i>Penelope jacucaca</i> e <i>Crypturellus noctivagus zabele</i> em áreas importantes.							
Nº	Ação	Produto	Período		Articulador	Custo estimado (R\$)	Colaboradores
			Início	Fim			
5.1	Diagnosticar e monitorar a situação de caça e comércio de <i>Penelope jacucaca</i> e <i>Crypturellus noctivagus zabele</i> nas áreas importantes identificadas nas ações 2.1 e 2.9.	Diagnóstico realizado	12 de março	17 de março	Rômulo Alves (UEPB)	400.000,00	Rômulo Alves (UEPB), Weber Andrade (AQUASIS), Hugo Ferreira (UFPB), APA Estadual Serra do Baturité, fiscalização IBAMA, Polícias estaduais, Severino Jr (UFPE), Rachel Neves (UFRPE), Angélica Uejima (UFPE), Wallace Tellino Jr (UFRPE), Helder Farias (UFPB), Márcio Efe (UFAL), Caio Graco (UEFS), Lemuel Leite (UNIMONTES), Marcelo Vasconcelos (PUC/MG), Santos D'Angelo (UNIMONTES), UCs da região, Dários Tubelis (UFERSA), Anderson Guzzi (UFPI), Mauro Pichorim (UFRN)
5.2	Articular o desenvolvimento de ações contínuas de educação ambiental junto às escolas, comunidades e entidades organizadas inseridas nas áreas importantes identificadas nas ações 2.1 e 2.9, visando a mudança de atitude em relação à perda de habitat, queimadas, hábito cultural de caça e alimentação e incluindo alternativas de entretenimento e renda.	Número de ações de envolvimento nas comunidades	14 de janeiro	17 de fevereiro	Diego Mendes (CEMAVE/ICMBio)	2.500.000,00	Janaina Aguiar (IEF/MG), Fabiana Prado (EA/ICMBio), IES, MEC, Ana Carolina Cordeiro (MMA), OEMAs

MATRIZ DE METAS							
Objetivos Específicos	Indicador	Linha de Base - LB	Meta de Meio Termo	Meta Final	Meio de Verificação	Frequência de Monitoramento	Responsável
1. Reduzir a captura e tráfico de <i>Pyrrhura griseipectus</i> .	Número de indivíduos capturados.	100 indivíduos/ano	Reduzir em 40% o número de indivíduos capturados de <i>Pyrrhura griseipectus</i> até 2014.	Reduzir em 80% o número de indivíduos de <i>Pyrrhura griseipectus</i> até 2017.	Entrevistas com comunitários, relatórios de apreensão, pesquisa de presença em feiras, registros de ocos de árvores danificados.	anual	Fábio Nunes (AQUASIS)
2. Reduzir as taxas de perda de formações de Caatinga e promover conectividade de remanescentes em áreas importantes identificadas para a conservação das espécies alvo.	Taxa de desmatamento.	0,23% de desmatamento ao ano de todas as formações de Caatinga (dados relatório PMDBBS/MMA)	Reduzir em 2% a taxa de perda de formações da Caatinga até 2014.	Reduzir em 5% a perda de formações da Caatinga até 2017.	Mapas e relatórios contendo informações de números de focos de calor, área de RL e APP averbadas.	bianual	PMDBBS/MMA - Diego Mendes (CEMAVE/ICMBio)
	Número de ações implementadas que promovam e/ou mantenham a conectividade de remanescentes.	Nenhuma ação implementada.	Conectar pelo menos dois fragmentos até 2014.	Conectar pelo menos quatro fragmentos até 2017.	Mapas e relatórios sobre regularização fundiária, CAR (Cadastro Ambiental Rural) e recomposição vegetal.	bianual	Diego Mendes (CEMAVE/ICMBio)
3. Estimar o tamanho populacional e ampliar o conhecimento da distribuição das espécies do plano.	Programa de monitoramento das espécies <i>Penelope jacucaca</i> , <i>Xiphocolaptes falcirostris</i> , <i>A. lumachella</i> implementado.	Nenhum programa implementado.	Dois programas implementados até 2014.	Três programas implementados até 2017.	Relatórios	anual	Helder Farias Pereira de Araújo (UFPA)
	Estimativa de densidade das espécies alvo do plano, menos de <i>P. griseipectus</i>	Nenhuma estimativa realizada.	Estimativa de densidade populacional de três espécies em pelo menos uma localidade até 2014.	Estimativa de densidade populacional de 13 espécies até 2017.	Relatórios	anual	Caio Graco Machado (UEFS)
	Novos registros de ocorrência.	Banco de dados atual das espécies do plano.	10% de aumento de novos registros no BD das espécies alvo do plano.	20% de aumento de novos registros no BD das espécies alvo do plano.	Relatórios	anual	Diego Mendes (CEMAVE/ICMBio)





Objetivos Específicos	Indicador	Linha de Base - LB	Meta de Meio Termo	Meta Final	Meio de Verificação	Frequência de Monitoramento	Responsável
4. Conhecer o tamanho populacional e área de ocupação de <i>Pyrrhura griseipectus</i> na natureza.	Programa de monitoramento de <i>Pyrrhura griseipectus</i> .	Programa implementado	-	Programa implementado	Relatórios	anual	Fábio Nunes (AQUASIS)
5. Reduzir caça de <i>Penelope jacucaca</i> e <i>Crypturellus noctivagus zabele</i> em áreas importantes identificadas	Estimativa do tamanho populacional de <i>Penelope jacucaca</i> e <i>Crypturellus noctivagus zabele</i>	Necessário definir tamanho populacional na área de estudo.	Aumentar em 2,5% o tamanho populacional de <i>Penelope jacucaca</i> e <i>Crypturellus noctivagus zabele</i> nas áreas identificadas.	Aumentar em 5% o tamanho populacional de <i>Penelope jacucaca</i> e <i>Crypturellus noctivagus zabele</i> nas áreas identificadas.	Relatórios	anual	Helder Farias Pereira de Araújo (UFPB)



Sclerurus cearensis Foto: Ciro Albano

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SUMÁRIO

- AB'SABER, A.N. 1970. Províncias geológicas e domínios morfoclimáticos no Brasil. **Geomorfologia**, 20: 1-26.
- AB'SABER, A.N. 1977. Espaços ocupados pela expansão dos climas secos na América do Sul por ocasião dos períodos glaciais Quaternários. **Revista do Instituto de Geografia - Série Paleoclimas**, 3: 1-18.
- ABREU, T.L.S. 2000. **Efeito de Queimadas sobre a Comunidade de Aves de Cerrado**. Dissertação de mestrado em Ecologia. Brasília: UNB. 35p.
- ALBANO, C. 2009a. First breeding record of Minas Gerais Tyrannulet *Phylloscartes roquettei* Snethlage, 1928 in Bahia, Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 17: 220-221.
- ALBANO, C. 2009b. First record of the Orange-bellied Antwren (*Terenura sicki*) in the lowland Atlantic Forest of Pernambuco, northeastern Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 17(2): 150-151.
- ALBANO, C.; GIRÃO, W. 2008. Aves das matas úmidas das serras de Aratanha, Baturité e Maranguape, Ceará. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 16(2): 142-154.
- ALBANO, C. 2008. [WA1369370, *Terenura sicki* Teixeira & Gonzaga, 1983]. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/1369370>> Acesso em: 24 Jan 2017.
- ALBUQUERQUE, U.P.; ARAÚJO, E.L.; EL-DEIR, A.C.A.; LIMA, A.L.A.; SOUTO, A.; BEZERRA, B.M.; FERRAZ, E.M.N.; FREIRE, E.M.X.; SAMPAIO, E.V.S.B.; LAS-CASAS, F.M.G.; MOURA, G.J.B.; PEREIRA, G.A.; MELO, J.G.; RAMOS, M.A.; RODAL, M.J.N.; SCHIEL, N.; LYRA-NEVES, R.M.; ALVES, R.R.N.; AZEVEDO-JUNIOR, S. M.; TELINO-JÚNIOR, W.R.; SEVERI, W. 2012. Caatinga Revisited: Ecology and Conservation of an Important Seasonal Dry Forest. **The Scientific World Journal**, 2012: 1-18.
- ALEIXO, A. 2008. *Xiphorhynchus atlanticus* (Cory, 1916), p.530-531. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M.; Paglia, A.P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas. v.2, 460p.
- AMEIDA, A.C.C. & Teixeira, D.M. 2010. Aves da Reserva Biológica Guaribas, Mamanguape, Paraíba, Brasil. **Revista Nordestina de Biologia**, 19(2): 3-14.
- ALMEIDA, A.C.; RAPOSO, M.A. 1999. Aspectos da biologia e abundância do beija-flor-de-gravatinha-vermelha, *Augastes lumachellus* (Lesson, 1838) (Aves: Trochilidae), em Morro do Chapéu, BA. **Revista Nordestina de Biologia**, 13(1/2): 70-85.
- ALVES, R.R.N.; GONÇALVES, M.B.R.; VIEIRA, W.L.S. 2012a. Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido brasileiro. **Tropical Conservation Science**, 5: 394-416.
- ALVES, R.R.N.; AZEVEDO-JUNIOR, S. M.; TELINO-JÚNIOR, W.R.; SEVERI, W. 2012-b. Caatinga Revisited: Ecology and Conservation of an Important Seasonal Dry Forest. **The Scientific World Journal**, 1-18.



- ALVES, R.R.N.; MENDONÇA, L.E.T.; CONFESSOR, M.V.A.; VIEIRA, W.L.S.; LOPES, L.C.S. 2009. Hunting strategies used in the semiárid region of northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, 5(12): 1-12.
- ALVES, R.R.N.; NOUGUEIRA, E.E.G.; ARAUJO, H.F.P.; BROOKS, S.E. 2010. Bird Keeping in the Caatinga, NE Brasil. **Human Ecology**, 38: 147-156.
- ANDRADE-LIMA D. 1981. Present-day Forest refuges in northeastern Brazil. p. 123-135. In: PRANCE, G.T. (ed.). **Biological diversification in the tropics**. Columbia Univ. Press, New York. 714p.
- BARBOSA, J.A.A.; NOBREGA, V.A.; ALVES, R.R.N. 2011. Hunting practices in the semiarid region of Brazil. **Indian Journal of Traditional Knowledge**, 10 (3): 486-490.
- BENCKE, G.A.; MAURICIO, G.N.; DEVELEY, P.F.; GOERCK, J.M. 2006. Áreas importantes para a Conservação das aves no Brasil: Parte I - Estados do Domínio da Mata Atlântica. SAVE Brasil. 494p.
- BEZERRA, D.M.M.; ARAÚJO, H.F.P.; ALVES, R.R.N. 2011. The use of wild birds by rural communities in the semi-arid region of Rio Grande do Norte State, Brazil. **Bioremediation, Biodiversity and Bioavailability**, 5: 117-120.
- BEZZERA, D.M.M.; ARAUJO, H.F.P.; ALVES, R.R.N. 2012. Captura de aves silvestres no semiárido brasileiro: técnicas sinegéticas e implicações para conservação. **Tropical Conservation Science**, 5(1): 50-56.
- BIOMAS. 2010. **Meio Ambiente: Biomas**. Disponível em: www.brasil.gov.br/sobre/meio-ambiente/biomas. Acesso 01/09/2011.
- BIRDLIFE INTERNATIONAL. 2010. **Species factsheet: *Carduelis yarrellii***. Disponível em: www.birdlife.org. Acesso 20/10/2010.
- BIRDLIFE INTERNATIONAL. 2010. **Species factsheet: *Hemitriccus mirandae***. Disponível em: www.birdlife.org. Acesso: 20/10/2010.
- BIRDLIFE INTERNATIONAL. 2010. **Species factsheet: *Phylloscartes beckeri***. Disponível em: www.birdlife.org. Acesso: 21/10/2010.
- BIRDLIFE INTERNATIONAL. 2010. **Species factsheet: *Pyrrhura griseipectus***. Disponível em: www.birdlife.org. Acesso 11/11/2011.
- BIRDLIFE INTERNATIONAL. 2010. **Species factsheet: *Scytalopus diamantinensis***. Disponível em: www.birdlife.org. Acesso 11/11/2011.
- BIRDLIFE INTERNATIONAL. 2010. **Species factsheet: *Phylloscartes roquettei***. Disponível em: www.birdlife.org. Acesso 26/03/2011.
- BIRDLIFE INTERNATIONAL. 2011. **Species factsheet: *Xiphocolaptes falcirostris***. Disponível em: www.birdlife.org. Acesso 25/09/2011.
- BIRDLIFE INTERNATIONAL. 2012-a. **Species factsheet: *Crypturellus noctivagus zabele***. Disponível em: www.birdlife.org. Acesso: 28/2/2013.
- BIRDLIFE INTERNATIONAL. 2012-b. **Species factsheet: *Formicivora iheringi***. Disponível em: www.birdlife.org.



birdlife.org. Acesso 28/2/2013.

- BORNSCHEIN, M.R.; MAURÍCIO, J.N.; BELMONTE-LOPES, R.; MATA, H.; BONATTO, S.L. 2007. Diamantina Tapaculo, a new *Scytalopus* endemic to the Chapada Diamantina, northeastern Brazil (Passeriformes: Rhinocryptidae). **Revista Brasileira de Ornitologia**, 15(2): 151-174.
- CABOT, J. 1992. Family Tinamidae. p.112-138. In: DEL-HOYO, J.; ELLIOTT, A.; SARGATAL, J. **Handbook of the birds of the world, Vol 1: Ostrich to Ducks**. Lynx Edicions. 696p.
- CARRARA, L.A.; FARIA, L.C.P. 2007. Relatório de viagem ao Parque Nacional Cavernas do Peruaçu - uma visão ornitológica. Relatório não publicado, Belo Horizonte, 27p.
- CARROLL, J.P. 1994. Family Odontophoridae, p.412-433. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. **Handbook of the birds of the world, Vol 2: New World Vultures to Guinea-fowl**. Lynx Edicions. 638p.
- CARVALHAES, A.; MACHADO, C.G. 2008. As aves da Chapada Diamantina, p.103-127. In: FUNCH, L.S.; FUNCH, R.R.; QUEIROZ, L.P. (orgs). **Serra do Sincorá - Parque Nacional da Chapada Diamantina**. Editora Radami. 251p.
- CARVALHAES, A.M.P. 2001. **Dinâmica da Comunidade de Aves do Parque Nacional da Chapada Diamantina**. Doutorado curso de pós-graduação em Zoologia. Unesp. 95p.
- CAVALCANTI, R.B. 1988. Conservation of birds in the cerrado of Central Brazil, p. 59-66. In: GORIUP, P. D. (org). **Ecology and Conservation of grassland Birds**. Cambridge, U.K.: International Council for Bird Preservation (Technical Publication 7).
- CBRO - Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. 2014. **Listas das aves do Brasil, 11ª Edição**. Disponível em: www.cbro.org.br/CBRO/pdf/AvesBrasil2014.pdf. Acesso em: 15/07/2014.
- CEBALLOS, G. 1995. Vertebrate diversity, ecology and conservation in neotropical dry forests, p. 195-209. In: BULLOCK, S.H.; MONEEY, H.A.; MEDINA, E. (ed.). **Seasonally dry tropical forests**, Cambridge University Press, 450p.
- CLEMENT, P. 2010. *Carduelis yarrellii*, p.549. In: del Hoyo, J.; Elliott, A.; Christie, D. (ed.). **Handbook of the birds of the world, Vol 15: Weavers to New World Warblers**. Lynx Edicions. 879p.
- CLEMENTS, J.F. 1981. **Birds of the world: a checklist**. 4th ed Ibis Publishing. Vista, CA.
- CLOCK, B.M. 2004. *Hemitriccus mirandae*, p.327. In: DEL-HOYO, J.; ELLIOTT, A.; CHRISTIE, D. (ed.). **Handbook of the birds of the world, Vol 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions. 863p.
- COELHO, A.G.; MACHADO, G. C. 2009. Fenologia reprodutiva, polinização e biologia floral de *Prepusa montana* Mart. (Gentianaceae) em uma área de campo rupestre da Chapada Diamantina, Bahia. **Revista Brasileira de Botânica**, 32 (2): 405-410.
- COLLAR, N.J. 1997. Family Psittacidae, p.280-479. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. **Handbook of the birds of the world, Vol 4: Sandgrouse to Cuckoos**. Lynx Edicions. 679p.
- COLLAR, N.J.; GONZAGA, L.P.; KRABBE, N.; MADROÑO-NIETO, A.; NARANJO, L.G.; PARKER, T.A. III;



WEGE, D.C. 2000. **Aves amenazadas de las Americas:** el libro rojo de CIPA/UICN. Consejo Internacional para la Protección de las Aves. 1150p.

CORY, C.B.; HELLMAYR, C.E. 1925. Catalogue of Birds of the Americas and the adjacent islands in Field Museum of Natural History. Part IV. **Field Mus. Nat. Hist. Zool. Ser.** 13: 1-390.

COSTA, R.G.A. 2005. Comércio ilegal de aves silvestres em Fortaleza, Ceará. **Atualidades Ornitológicas**, 125: 3.

CRACRAFT, J. 1985. Historical Biogeography and Patterns of Differentiation Within The South American Avifauna: Areas of Endemism. **Ornithological Monographs**, 36: 49-84.

D'ANGELO-NETO, S.; VASCONCELOS, M.F. 2004. Ocorrência do Formigueiro-do-nordeste *Formicivora iheringi* na Estação Ecológica de Acauã, Minas Gerais, Brasil. **Cotinga**, 22: 92-93.

FARIA, L.C.P.; CARRARA, L.A.; AMARAL, F.Q.; VASCONCELOS, M.F.; DINIZ, M.G.; ENCARNAÇÃO, C.D.; HOFFMANN, D.; GOMES, H.B.; LOPES, L.E.; RODRIGUES, M. 2009. The birds of Fazenda Brejão: a conservation priority area of Cerrado in northwestern Minas Gerais, Brazil. **Biota Neotropical**, 9(3): 223-240.

FARIAS G.B. 1995. **Avifauna da Reserva Ecológica de Caetés, Paulista - PE.** Monografia (Graduação em Ciências Biológicas). UFRPE. N PGS.

FERNANDES-FERREIRA, H.; MENDONÇA, S.V.; ALBANO, C.; FERREIRA, F. S.; ALVES, R.R.N. 2012. Hunting use and conservation of birds in Northeast Brazil. **Biodiversity Conservation**, 21: 221-244.

FERNANDES-FERREIRA, H.; MENDONÇA, S.V.; ALBANO, C.; FERREIRA, F. S.; ALVES, R.R.N.; 2010. Comércio e criação de aves silvestres (Psittaciformes, Piciformes e Passeriformes) no estado do Ceará, p. 347-378. In: ALVES, R.R.N.; SOUTO, W.M.S.; MOURÃO, J.S. (ed.). **A Etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectiva.** NUPPEA, 420p.

FITZPATRICK, J.W. 2004. *Phylloscartes roquettei* p.302. In: del HOYO, J.; ELLIOTT, A.; CHRISTIE, D. (ed.). 2004. **Handbook of the birds of the world, Vol 9: Cotinga to Pipits and Wagtails.** Lynx Edicions. 863p.

GENTRY A.H. 1995. Diversity and floristic composition of neotropical dry forests. p. 146-194. In: BULLOCK S.H., H.A. MOONEY; E. MEDINA. (ed.). **Seasonally Dry Tropical Forests.** Cambridge University Press, Cambridge, 354p. **no Brasil.** Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas, v.2, 666p.

GIRÃO, W.; ALBANO, C.; CAMPOS, A.A. 2010. Inselbergs as habitat to the Critically Endangered Grey-breasted Parakeet (*Pyrrhura griseipectus*), an endemic species from northeastern Brazil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 18(2):130-132.

GIRÃO, W. & ALBANO, C. 2008a. *Conopophaga lineata cearae* Cory, 1916, p.505-506. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M.; Paglia, A.P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil.** Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas. v.2, 460p.

GIRÃO, W. & ALBANO, C. 2008b. *Pyrrhura anaca* Salvadori, 1900. p.475-476. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M.; PAGLIA, A.P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção**



- no Brasil.** Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas, v.2, 666p.
- GIRÃO, W. & C. ALBANO. 2008c. *Sclerurus scansor*, p.577-578. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M. e PAGLIA, A.P. (ed.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção**
- GIRÃO, W.; ALBANO, C.; PINTO, T.; SILVEIRA, L.F. 2007. Avifauna da Serra de Baturité: dos naturalistas à atualidade, p.188-224. In: OLIVEIRA, T.S. e ARAÚJO, F.S. (eds.). **Biodiversidade e conservação da biota na serra de Baturité, Ceará**. Edições UFC/Coelce. 465p.
- GONZAGA, L.P.; CARVALHAES, A.M.P; BUZZETTI, D.R.C. 2007. A new species of *Formicivora antwren* from the Chapada Diamantina, eastern Brazil (Aves: Passeriformes: Thamnophilidae). **Zootaxa**, 1473: 25-44.
- GRAHAM A. & D. DILCHER. 1995. The Cenozoic record of tropical dry forest in northern Latin America and the southern United States, p. 125-145 In: BULLOCK S.H., H.A. MOONEY; E. MEDINA. **Seasonally Dry Tropical Forests**. Cambridge University Press, Cambridge, p.354.
- GRANTSAU, R. 1967. Sobre o gênero *Augastes*, com a descrição de uma subespécie nova. **Papéis Avulsos de Zoologia**, 21: 21-31.
- GRANTSAU, R.K.H. 2010. **Guia completo para a identificação das aves do Brasil**. Parte I. Vento Verde.624p.
- GRANTSAU, R.K.H. 2010. **Guia completo para a identificação das aves do Brasil**. Parte II. Vento Verde. 656p.
- HAFFER, J. 1985. Avian Zoogeography of the Neotropical Lowland. **Ornithological Monographs**, 39:113-146.
- HILTY, S.L. 2011. Family Thraupidae, p.46-329. In: del HOYO, J.; ELLIOTT, A. & CHRISTIE, D. **Handbook of the birds of the world, Vol 16: Tanagers to New World Blackbirds**. Lynx Edicions. 893p.
- IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). 2003. **Plano de Manejo, Fase 2, da Reserva Biológica Saltinho**. Anexo 5.1. 9p.
- IUCN (International Union for Conservation of Nature and Natural Resources). 2012. **IUCN Red List of Threatened Species**. Versão 2012.1. www.iucnredlist.org. Acesso em: 22/2/2013.
- LEAL, I.R.; TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C. 2003. **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Editora Universitária, Universidade Federal de Pernambuco, 822p.
- LEAL, I.R.; SILVA, J.M.C.; TABARELLI, M.; LACHER, T.E. 2005. Changing the course of biodiversity conservation in the Caatinga of Northeastern Brazil. **Conservation Biology**, 19(3): 701-706.
- LIMA, E.M.C. 2008. *Carduelis yarrellii* Audubon, 1839. p.559-560. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M.; PAGLIA, A.P. (ed.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas. v.2, 666p.
- LIMA, R. da C. C.; CAVALCANTE, A. de M. B.; PEREZ-MARIN, A. M. (org). 2011. **Desertificação e mudanças climáticas no semiárido brasileiro**. Campina Grande: INSA-PB, 209p.



- LIMA, D. M. 2014. [WA1401095, *Leptodon forbesi* (Swann, 1922)]. **Wiki Aves - A Enciclopédia das Aves do Brasil**. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com/1401095>> Acesso em: 24 Jan 2017.
- LOISELLE, B.A.; BLAKE, J.G. 1992. Population variation in a tropical bird community: implications for conservation. **Bioscience**, 42(11): 838-845.
- LOPES, L.E.; MALDONADO-COELHO, M.; HOFFMANN, D.; LUIZ, E.R.; D'ANGELO-NETO, S. 2008. Geographic distribution, habitat association, and conservation status of the Critically Endangered Minas Gerais Tyrannulet, *Phylloscartes roquettei*. **Bird Conservation International**, 18: 53-62.
- LUIZ, E.R.; ALMEIDA, J.S. & BORGES, O.B. 2011. **Lista das Aves das Unidades de Conservação de Boa Nova - Bahia: Parque Nacional da Boa Nova e Refugio de Vida Silvestre da Boa Nova**.
- LUIZ, E.R. 2010. **Conservação do gravatazeiro *Rhopornis ardesiacus* (Wied 1831) (Aves: Thamnophilidae): distribuição geográfica, estratégia de forrageamento, densidade e estimativa populacional**. Dissertação de mestrado em Ecologia de Biomas Tropicais. UFOP, 64p.
- LUIZ, E.R.; RIBON, R.; MATTOS, G.T.; MORAES, L.L. 2006. Discovery of Minas Gerais Tyrannulet *Phylloscartes roquettei* in the Jequitinhonha Valley, north-east Minas Gerais, Brazil. **Cotinga**, 26: 84-86.
- LYRA-NEVES, R.M. 2004. **Estudo da Avifauna em três fragmentos de Mata Atlântica no estado de Pernambuco, Brasil**. Tese de Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais. Universidade Federal de São Carlos. 107p.
- LYRA-NEVES, R.M.; AZEVEDO-JÚNIOR, S.M. & TELINO-JÚNIOR, W.R. 2004. Monitoramento do maçarico-branco, *Calidris alba* (Pallas) (Aves, Scolopacidae), através de recuperações de anilhas coloridas, na Coroa do Avião, Igarassu, Pernambuco, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, 21(2): 319-324.
- MACHADO, C.G.; COELHO, A.G.; SANTANA, C.S.; RODRIGUES, M. 2007. Beija-flores e seus recursos florais em uma área de campo rupestre da Chapada Diamantina, Bahia. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 15: 215-227.
- MACHADO, C.G.; MOREIRA, T.A.; NUNES, C.E.C.; ROMÃO, C.O. 2003. Use of *Micranthocereus purpureus* (Guerke) F. Ritter 1968 (Cactaceae) hairs in nests of *Augastes lumachellus* Lesson 1839 (Trochilidae, Aves). **Sitientibus - Série Ciências Biológicas**, 3: 133-134.
- MACHADO, A.B.M.; MARTINS, C.S. & DRUMMOND, G.M. 2005. **Lista da fauna brasileira ameaçada de extinção: incluindo as espécies quase ameaçadas e deficientes em dados**. Fundação Biodiversitas. 160p.
- MAGALHÃES, V.S.; AZEVEDO JÚNIOR, S.M.; LYRA-NEVES, R.M.; TELINO-JÚNIOR, W.R.; SOUZA, D.P. 2007. Biologia de aves capturadas em um fragmento de Mata Atlântica, Igarassu, Pernambuco, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, 24(4):950-964.
- MALDONADO-COELHO, M. 2009. Foraging behavior of Minas Gerais Tyrannulet *Phylloscartes*



- roquettei* in a cerrado gallery forest. **Studies in Neotropical Fauna and Environment**, 44(1): 17-21.
- MARANTZ, C.A.; ALEIXO, A.; BEVIER, L.R.; PATTEN, M.A. 2003. Family Dendrocolaptidae, p.358-447. In: del HOYO, J.; ELLIOTT, A. & CHRISTIE, D. **Handbook of the birds of the world, Vol 8: Broadbills to Tapaculos**. Lynx Edicions. 845p.
- MARES, M.A.; WILLIG, M.R.; LACHER, T.E. 1985. The Brazilian Caatinga in South America zoogeography: tropical mammals in dry region. **Journal of Biogeography**, 12: 57-69.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE/MMA. 2011. **Quarto relatório nacional para a convenção sobre diversidade biológica: Brasil**. Brasília: MMA, 248 p.
- MINNS, J.; BUZZETTI, D.; ALBANO, C.; GROSSET, A.; WHITTAKER, A.; PARRINI, R. 2009. **Aves do Brasil, vozes e fotografias. Vol. 1 - Floresta Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pantanal, Campos Sulinos e Costa**. Versão 1.0 (DVD-ROM). Avis Brasilis Editora.
- MONNEY, H.A.; BULLOCK, S.H.; MEDINA, E.. 1995. Introduction. In: BULLOCK, S.H.; MONNEY, H.A.; MEDINA, E. **Seasonally Dry Tropical Forests**. Cambridge University Press, 354p.
- MULLER, P. 1973. Dispersal Centers of Terrestrial Vertebrates in the Neotropical. **Biogeografica**, 2:1-244.
- NAUMBURG, E.M. 1934. Rediscovery of *Rhopornis ardesiaca* (Wied). **Auk**, 51: 493-496.
- NIMER, E. 1972. Climatologia da região Nordeste do Brasil. Introdução à climatologia dinâmica. **Revista Brasileira de Geografia**, 34: 3-51.
- NUNES, F.; LOPES, I.; SILVA, W.; ALBANO, C.; CAMPOS, A.; MOBLEY, J.; MESTRE, L. 2015. Distribuição histórica e declínio populacional da espécie *Pyrrhura griseipectus*. In: Neotropical Ornithological Congress & Congresso Brasileiro de Ornitologia, 2015, Manaus. NOC-CBO 2015 Abstract Book. p. 187.
- OLMOS, F. & BRITO, G.R.R. 2007. Aves da região da Barragem de Boa Esperança, médio rio Parnaíba, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 15(1): 37-52.
- OLMOS, F.; SILVA, W.A.G; ALBANO, C.G. 2005a. Aves de oito áreas de Caatinga no sul do Ceará e oeste de Pernambuco, Nordeste do Brasil: composição, riqueza e similaridade. **Papeis Avulsos de Zoologia**, 45(14): 179-199.
- OLMOS, F.; SILVA, W.A.G; ALBANO, C.G. 2005b. Grey-breasted Conure *Pyrrhura griseipectus*, an overlooked endangered species. **Cotinga**, 24: 77-83.
- OLMOS, F. & SILVEIRA, L.F. 2008. *Phylloscartes roquettei* Sneath, 1925, p.639-640. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M. & PAGLIA, A.P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas, v.2, 666p.
- OTOCH, R. 1986. Periquito-de-cara-suja/periquito-da-serra. **SOBoletim**, 10: 9-10.
- PACHECO, J.F. 2004. As aves da Caatinga: uma análise histórica do conhecimento, p.189-250. In: SILVA, J.M.C.; TABARELLI, M.; FONSECA, M.T.; LINS, L.V. (orgs.) **Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação**. MMA/UFPE, 379p.



- PAGANO, I.S. A.; SOUSA, A.E.B.A.; WAGNER, P.G.C.; RAMOS, R.T. C. 2009. Aves depositadas no Centro de Triagem de Animais Silvestres do IBAMA na Paraíba: uma amostra do tráfico de aves silvestres no estado. **Ornithologia**, 3(2): 132-144.
- PARRINI, R.; RAPOSO, M.A.; PACHECO, J.F.; CARVALHAES, A.M.P.; MELO-JUNIOR, T.A.; FONSECA, P.S.M.; MINNS, J. 1999. Birds of the Chapada Diamantina, Bahia, Brazil. **Cotinga**, 11: 86-95.
- PAYNE, R.B. 1997. Family Cuculidae, p.508-607. In: DEL HOYO, J.; ELLIOTT, A. & SARGATAL, J. **Handbook of the birds of the world, Vol 4: Sandgrouse to Cuckoos**. Lynx Edicions. 679p.
- PENNINGTON, R.T.; LEWIS, G.P.; RATTER, J.A. 2006. An overview of the plant diversity, biogeography and conservation of Neotropical Savannas and Seasonally Dry Forests. p.1-29. In: PENNINGTON, R.T.; LEWIS, G.P.; RATTER, J.A.(ed.). **Neotropical Savannas and Seasonally Dry Forests: plant diversity, biogeography and conservation**. CRC Press Taylor & Francis Group, New York. 504p.
- PEREIRA, G.A. 2009. **Aves da Fazenda Morim, São José da Coroa Grande, Pernambuco, Brasil**. Relatório Técnico. 23p.
- PEREIRA, G.A. & BRITO, M.T. 2005. Diversidade de aves silvestres brasileiras comercializadas nas feiras livres da Região Metropolitana do Recife, Pernambuco. **Atualidades Ornitológicas**, 126: 14.
- PINTO, O.M. O. 1938. Catálogo de aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista. **Revista do Museu Paulista**, 22: 1-566.
- PRADO, D. 2003. As Caatingas da América do Sul. p. 3-73. In: LEAL, I.R.; TABARELLI, M. & SILVA, J.M.C. **Ecologia e Conservação da Caatinga**. Editora Universitária, Universidade Federal de Pernambuco, 822p.
- PRADO, D.E. & GIBBS, P.E. 1993. Patterns of species distributions in the dry seasonal forests of South America. **Annals of the Missouri Botanical Garden**. 80: 902-927.
- PRANCE, G.T. 1987. Vegetation. p. 28-45. In: WHITMORE, T.C. & PRANCE, G. T. (eds.). **Biogeography and Quaternary history in tropical America**. Oxford Science Publications, 224p.
- RATTER, J.A.; ASKEW, G.P.; MONTGOMERY, R.; GIFFORD, D.R.. 1978. Observations on forests of some mesotrophic soils in central Brazil. **Revista Brasileira de Botânica**. 1: 47-58.
- REMSEN, J.V. 2003. Family Furnariidae, p.162-357. In: del HOYO, J.; ELLIOTT, A. & CHRISTIE, D. **Handbook of the birds of the world, Vol 8: Broadbills to Tapaculos**. Lynx Edicions. 845p.
- RENTAS 2001. **1º Relatório Nacional Sobre o Tráfico de Fauna Silvestre**. Disponível em: www.rentas.org.br/files/REL_RENTAS_pt_final.pdf. Acesso em: 01/10/2011.
- RIBON, R. & MALDONADO-COELHO, M. 2001. Range extension for Slender Antbird *Rhopornis ardesiaca* with comments on external morphology of adults. **Cotinga**, 16: 52-56.
- RIZZINI, C. T. 1997. **Tratado de Fitogeografia do Brasil**. 2º Ed. Editora Âmbito Cultural Ltda, 747p.
- ROCHA, M. DA S.P.; CAVALCANTI, P.C. DE M.; SOUSA, R. DE L.; ALVES, R.R. DA N. 2006. Aspectos da comercialização ilegal de aves nas feiras livres de Campina Grande, Paraíba, Brasil. **Revista de**



- RODA, S.A.; PEREIRA, G.A. & ALBANO, C. 2011. **Conservação de aves endêmicas e ameaçadas do Centro de Endemismo Pernambuco**. Editora Universitária da UFPE. 79p.
- RODA S.A. 2008a. *Thalurania watertonii* (Bourcier, 1847), p.495-496. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M. & PAGLIA, A.P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas. v.2, 460p.
- RODA, S.A. 2008b. *Myrmeciza ruficauda* Wied, 1831, p.607-608. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M. & PAGLIA, A.P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas. v.2, 460p.
- RODA, S.A. 2008c. *Odontophorus capueira plumbeicollis* Cory, 1915, p.440-441. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M. & PAGLIA, A.P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas. v.2, 460p.
- RODA, S.A. 2008d. *Pyriglena leuconota pernambucensis* Zimmer, 1931, p.615-616. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M. & PAGLIA, A.P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas. v.2, 460p.
- RODA, S.A. 2008e. *Synallaxis infusata* (Pinto, 1950), p.580-581. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M. & PAGLIA, A.P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas. v.2, 460p.
- RODA, S.A. 2008f. *Terenura sicki* Teixeira & Gonzaga, 1983, p.426-427. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M. & PAGLIA, A.P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas. v.2, 460p.
- RODA, S.A. 2008g. *Thamnophilus caerulescens pernambucensis* (Naumburg, 1937), p.624. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M. & PAGLIA, A.P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas. v.2, 460p.
- RODA, S.A. 2008h. *Xenops minutus alagoanus* (Pinto, 1954), p.583-584. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M. & PAGLIA, A.P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas. v.2, 460p.
- RODA, S.A. & PEREIRA, G.A. 2006. Distribuição recente e conservação das aves de rapina florestais do Centro Pernambuco. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 14(4): 331-344.
- RODA, S.A. 2005. **Distribuição de Aves Endêmicas e Ameaçadas em Usinas de Açúcar e Unidades de Conservação do Centro Pernambuco**. Relatório Técnico. Recife. 42p.
- RODA, S.A. 2003. **Aves do Centro de Endemismo Pernambuco: composição, biogeografia e conservação**. Tese de Doutorado em Zoologia. Universidade Federal do Pará. 520p.
- RODAL, M.J.N.; BARBOSA, M.R.V. & THOMAS, W.W.. 2008. Do the seasonal forests in northeastern Brazil represent a single floristic unit? **Brazilian Journal Biology** 68(3): 467-475.
- RODRIGUES, R.C; ARAÚJO, H. F. P.; LYRA-NEVES, R. M.; TELINO-JÚNIOR, W. R.; BOTELHO, M. C. N.



2007. Caracterização da Avifauna na Área de Proteção Ambiental de Guadalupe, Pernambuco. **Ornithologia**, 2(1): 47-61.

ROMÃO, C.O. 2002. **A comunidade de plantas visitadas por beija-flores no alto do Morro do Pai Inácio na Chapada Diamantina**. Dissertação de mestrado em Botânica. UFFS, 23p.

ROOS, A.L.; SOUZA, E.A.; CAMPOS, C.B.; de PAULA, R.C.; MORATO, R.G. 2012. Primeiro registro documentado do Jacu-estalo *Neomorphus geoffroyi* Temminck, 1820 para o bioma Caatinga. **Revista Brasileira de Ornithologia**, 20(1): 81-85.

RUSCHI, A. 1963. A atual distribuição geográfica das espécies e sub-espécies do gênero *Augastes*, com descrição de uma nova sub-espécie: *Augastes scutatus soaresi* Ruschi e a chave artificial e analítica para o reconhecimento das mesmas. **Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão**, Série Divulgação, 4: 1-4.

RUSCHI, A. 1962. Algumas observações sobre *Augastes lumachellus* (Lesson) e *Augastes scutatus* (Temminck). **Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão**, Série Biologia, 31: 1-24.

SALAZAR, L F.; NOBRE, C. A. & OYAMA, M. D. 2007. **Climate change consequences on the biome distribution in tropical South America**, *Geophys. Res. Lett.* 34p.

SAMPAIO, E.V.S.B. 1995. Overview of the Brazilian Caatinga. p. 35-63. In: BULLOCK, S.H., MOONEY, H.A.; MEDINA E. (ed.). **Seasonally Dry Tropical Forests**. Cambridge University Press, 354p.

SANTANA, C.S. 2010. Fenologia de floração e polinização de bromeliáceas ornitófilas em uma área de campo rupestre da Chapada Diamantina, BA, Brasil. **Revista Brasileira de Botânica**, 33(3): 469-477.

SANTOS, S.S.; NETO, F.P.F.; PACHECO, J.F.; PARRINI, R.; SERPA, G.A. 2009. Primeiros registros de *Phylloscartes roquettei* Sneathlage, 1928, na Bahia, nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Ornithologia**, 17: 217-219.

SCHNELL, J.K.; HARRIS, G.M.; PIMM, S.L.; RUSSELL, G.J. 2013. Quantitative analysis of forest fragmentation in the Atlantic Forest reveals more threatened bird species than the current Red List. **PLoS ONE**, 8(5): e65357. doi:10.1371/journal.pone.0065357.

SCHNELL, J.K.; HARRIS, G.M.; PIMM, S.L.; RUSSELL, G.J. 2013. Quantitative analysis of forest fragmentation in the Atlantic Forest reveals more threatened bird species than the current Red List. **PLoS ONE**, 8(5): 1-8.

SCHUCHMANN, K.L. 1999. Family Trochilidae, p.468-682. In: DEL HOYO, J.; ELLIOTT, A. & SARGATAL, J. **Handbook of the birds of the world, Vol 5: Barn-owls to Hummingbirds**. Lynx Edicions. 759p.

SICK, H. 1997. **Ornithologia brasileira**. 3ª. Ed. Nova Fronteira. 912p.

SILVA, J.M.C.; TABARELLI, M.; FONSECA, M.T.; LINS, L. 2004. **Biodiversidade da Caatinga: áreas prioritárias para conservação**. Ministério do Meio Ambiente, Brasília.

SILVA, J.M.C.; SOUZA, M.A.; BIEBER, A.G.D.; CARLOS, C.J. 2003. Aves da caatinga: status, uso do habitat e sensibilidade, p.237-273. In: LEAL, I.R.; TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C. (eds.) **Ecologia e**



- SILVA, J.M.C.; OREN, D.C. 1997. Geographic variation and conservation of the Moustached Woodcreeper *Xiphocolaptes falcirostris*, an endemic and threatened species of north-eastern Brazil. **Bird Conservation International**, 7: 263-274.
- SILVA, M.; FRANÇA, B.R.A.; IRUSTA, J.B.; SOUTO, G.H.B.O.; OLIVEIRA T.M. JR.; RODRIGUES, M.C.; PICHORIM, M. 2012. Aves de treze áreas de caatinga no Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 20(3): 312-328.
- SILVEIRA, L.F. & SANTOS, M.P.D. 2012. Bird richness in Serra das Confusões National Park, Brazil: how many species may be found in an undisturbed caatinga. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 20(3): 188-198.
- SILVEIRA, L. F. & STRAUBE, F. C. 2008. Aves, p.379-666. In: MACHADO, A. B. M; DRUMMOND, G. M., PAGLIA, A. P. (eds). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. v.2, Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 666p.
- SILVEIRA, L.F. 2008a. *Myrmeciza ruficauda* (Wied, 1831), p.607-608. In: MACHADO, A. B. M; DRUMMOND, G. M., PAGLIA, A. P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas. v.2, 460p.
- SILVEIRA, L.F. 2008b. *Tangara fastuosa* (Lesson, 1831), p.554-555. In: MACHADO, A. B. M; DRUMMOND, G. M., PAGLIA, A. P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas. v.2, 460p.
- SILVEIRA, L.F. 2008c. *Penelope jacucaca* (Spix, 1825). p.434-435. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M.; PAGLIA, A.P. **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas, v.2, 1420p.
- SILVEIRA, L.F. 2008d. *Rhopornis ardesiaca* (Wied, 1831), p.616-617. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M.; PAGLIA, A.P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas. v.2, 666p.
- SILVEIRA, L.F.; DEVELEY, P.F.; PACHECO, J.F.; WHITNEY, B.M. 2005. The birds of the Serra das Lontras-Javi mountain complex, Bahia, Brazil. **Cotinga**, 24: 45-54.
- SILVEIRA, L.F.; SOARES, E.S.; BIANCHI, C.A. 2008. **Plano de Ação Nacional para a Conservação de Galiformes Ameaçados de Extinção (arucuãs, jacus, jacutingas, mutuns e urus)**. Brasília. ICMBio, 90p.
- SIQUEIRA-FILHO, J.A. & MACHADO, I.C.S. 2001. Biologia reprodutiva de *Canistrum aurantiacum* E. Morren (Bromeliaceae) em remanescente da Floresta Atlântica, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, 15(3): 427-433.
- SOUSA, M.C. 2009. As aves de oito localidades do Estado de Sergipe. **Atualidades Ornitológicas**, 149: 33-57.
- SOUZA, E.A.; NUNES, M.F.C.; SIMÃO, I.; SOUSA, A.E.B.A.; LAS-CASAS, F.M.G.; RODRIGUES, R.C.; NETO, F.P.F. 2009. Ampliação de área de ocorrência do beija-flor-de-gravatinha-vermelha



Augastes lumachella (Lesson, 1838) (Trochilidae). **Ornithologia**, 3(2): 145-148.

STOTZ, D.F.; FITZPATRICK, J.W.; PARKER III, T.A.; MOSKOVITS, D.K. 1996. **Neotropical Birds: Ecology and Conservation**. The University of Chicago Press. 479p.

STRAUBE, F.C.; PIACENTINI, V.Q. 2008. *Xiphocolaptes falcirostris* (Spix, 1924), p.529-530. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M.; PAGLIA, A.P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas. v.2, 666p.

STRAUBE, F.C. & RODA, S.A. 2008. *Hemitriccus mirandae* (Snethlage, 1925), p.633-634. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M.; PAGLIA, A.P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas. v.2, 666p.

STRAUBE, F.C. & URBEN-FILHO, A. 2008. *Phylloscartes beckeri* (Gonzaga e Pacheco, 1995), p.634-635. In: MACHADO, A.B.M.; DRUMMOND, G.M.; PAGLIA, A.P. (orgs.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Brasil**. Ministério do Meio Ambiente e Fundação Biodiversitas. v.2, 666p.

TABARELLI, M. & VICENTE, A. 2004. Conhecimento sobre plantas lenhosas da Caatinga: lacunas geográficas e ecológicas. p.101-111. In: SILVA, J.M.C., TABARELLI, M. FONSECA, M.T., LINS, L. (ed.). **Biodiversidade da Caatinga: áreas prioritárias para conservação**. Ministério do Meio Ambiente, Brasília, 379p.

TEIXEIRA, D.M. 1995. Notas sobre *Pyrrhura a. anaca* (Gmelin, 1788) no nordeste do Brasil. N PG. In: II Congresso Brasileiro de Ornitologia. Campo Grande. **Resumos**.

TEIXEIRA, D.M. 1987. Notas sobre *Terenura sicki* Teixeira & Gonzaga, 1983 (Aves, Formicariidae). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, série Zoologia 3: 241-251.

TELINO-JÚNIOR, W.R. 2005. **Avifauna de Fragmentos de Mata Atlântica da Zona da Mata de Pernambuco, Brasil, com ênfase na estrutura trófica**. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais). Universidade Federal de São Carlos. 77p.

TELLO, J. 2004. *Platyrrinchus mystaceus*, p.341. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. 2004. **Handbook of the birds of the world, Vol 9: Cotinga to Pipits and Wagtails**. Lynx Edicions. 863p.

THIOLLAY, J.M. 1994. Family Accipitridae, p.52-205. In: del HOYO, J.; ELLIOTT, A. & SARGATAL, J. **Handbook of the birds of the world, Vol 2: New World Vultures to Guinea-fowl**. Lynx Edicions. 638p.

VANZOLINI, P.E.; RAMOS-COSTA, A.M.M.; VITT, L.J.. 1980. **Répteis das Caatingas**. Academia Brasileira de Ciências. Rio de Janeiro, 161p.

VASCONCELOS, M.F. 2008. Mountaintop endemism in eastern Brazil: why some bird species from campos rupestres of the Espinhaço Range are not endemic to the Cerrado region? **Revista Brasileira de Ornitologia**, 16(4): 348-362.

VASCONCELOS, M.F.; LOPES, L.E.; MACHADO, C.G.; RODRIGUES, M. 2008. As aves dos campos



rupestres da Cadeia do Espinhaço: diversidade, endemismo e conservação. **Megadiversidade**, 4(1-2): 221-241.

VASQUES, H.C.F. 2009. **Avaliação da efetividade de manejo da Estação Ecológica de Murici, Alagoas**. Dissertação de Mestrado em Diversidade Biológica e Conservação nos Trópicos. Universidade Federal de Alagoas. 178p.

WHITNEY. 2003. Family Conopophagidae, p.732-747. In: del HOYO, J.; ELLIOTT, A. & CHRISTIE, D. **Handbook of the birds of the world, Vol 8: Broadbills to Tapaculos**. Lynx Edicions. 845p.

ZENAIDE, H. 1953. **Aves da Paraíba**. Editora Teone Ltda, João Pessoa. 215p.

ZIMMER, K.J. & ISLER, M.L. 2003. Family Thamnophilidae, p.448-681. In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. **Handbook of the birds of the world, Vol 8: Broadbills to Tapaculos**. Lynx Edicions. 845p.



O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade tem entre suas atribuições a responsabilidade de desenvolver estratégias para conservação das espécies ameaçadas de extinção. Assim, o ICMBio desenvolveu e aprimorou uma metodologia norteada pelo estabelecimento de consensos com base na construção participativa de um pacto para melhorar a conservação das espécies. Os esforços envidados desde 2009 resultaram no estabelecimento de uma extensa rede de parcerias entre representantes de inúmeras instituições nacionais e internacionais, que assumiram o compromisso junto ao Estado brasileiro de, durante o processo, executar as ações de conservação configuradas nos planos de ação nacional para espécies ameaçadas, os PANs.

Cada PAN tem alguma particularidade, que é subjacente às características intrínsecas das espécies, grupos ou ambientes abrangidos em cada recorte. Com o Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves da Caatinga, não podia ser diferente. O PAN Aves da Caatinga é coordenado pelo Centro Nacional de Pesquisa e Conservação das Aves Silvestres CEMAVE/ICMBio e tem como base a experiência acumulada com o desenvolvimento e a execução de mais de 50 PANs. Desta forma, o documento aqui apresentado é uma importante entrega para a sociedade, com a definição de uma estratégia factível, exequível e acima de tudo, tangível, para a proteção de 34 espécies e com alto grau de endemismo, contemplando também as espécies que apresentam ocorrência nos Brejos de Altitude Nordestinos. Este PAN incorpora também o envolvimento comunitário, especialmente no tocante à conservação do periquito-da-cara-suja, *Pyrrhura griseipectus*, que se tornou um símbolo de conservação local e permitiu o envolvimento da comunidade para a sua proteção.

O recorte territorial do Plano traz o desafio de consolidar e implementar as ações em escala regional, mas sem esquecer as particularidades e peculiaridades das espécies alvo, o que resultou em uma mudança de paradigma no planejamento de ações para conservação de espécies ameaçadas pelo ICMBio e constitui-se numa referência para a conservação no Brasil. A conservação das espécies abrangidas por este PAN, além de representar uma contribuição expressiva para a proteção da biodiversidade brasileira, representa também uma estratégia importante para a conservação de ambientes associados com a manutenção dos corpos hídricos e cursos d'água na Caatinga e desta forma, além de uma clara relação com o meio físico beneficia diversas outras espécies não ameaçadas e traz benefícios à população humana.

O PAN Aves da Caatinga foi aprovado pela Portaria ICMBio nº18/2016 com Grupo de Assessoramento Técnico (GAT), instituído pela Portaria ICMBio nº. 105/2016. O GAT tem a prerrogativa de monitorar, anualmente, o PAN e propor ajustes e correções necessárias ao longo do processo de implementação das ações.

MARCELO MARCELINO DE OLIVEIRA

Diretor de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade-ICMBio

COLABORADORES



REALIZAÇÃO



Ministério do
Meio Ambiente



2010